

Ano XV

Nº 78

SOMNIUM



Publicação Oficial do
Clube de Leitores de Ficção Científica



EDIÇÃO COMEMORATIVA 15 ANOS DO CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA



Contos - Artigos - Entrevistas e Notícias de FC, F&H

Índice

Editorial	
Quinze anos esta noite	03
Prêmio ARGOS 2000	04
Cartas do Leitor	05
FC no Papel	06
FC na Internet	07
Entrevistas e Depoimentos	
Jerônimo Monteiro por Roberto Cesar Nascimento	08
Roberto Cesar Nascimento por Marcello Simão Branco	09
Por mais amizade e participação por Marcello Simão Branco	14
Artigos	
In memoriam: Keith Roberts por João M. Barreiros	15
As viagens espaciais por Alfredo F. Keppler Neto	17
Ficção	
Manduruvá é o pai de todos por Ivan Carlos Regina	26
Ghazi por Carlos Orsi Martinho	28
O telepata experiente no reino do improvável por Jorge Candeias	40
A 2ª Mão Esquerda de Deus por António de Macedo	43
Labirinto por Simone Saueressig	49
Se os olhos pudessem matar por Daniel Alvarez	55
Ilustrações	
Thomas Schluck / "Shooting Star"	capa
Alex Coimbra	contracapa
Michael Whelan / "Outbound"	25
Edmilson Rodrigues Correia	48
Franco Storchi	42
Kléber Inácio da Luz	66

SOMNIUM

número 78

Dezembro de 2000

Editorias:

Social e Notícias

Ataide Tartari

<atartari@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

César R. T. Silva

<cerito@mandic.com.br>

Geral

Alfredo Franz Keppler Neto.

<akepple@attglobal.net>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Artur Franz Keppler

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria. O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 2000/2001 está composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e Matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

e-mail clfc@uol.com.br

Estava chegando ao fim o ano de 1985 d.C. (ou 5 d.L., como queiram)

Muitos brasileiros nem mais se lembram de como a nossa vida naquela época pleistocênica era radicalmente diferente da de hoje, quando estamos a poucos dias da virada do 3o Milênio e com a Rêde Global estendendo as suas teias até os mais remotos CDJ's da Terra.

O Brasil estava então acordando timidamente do pesadelo da ditadura e dos delírios de Grande Potência, mas ainda vivíamos praticamente isolados do grande mundo "lá fora": comunicações caras e difíceis e restrições cambiais praticamente intransponíveis para importação de qualquer coisa que fosse, particularmente livros e revistas. Tirando a elite das capitânicas hereditárias, que sempre teve aqui o que quis, para os demais 99% dos brasileiros, importado mesmo só usque paraguaio. Que aliás era quase todo "Made in Mooca".

Neste clima de transição, reúne-se casual e propositalmente um grupo heterogêneo de pessoas, catalisado pelo Roberto Cesar Nascimento, para fundar um dos clubes mais improváveis deste país de analfabetos, um clube de leitores. E justamente de FC, um gênero literário tão brasileiro como os pinguins e com um número de fãs que aqui talvez empate com os de *baseball*.

Muito já se disse sobre as origens e porque de ser do CLFC, nomeadamente que ele veio à luz com o objetivo básico de congregar os interessados em completar as suas respectivas coleções de Argonautas. Fato ou mito, tem a palavra o nosso amigo Nascimento, entrevistado especialmente para esta edição histórica.

E seja como for, o clube começou com a bola toda, beneficiando-se da organização, da dedicação e do entusiasmo dos seus sócios, cujo número aumentou rapidamente. Como resultado, mesmo sem ter chegado aos olhos do Grande Público, o CLFC acabou conquistando um lugar de certo destaque no raquitico meio cultural nativo, reunindo gente que procurava enxergar mais e mais adiante do que a próxima Copa do Mundo.

O *Somnium*, publicado desde o início das atividades do Clube, refletiu muito bem esta visão focalizada e de longo alcance, tanto que ao reler os seus números antigos ficam evidentes dois fatos curiosos.

Primeiro, salvo algumas menções indiretas e frases soltas aqui e ali sobre entidades esotéricas, tais como Cz\$, BTN's e ORTN's, pouca coisa transparece das profundas transformações políticas e econômicas pelas quais o País estava passando. Sobre os furacões Reais e Colloridos, só para mencionar alguns eventos contemporâneos relevantes, nada. Ou quase nada. A visão era sempre no Futuro ou num dos inúmeros Passados Alternativos, visões que poderiam ser confundidas com alienação não fossem elas propositais.

Segundo, ninguém acertou ao prever o Futuro que já chegou. Nem os otimistas, como o venerável Jerônimo Monteiro, nem tampouco - sorte nossa, os pessimistas. Por exemplo, nenhum de nós previu a Internet, a Queda do Muro e a infestação de McMerds, *Sale's* e *Delivery's*, que estão arruinando a nossa digestão e destruindo a nossa cultura. Ou seja, quinze anos depois estamos vivendo num país que mudou muito, porém para um lado que ninguém imaginou. Naturalmente, não vale contar os acertos nas coisas óbvias: a bandalheira continua rolando solta (alguém achou que ia acabar?), cresceu o desemprego e a violência urbana (dois temas favoritos dos pessimistas), sem deixar de lembrar da inundação de sacos, garrafas e bugigangas que já ameaça cobrir toda a Superfície do Planeta num dilúvio de plástico vagabundo e incorruptível.

Deveremos então desistir?

Claro que não! Mesmo porque, como já diziam os sábios, aqueles que não prevêm o Futuro acabarão sendo vítimas dele. Logo, mesmo que a nossa pontaria não tenha sido das melhores no passado, será nosso dever continuar exercitando a imaginação, pelo menos enquanto estivermos ainda (milagrosamente?) flutuando no Mar de Lama.

Então porque não exercitá-la da maneira que mais gostamos, através da FC?

Afinal, desenvolver a Imaginação sempre foi a principal razão pela qual lemos FCF&H e é, por extensão, também uma razão de ser do CLFC - junto com a Amizade, o Chopps e a Divina Pizza de Aliche!

O Editor

Prêmio ARGOS 2000:

Prêmio incentiva a ficção científica brasileira

por Renata Corte

Aos poucos, a ficção científica brasileira engata uma segunda marcha e acelera. Foi realizada na noite do sábado 28/10/200, em São Paulo, a entrega do primeiro **Prêmio Argos de Ficção Científica**.

O objetivo é reacender o interesse de leitores e escritores pelo gênero, que, a duras penas, tenta manter-se à superfície num mar de lançamentos de autores estrangeiros. O Argos, outorgado pelo CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica - em sua primeira edição, premia e reconhece os melhores da ficção científica brasileira durante o ano de 1999. Quem escolhe os melhores são os próprios sócios do CLFC, por meio de voto direto.

O vencedor na categoria "**Melhor Ficção**" foi o escritor paulistano Ivan Carlos Regina, com "Sete Vezes Besta, Sete Vezes Homem", publicado na revista especializada *Somnium*, nº 74.

Na categoria **Melhor Publicação**, o vencedor foi o editor Roberto Nascimento com a edição comemorativa de "Argonauta 500" (Qanat/CLFC).

Uma personalidade especial marcou a noite, recebendo o **Prêmio Argos Especial** pelo conjunto da obra foi o editor Gumerindo Rocha Dorea, o primeiro editor a publicar uma coleção exclusiva de ficção científica de autores brasileiros, na década de 50.

Os vencedores das duas primeiras categorias receberam um troféu, certificado e um cheque de R\$ 500 cada um.

O jornalista e escritor jundiaense Carlos Orsi Martinho conquistou o segundo lugar na categoria "Melhor Ficção", com a novela curta "*As Dez Torres de Sangue*". Foi o escritor que teve o maior número de trabalhos indicados ao prêmio. Martinho fez sua estréia literária com o conto de ficção científica "*Aprendizado*" publicado pela versão brasileira da "*Isaac Asimov Magazine*" em 1992. Desde então, já publicou trabalhos nas revistas "*Dragão Brasil*" e "*Só Aventuras*", da editora Trama, e em diversos fanzines, tendo recebido os prêmios Nova e Tapirai, concedidos pela comunidade brasileira de fãs e publicações alternativas de ficção científica. Em 1996, a editora Didática Paulista lançou a primeira coletânea de trabalhos de Carlos, reunidos no volume "*Medo, Mistério e Morte*".

O escritor conta, ainda, com textos publicados em algumas das principais antologias brasileiras de ficção fantástica lançadas nos últimos anos, como "*Estranhos Contatos*" (organizada por Roberto Causo para a editora Caioá), "*Outras Copas, Outros Mundos*" (org. Marcello Simão Branco, ed. Ano-Luz) e "*Phantastica Brasileira*" (que ajudou o autor carioca Gerson Lodi-Ribeiro a organizar, para a mesma Ano-Luz).

A novela de aventura "*As Dez Torres de Sangue*" foi publicada na "Coleção Fantástica", organizada por Marcello S. Branco e César Silva, em 1999. A primeira antologia de contos da revista "Quark" também traz um trabalho do autor - o conto fantástico/erótico "*Escaravelhos e a Filha do Duque de Ev*". Os leitores de "Quark" elegeram um conto de Martinho, "*A Engrenagem Vulgar*" (inspirado em poema de Augusto dos Anjos), como o melhor do ano de 1999. Em 2000, o primeiro número da coleção de ficção especulativa Terra Incognita foi a mini-antologia de contos de terror "O Mal de Um Homem" (Editora Ano-Luz).

Transcrito do JJ on Line / Jornal de Jundiaí de 30/10/2000

Cartas do Leitor:

Arre, até que enfim alguém escreveu para comentar algo que leu no Somnium! Prova conclusiva de que temos ao menos um leitor, fato que antes não era de todo certo. Sempre é bom saber que alguém está se dando ao trabalho de ler e criticar o fanzine do clube do qual ele é sócio, afinal não teria muito sentido ficar publicando para o vácuo.

Cartas com críticas, sugestões e colaborações são bem-vindas, seja por e-mail (akepple@attglobal.net), pelos fiéis Correios ou até por telepatia, se bem que neste último caso a resposta pode demorar um pouco mais, dado à obsolescência e ao congestionamento das redes neurais do Editor.

"Alfredo

O nosso ilustríssimo e apressado editor esqueceu-se de dar o devido crédito ao autor da resenha publicada na página 30 do *Somnium* 77. Seu autor é Lúcio Manfredi, e a resenha em questão foi primeiro divulgada na lista do CLFC, onde, aliás, eu já havia há muito esclarecido que Ronaldo Sémper Fidelis não é outro além de eu mesmo, Roberto de Sousa Causo — o que esvaziava a elaborada piada impressa na página 4.

Ainda sobre a edição 77, ofereço meu humilde apoio à idéia de organizarmos uma convenção de FC em futuro próximo.

Um abraço do Roberto de Sousa Causo"

Responde o Editor:

De fato, esqueci de colocar o nome do Lucio Pina Manfredi junto ao texto da resenha em questão, se bem que ele está devidamente creditado no Índice. Quanto ao RSF, eu pensei nos que não participam da Lista - fora que a piada não é de todo ruim! Mas infelizmente somos mais lembrados pelos nossos erros do que pelos nossos eventuais acertos. Particularmente, devo dizer que no meu caso só fui lembrado pelos erros (que reconheço): nunca tive prazer de receber um elogio, nem que fosse pela trabalhadeira de tocar o fanzine.

Desculpem, mas não resisti a chutar a bola levantada.

Sds. resignadas,

Alfredo

"Bem, Alfredo, eu diria que você está imprimindo uma personalidade própria ao fanzine, e que isso é muito positivo. Precisa prestar atenção nessas coisinhas, porém. Esses dois pontos (:) flutuando longe das palavras também dá nos nervos... Outro aspecto positivo na sua "gestão" do clubzine do CLFC está na sua coragem de publicar material relativamente polêmico e de chamar a atenção do sócio para a sua inércia e indolência (fui redundante?). Gosto ainda dos comentários que você faz, anunciando cada conto ou artigo. É a primeira vez que esse tipo de texto totalmente secundário assume algum interesse.

Por fim, usar o *Somnium* para propor uma convenção de FC é outra coisa audaciosa que merece louvores. É a primeira vez, aliás, que o CLFC, direta ou indiretamente, levanta essa bandeira.

Continue o bom trabalho, não ligue para as minhas queixas (basta publicar a carta) e tente se divertir um pouco com a trabalhadeira.

Roberto de Sousa Causo"

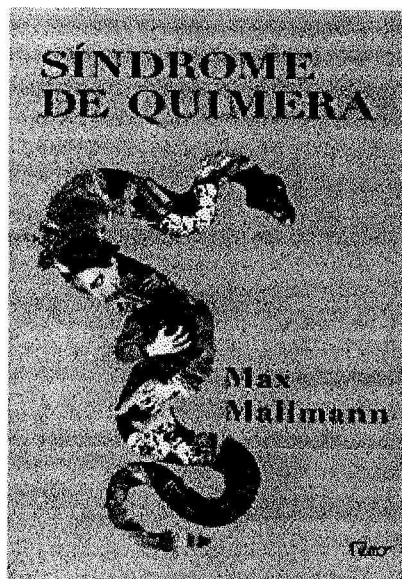
Responde o Editor:

Tem gente que se diverte carregando pedra, porque então não haveria quem gostasse de editar fanzines? Ou que vibrasse organizando eventos e InteriorCons, não é? V. e outros que já fizeram as duas coisas, devem saber disso e de como é difícil transformar idéias em realidades.

SÍNDROME DE QUIMERA

Max Mallmann

Ed. Rocco



Síndrome de Quimera, o romance de Max Mallmann, é povoado por gente com “pequenas manias ou anomalias”. O narrador, Viktor, sofre de um mal particular: enrodilhada ao seu coração, há uma serpente. Uma pequena cascavel, que lhe causa apertos e angústias. Bruno, amigo de Viktor — e sócio deste num café-livraria chamado *A Quimera* — tem o hábito não muito civilizado de desenroscar a tampa da cabeça e puxar o cérebro pra fora. Descerebrado, Bruno bebe cerveja (metade da cerveja ele bebe normalmente, metade ele despeja na bacia onde guarda o cérebro). Nada melhor para aliviar a tensão do dia-a-dia.

Entre livros de Stevenson, Borges, Kafka e Mario Quintana, Viktor e Bruno vão levando a vida numa Porto Alegre contemporânea e fantástica. Os fregueses da livraria são tão “normais” quanto os proprietários: a moça feia que devora livros — literalmente — porque seu corpo é feito de fibra de celulose; o amigo que se transformou numa esponja humana cheia de água salgada e algas; a linda mulher cujos olhos brilham no escuro como um casal de vagalumes... Apesar da sua “peculiaridade”, e das bizarras características das pessoas que o cercam, Viktor tenta levar uma vida bem gente-como-a-gente. Até que descobre um terrível segredo sobre seu passado.

Um dos expoentes da nova geração de escritores, Max Mallmann conseguiu uma química rara em *Síndrome de quimera*: misturou realismo mágico com o melhor do suspense, temperando a receita com diálogos cortantes. Além disso, em cada página do livro, escrito em deliciosa linguagem ao mesmo tempo coloquial e metafórica, perpassa um humor fino, muito sutil.

O autor nos convida a perceber que talvez não exista apenas uma única realidade. E a rir de nós mesmos, de nossos medos e desejos.

INTEMPOL

(coletânea div. autores)

Ed. Ano-Luz (R\$23,00)

Finalmente vem à luz pela editora iluminada a tão esperada coletânea de contos ambientados no universo da INTEMPOL, a Polícia Internacional do Tempo, uma criação genuinamente nativa do nosso versátil sócio Octavio Aragão: além de editar e assinar um dos contos, ele também criou e protagonizou a capa do livro. Que chega atropelando todos os clichês do romance *noir* com aquela nossa característica ginga, escracho e bom humor.

Apesar desta aparência descontraída, o processo que começou apenas como uma idéia divertida no conto do Octavio *Eu matei Paolo Rossi* encontra-se hoje num estágio de grande atividade profissional, inclusive amparada pela Lei Rouanet de incentivo às atividades culturais. E já são vários autores nacionais, de consagrados a novatos dedicando-se a produzir textos intempolianos.

O campo continua aberto a todos os que quiserem entrar: há poucas regras rígidas, além de, é claro, uma seleção qualitativa. A lista de discussão na Internet intempol2@egroups.com é o ponto de encontro da turma e portanto o local mais indicado para continuar conhecendo e participando dela.



O Dilúvio pós-moderno certamente nos afogará em informações e não com água, fogo ou bosta, como preconizavam os profetas coléricos de antanho. Se bem que, a julgar pelo conteúdo de boa parte das páginas na Internet, até que é bem provável uma combinação com a última substância, por assim dizer... Assim sendo, a procura por locais interessantes no meio da torrente torna-se um exercício de paciência, um teste de elasticidade sacal para já nenhum botar defeito.
O que está a seguir é, como sempre, apenas uma pequena amostra do que andamos pescando, com um certo esforço de seleção.

Sites

FC francesa <http://clepsidre.free.fr/>

O Patrick Mergey, gente finíssima, pretende reunir neste site o pessoal que de alguma forma ou de outra escreve FC ligada ao tema do Tempo, viagens temporais e coisas do género. Ele já escreveu para a nossa lista e gostaria de receber obras do pessoal interessado em escrever sobre o tema proposto e/ou incluir links para as suas páginas pessoais.

Contos e mais contos <http://www.short-stories.com.uk>

Um site inglês dedicado, adivinhem... a publicar contos. Tem um monte de tudo, desde textos inéditos de estreantes até os clássicos - Ambrose Bierce, H.G. Wells etc. Ele é portanto uma excelente fonte de referência para recuperar a aquela citação apropriada ou para tentar colocar o seu trabalho aos olhos do mundo.

O Brasil visto por "eles" <http://www.sfsite.com/10a/pa90.htm>

Esse é uma raridade, um site de uma autora anglófona que escreveu - e ainda escreve - romances e contos ambientados no Brasil e Portugal. Patricia Anthony viveu por aqui por uns tempos (mais exatamente durante a década de 70, em plena ditadura militar) e baseada nesta sua experiência escreveu o livro "*Crade of Splendor*", que nada mais é do que a tradução literal do "bêrço esplêndido" no qual presumivelmente vivemos.

Marte na tela <http://www.multimania.com/starmars/mars.html>

Um site com tudo quanto que é filme sobre o Planeta Vermelho, alguns cliques podem ser baixados, um *must* para todos os fãs de FC, até para os mais empedernidos leitores. (*dica do João Barreiros*)

Sítios

Toma essa, Capitão Kirk!! <http://www.trekbrasilis.com.br>

Gustavo Leão detona neste sítio a Enterprise, capitães, Romulanos e também, por tabela, com trekkies, trecos, X-cers, babiloucos e toda a trupe das séries de FC. Uma variante interessante a todos os inumeráveis e tediosos sites dedicados a estas deliciosas diversões inúteis e em particular, à melhor série de todos os tempos (tá bom, vai, eu concordo, empata com National Kid e o Papai Sabe Tudo...).

Startrash <http://sites.uol.com.br/startrash>

A página oficial do sítio do filme brasileiro de mesmo nome. E nunca um nome foi tão apropriado, só vindo mesmo. Até que o resultado não foi de todo ruim, considerando os modestos recursos empregados.

CLFC <http://members.tripod.com/~CLFC/>

Finalmente, após um longo e tenebroso período largado às cibertraças, eis que volta vigoroso e valente o sítio oficial do Clube, com novo visual, novos contos e, esperamos, também novos contribuintes, leitores e críticos.

Esta matéria foi transcrita como publicada na página 2 do número 2 d' "O COBRA", Órgão Interno da Iª Convenção Brasileira de Ficção Científica"⁽⁵⁾, São Paulo, 16 de setembro de 1965. Os comentários foram introduzidos por mim com o objetivo de esclarecer o leitor sobre alguns aspectos que julguei relevantes para todos os efeitos, e estão limitados aos detalhes de que me recordei ou de que tenho conhecimento, o que não significa que esgotem o assunto.

Roberto César Nascimento

O FUTURO DA FC NO BRASIL

Não pode haver nenhuma dúvida quanto ao futuro da FC no Brasil. O povo é o mesmo em todo o mundo, com reações semelhantes. Se a FC é o que é em numerosos países, não há razão para que não seja o mesmo em nossa terra. É preciso considerar, ainda, que o brasileiro é naturalmente um povo de muita vivacidade, de compreensão pronta e com uma sede de saber que nada fica devendo a sementeira de compreensão e amor entre nenhum outro. Até o momento a FC não tomou o rumo que deveria tomar e isso se compreende: os editores receiam um gênero novo. Preferem permanecer nos ramos já experimentados, cujas possibilidades conhecem. Eu fui um dos que insistiram com numerosos editores nacionais para lançarem livros de FC. Nenhum teve ânimo. Mas quando Gumercindo Rocha Dorea, do Rio, resolveu enfrentar a tarefa e lançar-se à aventura, fiquei tranquilo. Outros viriam em seguida, como vieram. Temos, atualmente, a EDART⁽¹⁾ em plena ação. Sabemos de pelo menos mais duas grandes editoras paulistas que vão, muito em breve, começar a soltar os livros já em preparo. Quando as livrarias tôdas estiverem exibindo livros de FC, nacionais ou traduzidos, em abundância, o povo corresponderá plenamente.

Vemos assim que a segunda pergunta está respondida. Você quer saber se as perspectivas dos autores nacionais melhoraram. É claro que sim. E melhorarão cada dia mais.

Entre os livros de FC que escrevi, dos publicados o que mais me satisfaz até agora é o "Fuga para Parte Alguma"⁽²⁾. Literariamente, quero dizer. É um livro que os críticos colocam na linha chamada "derrotista", mas reflete exatamente a minha amargura com respeito ao Homem que, tendo um mundo nas mãos para fazer dele algo perfeito e feliz, só tem feito asneiras através dos séculos. E porque não creio que no próximo milênio venha a fazer com a sua vida algo melhor. Permita-me, porém, dizer que o meu próximo livro, "Tangentes da Realidade" a sair em breve, edição da Edart⁽³⁾, embora seja um volume de contos, creio que é o que melhor reflete a mim mesmo.

Penso que um "clube de FC" não preencheria as finalidades que se tem em vista. A "Associação Brasileira de FC", pelo contrário, tal como foi inicialmente esboçada pelos organizadores⁽⁴⁾ da presente Convenção, creio eu, virá a desempenhar papel importante e indispensável, e será fator de segurança para autores e editores.

Não se pode prever que rumos tomará a FC no Brasil. Mas é de crer que evolua, que venha a desempenhar papel importante na educação e esclarecimento do povo. A FC de fundo sociológico é coisa muito séria. E que dizer da pregação de paz (para mim uma das maiores possibilidades da FC) da sementeira de compreensão e amor entre os homens? Nenhum outro gênero literário pode, como a FC, lutar pela Paz e pelo Amor. Nenhum pode, como a FC, transportar para o futuro os seus heróis e personagens e mostrar-lhes o resultado de sua ação no presente. Eis uma arma de construção, de salvação, de amor, que muitos autores de FC manejarão no futuro, na luta que se trava, desde a aurora dos tempos, pela felicidade da Humanidade.

—oooOOOooo—

⁽¹⁾ A EDART, que contou com André Carneiro como seu Chefe de Edição, publicou sete títulos de FC, entre 1963 e 1966, numa coleção intitulada CIÊNCIFICÇÃO, e na qual Jerônimo Monteiro teve publicado seu "Visitantes do Espaço" (nº 5, 1963).

⁽²⁾ Publicado pela GRD, em sua primeira série (nº 8, 1961).

⁽³⁾ Esta coletânea não chegou a ser publicada pela EDART, embora estivesse originalmente programada para ser o volume nº 10 da já referida coleção CIÊNCIFICÇÃO, tendo sido entretanto publicada pela Editora 4 Artes Ltda. (1965). Sobre aquela coleção, e do por que de alguns dos títulos programados não terem sido publicados, recomenda-se a leitura, respectivamente:

- Seção "Colecionando", Somnium 23, pag. 15
- "Crônicas do André", Somnium 27, pag. 19

⁽⁴⁾ Seria interessante que leitores que tenham eventualmente participado da ABFC enviassem informações, comentários e, principalmente, cópia de documentação que venham enriquecer a história desta entidade (quando foi concretizada, por quem, que atividades e/ou publicações manteve e que razões levaram à sua extinção ou, pelo menos, inatividade) e do fandom nacional. Desconheço as razões que teriam levado Jerônimo Monteiro a achar que um "clube de FC" não atingiria os objetivos que almejavam à época - nem quais seriam tais objetivos, e nem por que uma "associação brasileira de FC" o faria - e no que esta diferiria daquele. Razão maior para que os leitores que participaram do fandom na ocasião venham esclarecer melhor este assunto.

⁽⁵⁾ Esta Convenção foi organizada por Clovis Garcia, Ladislau Deutsch, Ney Moraes, Nilson Martello e Walter Martins.

Parece ser uma norma ou lei universal, tão inexorável quanto as leis da Física, que todo clube ou associação de amadores tenha que ter o seu "sócio motriz". Ou, na terminologia do bokonismo de Kurt Vonnegut, o seu "vampeter", aquela pessoa especial em torno da qual tudo gravita, como planetas presos ao Sol pelos laços sutis da curvatura do espaço-tempo.

O CLFC foi idealizado, fundado e conduzido por muitos anos pelo Nascimento, mentor, motor, vampeter e acima de tudo, amigo. De uns tempos para cá ele anda um tanto afastado do dia-a-dia do clube, porém de uma forma ou de outra continua sempre ligado em tudo o que acontece por lá. Ninguém melhor do que ele portanto para falar sobre o clube, que está agora completando 15 anos de existência e de sucesso.

1. Olhando de volta para 1985 e comparando com o ano 2000, como você analisa a trajetória do CLFC e, por extensão, da própria ficção científica brasileira ? Valeu a pena ?

Em 1985 eu tinha um objetivo básico: criar um mecanismo de aproximação dos fãs de FC no país de modo a estabelecer uma comunidade que oferecesse condições favoráveis para que o gênero pudesse florescer. Por condições favoráveis entenda-se, entre outras:

- o reconhecimento público da existência de um fandom consumidor de FC, estimulando editoras, importadoras, distribuidoras e livrarias a investir no gênero, e
- a existência de uma "incubadora" de talentos na qual escritores, ilustradores, críticos, ensaístas e editores amadores pudessem se exercitar e oferecer seu trabalho à apreciação de seus *amigos* antes de se aventurarem em vôos mais altos. Este segundo aspecto sempre esteve subjacente, ou seja, o CLFC - enquanto aquele mecanismo, deveria ser, antes de mais nada, um grupo de amigos que se aproximassem através de pelo menos um interesse comum. A idéia era que tais pessoas vivenciassem tudo o que um grupo de amigos habitualmente faz; no caso particular, *inclusive* FC!

Os primeiros anos do clube viram surgir o embrião de um fandom digamos "mais estruturado", o grupo de amigos e o esperado florescer de talentos que produziram intensivamente e ofereceram, na maior parte do tempo, trabalhos de boa qualidade.

Aos poucos, estes talentos foram se sobrepondo ao conjunto. É muito natural que talentos sejam reconhecidos, sobressaiam, ganhem admiradores. O problema é que, ao mesmo tempo, talentos começam a se antagonizar, buscar espaços cada vez maiores e mais próprios, criar fatos - ou factóides, impor liderança. Esta "evolução" acabou por sufocar o conjunto, matando a "galinha dos ovos de ouro", ou seja, afastando o restante do grupo, importante "mercado interno" daqueles mesmos talentos até que pudessem fincar bandeira no "mercado externo". Em resumo, os "egos" acabaram dando um tiro no próprio pé!

Num grupo tão novo e tão pequeno - ainda que o crescimento do quadro social nos primeiros anos fosse exponencial, mostrando um enorme potencial, a estratégia mais lógica teria sido aqueles mesmos talentos e lideranças assumirem o papel de *fortalecer o clube*. Este fortalecimento poderia vir a partir da criação dos "grupos de interesse", então propostos, verdadeiros clubes dentro do clube, assumidos e liderados por aqueles, com suas próprias reuniões, publicações e eventos. Estaríamos ampliando e consolidado o fandom, fazendo escola e, ao mesmo tempo, reconhecendo e abrindo espaço, *dentro da mesma entidade*, para suas diferentes áreas de interesse, talentos e lideranças. É como fazem, com muito sucesso, entidades como Lions e Rotary, por exemplo.

Passados estes 15 anos, uma retrospectiva da "*trajetória do CLFC e, por extensão, da própria ficção científica brasileira*", sob minha ótica muito pessoal, e considerando o "intróito" acima, mostra que:

- as editoras, importadoras, distribuidoras e livrarias brasileiras continuam não dando a mínima bola para a FC e, menos ainda, para seu fandom;
- nossos fanzines especializados continuam minguados em número, material, assinaturas, distribuição;
- o quadro do CLFC inicialmente estacionou e em seguida encolheu;
- o clube desapareceu da mídia e diminuiu drasticamente seus eventos públicos e mesmo internos;
- o *Somnium* quase implodiu, tendo reduzido sua periodicidade e, o que é pior, seu conteúdo - o que é surpreendente e conflitante, já que afinal todos os mesmos talentos que o faziam em sua melhor fase continuam associados ao clube;
- as reuniões e eventos do clube se transformaram numa passarela (quando não num ringue) de egos, cada qual mais inflado que outro;

- nossos associados não são estimulados a apresentar e liderar projetos que interessem ao clube, ao fandom e à FC nacional;
- o clube não tem visão estratégica nem plano-diretor de curto, médio e longo prazos;
- nossos “capítulos” em outros estados ... bem, que fazem ?

Mas também vimos, nestes mesmos 15 anos, que:

- alguns poucos, inegável e certamente por seus méritos, conseguiram algum destaque seja como ficcionistas, editores, críticos, ensaístas ou ilustradores - pena que boa parte deles de alguma forma renega o CLFC que raríssimas vezes é mencionado em seus trabalhos, aparições públicas e demais manifestações;
- dentro do espírito sob o qual o clube nasceu, amizades profundas se estabeleceram, casamentos foram feitos, projetos de vida foram cristalizados, nosso fandom e seus representantes mais destacados passaram a ser conhecidos e respeitados além fronteiras;
- de alguma forma o clube atuou como elemento catalizador que propiciou o surgimento de outras entidades, publicações e iniciativas, ampliando o fandom além dos limites de sua atuação institucional;
- acima de tudo, e apesar de ter se transformado numa associação mais de “profissionais” (!) do que de fãs-leitores, o clube sobreviveu por todos estes anos, o que não é dizer pouco.

“Valeu a pena ?”

Certamente valeu! Graças aos acertos e apesar dos erros.

Ainda temos nosso clube e este ainda tem um enorme potencial.

Ainda temos talentos.

Ainda temos tempo!.

Posso dizer, sem vacilar, que ainda tenho muito orgulho e continuo depositando muitas esperanças neste que reputo ser, ainda, um dos melhores exemplos de organização no fandom nacional de FC&F, pois não se devem esquecer os inegáveis méritos de terceiros antes e depois do CLFC.

2. O CLFC já passou por várias fases, presidentes diferentes, ora com mais atividades, ora com menos. Quais os desafios que se apresentam à entidade para os próximos anos ?

São vários e, de certa forma, assustadores.

O maior de todos os desafios, em minha opinião, é *repensar o clube!* O que queremos ser ? para onde queremos ir, e como ? o que queremos deixar para as próximas gerações do fandom ?

O CLFC não foi criado para ser um clube de escritores, ou de editores, ou de críticos, ou de ensaístas, ou de ilustradores. Foi pensado e vocacionado para ser um clube de *fãs* e, acima de tudo, de *leitores* de FC, ou seja, de *amantes do gênero* - sob o conceito de reunir, literalmente, os “amadores” e não os “profissionais” do gênero. Foi criado para ser um clube de *amigos*, e não de *competidores*.

Se, neste grupo, amadurecessem talentos que chegassem a se “profissionalizar”, tanto melhor: nosso prazer, nosso orgulho, nossa admiração. Continuariam sendo mais do que muito bem-vindos; seriam requisitados a compartilhar suas experiências, a orientar e apadrinhar novos talentos, a usar seu prestígio para alavancar o clube e o fandom. Mas, por definição, isto não deveria descaracterizar o clube (vide resposta à pergunta anterior).

A questão, portanto, é saber se devemos continuar sendo aquele clube inicialmente idealizado ou, alternativamente, mudar sigla e nome para C...FC, onde “Profissionais” ou “Escritores” tomariam o lugar de “Leitores” - do que, na prática, nosso clube mais se aproxima hoje, como já disse.

Você já se perguntou do por que das reuniões sociais nas “Noites da Pizza” terem quase sempre mais frequência e mais animação do que as reuniões mensais ? Na minha opinião, porque resgatam um pouco o espírito inicial do clube.

As próximas considerações, que não estão listadas em ordem de importância ou precedência, estão apoiadas na minha opinião toda particular de que o clube deveria resgatar o espírito inicial que o animou com tanto sucesso em sua fase áurea, valendo-se de seu prestígio institucional e do prestígio individual de seus associados mais destacados:

Primeiro, tentar trazer para dentro do clube as iniciativas externas - sob o comando dos mesmíssimos empreendedores que são, antes de mais nada, sócios do CLFC, retomando a expansão da entidade e buscando sua consolidação definitiva.

Segundo, admitir, clara e decididamente, que não se poderá fazer praticamente nada, menos ainda avançar, sem recursos financeiros. É *imperativo* implantar a mensalidade social e fixar metas de investimento de curto, médio e longo prazos.

Não é preciso pagar muito, mas é preciso pagar, mesmo que pouco, e fazê-lo regularmente através do tempo. Se, nestes 15 anos, tivéssemos tido pelo menos metade do quadro recolhendo mensalmente o equivalente a US\$ 2.50, teríamos terminado o ano de 1999 com um capital para investimento da ordem de alguns milhares de Reais, fora juros e correção monetária, ou seja, neste dezembro de 2000 bem poderíamos estar comemorando os 15 anos do clube em nossa sede própria.

Terceiro, reformular profundamente nosso site na Internet, tornando-o eficiente e eficaz de modo a ampliar a divulgação do clube e o acesso a seus produtos, serviços e informações, tanto para os sócios quanto para terceiros, especialmente para aqueles que moram em cidades no interior dos estados - com todas as vantagens e potencial daí decorrentes. A net é uma realidade e seus benefícios superam em muito os seus defeitos.

Quarto, reformular totalmente o *Somnium*, recuperando periodicidade, conteúdo, divulgação e assinaturas. O mesmo se aplica ao *Informativo Mensal*.

Quinto, retomar eventos como as Mostras Anuais de FC&F e os Leilões.

Sexto, criar uma Convenção Anual Nacional de FC&F, aproveitando toda experiência obtida na realização de eventos similares (Causo, Cesar), bem como na participação em convenções no exterior (Causo, Gerson, Keppler, Luiz Marcos), sem prejuízo de se buscar apoio, orientação, sugestões e ensinamentos no fandom brasileiro (Frota Estelar), norteamericano (com apoio dos inúmeros contatos que temos), europeu (idem) e onde mais for o caso, não nos esquecendo das indispensáveis parcerias.

Sétimo, voltar à divulgação tipo "trabalho de formiga", prática, barata e eficiente, como as nossas já famosas "flipetas" colocadas em livros do gênero, os cartazes fixados em livrarias, grêmios escolares, quadros de aviso em empresas, etc.

Oitavo, pensar na renovação do próprio fandom - nós estamos ficando velhos! e é um fato que precisamos encarar de frente, buscando iniciativas que estimulem as novas gerações de leitores que começam a se formar muito cedo (aos 8, 9 ou 10 anos), oferecendo-lhes FC&F como alternativa interessante e estimulante de leitura (quantos cientistas já não admitiram que tiveram sua vocação despertada pela FC?).

Nono, criar uma assessoria de imprensa que se dedique integralmente ao processo de divulgação do clube, de seus eventos, de seus produtos e serviços, do trabalho de seus sócios, da FC enquanto gênero, etc.

Finalmente, criar um Concurso Anual Nacional de Contos de FC&F, publicando a Antologia correspondente. Poderia ser estruturado por categorias: nível (estreantes, amadores, profissionais, por exemplo), ou faixa etária, ou ainda grau de escolaridade (alunos de primeiro, segundo e terceiro graus, por exemplo). Talvez mais de um ?

Não é pouco, reconheço, nem é fácil! Mas é o que, em minha opinião, precisa ser feito ou nosso clube continuará no limbo. Como já disse, nós temos algo muito importante: *tempo*! Resta saber se é isso que queremos e, principalmente, se teremos *vontade*! É lugar comum, mas ainda é válido: precisamos deixar de perguntar o que o clube pode fazer por nós e passar a *fazer* o que nós *podemos* pelo clube!

3. O CLFC sofre já há alguns anos com uma visível falta de renovação em seus quadros. Nem sempre foi assim, especialmente nos primeiros anos. O que aconteceu?

Quem conhece, ou pode conhecer, um clube que não é divulgado ?

Quem pode se interessar por um clube:

- que não mantém publicações lá muito interessantes?
- que oferece reuniões monótonas e sempre iguais?
- que não oferece sede própria ou biblioteca circulante? (somos, por definição, um clube de leitores, não é?!)
- que não oferece eventos estimulantes?
- que não abre espaço para iniciantes mostrarem seus trabalhos?
- que, em resumo, não estimula a associação ao seu quadro?

4. Qual sua opinião sobre o estado atual da comunidade brasileira de FC ?

Comunidade, para mim, é sinônimo de *conjunto articulado*.

Não vejo propriamente a existência de uma comunidade brasileira de FC. O CLFC e a Frota Estelar são o mais próximo de um embrião que se pode ter desta comunidade, mas têm lá suas mazelas e, principalmente, não atuam em parceria.

Assim, o que temos são iniciativas individuais - vide a recente ApeCon, por exemplo, que, apesar de meritórias e de reconhecido valor, não constituem o que eu consideraria exatamente uma comunidade. Enquanto tivermos iniciativas dispersas, perderemos a força do conjunto. Não prego a hegemonia do CLFC sobre o fandom, mas defendo que o clube - ou outra entidade qualquer, assumida uma inevitável liderança se quisermos

efetivamente formar e consolidar uma verdadeira comunidade brasileira de FC que albergue, com o tempo, uma pluralidade saudável e integrada de entidades, eventos, prêmios, etc.

5. Qual é o desafio para tornar a ficção científica brasileira conhecida, lida e respeitada pelos leitores brasileiros ? Mais qualidade literária ou mais investimento econômico e publicitário ?

Certamente, qualidade é fundamental: *mercado* só existe para produtos de qualidade. Claro que investimento é importante, mas investidores só arriscarão em produtos de qualidade que tenham efetivamente *mercado*. Evidentemente que publicidade é “a alma do negócio”; entretanto, só é eficiente e eficaz, para seu nicho de *mercado*, se apoiada em produtos de qualidade.

Assim, creio que o maior desafio já foi identificado e repisado: sem um fandom amplo, coeso, consolidado, não haverá mercado. Sem mercado, esqueça!

Vencido este desafio (fenomenal), é claro que as demais premissas deverão ser atendidas: qualidade de produto, investimentos e publicidade.

Acredito que a partir de determinado ponto criaríamos o ciclo auto-alimentador ideal: fandom maior atraindo mais e melhores produtos, investimentos e publicidade, o que por sua vez estimularia a ampliação daquele mesmo fandom - leia-se, mercado, o que por sua vez atrairia mais e melhores produtos, investimentos e publicidade, e assim por diante. A história do fandom e da indústria de FC norteamericanos são um belo exemplo disso.

6. Há algum tempo você vem defendendo a idéia de que os fanzines se transformaram em verdadeiras revistas, publicando apenas contos e artigos de colaboradores de nível profissional. E que isso estaria impedindo uma possível renovação dos autores. Nos explique melhor este argumento.

Antes de tudo, que fique absolutamente claro que não tenho nada contra a existência de fanzines cuja linha editorial privilegie o que você chamou de “*colaboradores de nível profissional*”. Acho mesmo importante que tais veículos existam, até porque são das poucas alternativas para que se possa ter acesso a trabalhos de qualidade, na ausência de um mercado editorial mais interessado no gênero.

O que eu reputo um enorme equívoco é o *Somnium*, na verdade um *clubzine* e que, portanto, deveria estar aberto a *todos* os sócios para a apresentação de seus trabalhos, tenham estes o nível que tiverem, ter trilhado aquele mesmo caminho.

Afastar colaboradores considerados de “nível *não* profissional” é negar a oportunidade destes autores mostrarem seu trabalho, serem criticados, perseverarem, melhorarem. Em resumo, é impedir - ou, pelo menos, atrapalhar, e muito, o surgimento e aperfeiçoamento de novos talentos, bloqueando a renovação mencionada e de todo altamente desejada.

O próprio CLFC poderia ter duas publicações: o seu (insisto) *clubzine*, na figura do *Somnium*, acolhendo uma ampla e variada gama de trabalhos em termos de qualidade, e um fanzine - ou magazine, como querem alguns, que, esse sim, fosse mais “seletivo”, por exemplo.

O mesmo se aplica aos editores independentes, que poderiam publicar mais de um título: um dedicado ao segmento “profissional” e outro direcionado ao “amador”, estimulando este último e ampliando o espaço daquele.

Vale retomar uma das propostas já apresentadas na resposta à pergunta sobre os desafios do clube: antologias anuais decorrentes de um concurso de contos com categorias voltadas a estreadores, amadores e profissionais, abriria espaço para todos e a todos estimularia.

7. Por que você gosta de FC&F ?

Porque é uma forma de manter e estimular meu “sense of wonder” que, felizmente, nunca me abandonou desde muito menino e que, espero, não venha a perder para o cínico empedernido em que a vida, teimosamente, tenta me transformar.

8. Quais seus autores e obras de FC&F preferidos ?

A lista seria muito longa, já que leio com alma de garoto e não com espírito de acadêmico. Para provável surpresa de muitos, curto talvez um pouquinho mais fantasia do que ficção científica. De qualquer modo, para não ser muito óbvio nem deixar lacunas imperdoáveis, prefiro não listar meus “10 mais”.

9. E dos autores e obras brasileiras? Quais seus destaques?

Sinto muito, mas este assunto é campo minado!

10. Após o reconhecimento da edição comemorativa *Argonauta 500*, nos fale de seus próximos projetos editoriais. Poderemos esperar uma atualização de sua série *Quem é Quem na FC*? Ou pode vir algo novo por aí?

Bem, confesso que não estou muito animado com a perspectiva de novos projetos editoriais - pelo menos nos moldes mais tradicionais.

Vejam a retrospectiva:

- QEQ #1 levou mais de 10 anos para esgotar seus 500 exemplares;
- QEQ #2 vendeu praticamente nada;
- A500 pode-se dizer que está encalhada. Ainda que reconhecendo o significado do trabalho e todos os méritos que tem - e certamente tem alguns, por isso mesmo não a inscrevi para o Argos, e fui surpreendido não apenas pela indicação como, mais ainda, por ter vencido na categoria. Que fique claríssimo que não estou absolutamente minimizando a importância da premiação e, menos ainda, o voto daqueles que a sufragaram, aos quais agradeço do mais profundo do meu coração, consciente de que votaram por suas qualidades e não por sua circulação.

Assumo que a falha foi minha: não eram o que o fandom queria, e/ou não foram estruturadas como deviam, e/ou 1001 outras falhas.

Felizmente, a Internet está aí e é mídia muito mais barata, rápida, prática e eficiente para meus projetos do que publicações tradicionais. Assim, estou ultimando a montagem de um site que, acredito, poderá vir a ser um bom substituto. A série QEQ será quase que certamente substituída pelo conteúdo deste site.

Admito que me faz muito mais falta editar um fanzine do que qualquer outra coisa, e que já pensei, mas de uma vez, em criar um zine do gênero. Estou amadurecendo a idéia, sem maiores pressões ou compromissos. Um novo século e um novo milênio estão começando; é hora de renovação, de retomada, de novos sonhos e de novos desafios.

Vamos ver no que dá.

—oooOOOooo—

Dentro da temática geral desta entrevista, vale a pena, aliás, dar uma conferida no que o Jerônimo Monteiro achava do futuro da FC no Brasil, numa entrevista de 1965 que resgatei e está publicada neste mesmo número do *Somnium*.

Quero fechar minha participação nesta edição especial do *Somnium*, comemorativa dos 15 anos do CLFC, enviando a todos os associados meus cumprimentos por mais este aniversário e os melhores votos de uma vida longa e próspera a todos e ao nosso clube.

De uma ou outra forma, estarei com vocês, sempre.

Um grande abraço a todos.
RCNascimento

—oooOOOooo—

Depoimento :

Por mais amizade e participação

Marcello Simão Branco

Após as palavras dos representantes das duas gerações anteriores da Era Moderna da FCB, temos agora o depoimento do Marcello, representando a sua geração mais recente. Força de expressão aliás, pois infelizmente até esta "Nova Geração" já está avançando bem pela idade dos cabelos brancos.

Faz um bom tempo que não há renovação dos quadros sociais do CLFC, seja lá por que motivos forem. Brigas idiotas, cansaço da fórmula, a maior facilidade de comunicação via Internet, muita coisa está conspirando para que isto ocorra.

Creio porém que a fórmula indicada a seguir seja realmente eficaz para reverter este quadro desanimador.

O nosso clube chega aos 15 anos na passagem de 2000 para 2001. Nada tão emblemático para uma associação de amantes da ficção científica. A cada cinco anos temos feito edições especiais do *Somnium* e eventos comemorativos, em que colocamos na balança as virtudes e defeitos de nossa entidade. Deste vez não é diferente e o que posso dizer de novo em relação a cinco anos atrás?

O clube teve um apogeu social e criativo relativamente rápido. Depois os egos se inflaram prodigiosamente e quase implodimos. Literalmente. A seguir o clube entrou em franca decadência, com poucas atividades, poucas publicações, poucas aquisições de novos sócios, eventos que foram diminuindo até não mais existir. Certamente o CLFC sente ainda hoje os efeitos da guerra dos egos do início dos anos 90. Mas é chegada a hora de parar de lamuriar, aprender com os erros pretéritos e projetar com coragem e dinamismo o que queremos para o clube no século XXI.

Uma pergunta incômoda se impõe àqueles pouquíssimos idealistas e batalhadores que tem na prática carregado o clube nas costas nos últimos anos: "O que o sócio quer do clube?" Alguns destes idealistas certamente tem receio da resposta. E já se chegou a especular que se levássemos o clube ao pé da letra dos desejos de sua esmagadora maioria ausente, a entidade simplesmente acabaria.

Feita esta ressalva sombria, o fato é que bem ou mal, as últimas administrações (da qual fiz parte) tem se esforçado no sentido de recuperar as atividades, trazer os sócios ausentes ao nosso convívio novamente, além de procurar renovar o quadro social. "Cadê? Não vejo nada?", dirá o sócio crítico e arguto. Sua crítica não é destituída de sentido, pois reconhecemos que ainda que os esforços tenham sido contínuos, eles são ainda bastante tímidos e os resultados prá lá de pífios.

Isso posto, o que tenho observado neste longa trajetória de 13 anos ao qual sou sócio do clube é que a entidade deve preservar e incentivar, antes de qualquer outro objetivo, o sentido de amizade, camaradagem entre os sócios. Menos concorrência e mais colaboração. Menos egoísmo e mais solidariedade. Menos vaidade e mais humildade. Menos ausência e mais participação.

O clube vive hoje um ótimo ambiente entre os poucos sócios que dele participam. Isso não é pouco, para quem, como eu, presenciou e foi parte de aborrecimentos lamentáveis e inúteis há coisa de nove, dez anos atrás. Dentro deste bom ambiente, tem sido possível recuperar as atividades do clube ao mínimo do razoável e, além disso, partir para novos projetos no sentido de aperfeiçoar a entidade e continuar fazendo dela o eixo condutor das atividades da ficção científica brasileira. O exemplo mais recente é o Prêmio Argos.

Na chegada destes 15 anos quero chamar os sócios ausentes para retornarem sua atenção e participação às atividades de uma entidade que é também sua. Não adianta meia-dúzia de abnegados inventarem prêmios, concursos, oficinas literárias, festas, leilões, festival de vídeos, campeonatos de sinuca, noites de pizza, etcetera e tal, se, ao fim e ao cabo, a mesma meia-dúzia acaba consumindo tudo.

Amizade e participação são as palavras-chave que dão o título a este texto, e exemplificam o que precisamos para tornar o CLFC novamente forte e dinâmico para os anos à frente. Se não propriamente pelo clube, que seja, então, pelo desenvolvimento da ficção científica brasileira. Todos nós ganharemos com isso.

Uma das boas coisas do papel é a sua (relativa) durabilidade. O mesmo já não se pode dizer dos meios eletrónicos, que não só estão sujeitos ao sumiço puro e simples pelo desvanecimento das suas cargas magnéticas, como também se tornam ilegíveis e obsoletos com velocidades alarmantes.

Este texto apareceu originalmente numa das listas de discussão de FC na Internet e apesar do seu valor para quem gosta da boa FC, estaria fadado a desaparecer em muito pouco tempo sem deixar nenhum traço dos seus voláteis elétrons.

Aqui ele estará mais preservado, se bem que, tal como as pernas da rainha da Espanha, poucos o verão. No caso dele, infelizmente. E não me perguntem sobre as referidas pernas...

Olá Pimpolhos:

Desta vez as notícias são tristes, pois perdemos um dos meus autores favoritos.

KEITH ROBERTS (1935 — 2000)

Keith Roberts faleceu a 5 de Outubro em consequência de uma infecção pulmonar. Verdade seja dita que Keith já não escrevia há longos anos, tinha problemas circulatórios que o obrigaram a amputar progressivamente uma das pernas, e estava furioso com o panorama editorial inglês que aos poucos o foram forçando a um exílio de exclusão, um pouco semelhante ao que aconteceu no caso do John Brunner alguns anos antes de morrer. De facto a pratcherização das estantes, o número crescente de tretas trequianas e starwarianas levaram os autores mais complexos e elaborados a refugiarem-se nas editoras *small press*. Os últimos volumes de Keith estavam realmente aí, nos cantinhos minimalistas das livrarias da especialidade, com os preços de cada volume a subirem na razão directa da sua raridade.

E quem é Keith Roberts, perguntarão vocês, ó meus sobrinhos, educados que foram no suave reino da língua. Dele, em português, tanto quanto eu saiba — os meus vizinhos brasileiros confirmarão ou não — só saíram dois livros:

AS FÚRIAS (THE FURIES, 1966) na col. Argonauta, romance de invasão extra-terrestre à la John Wyndahm, onde os invasores adoptam por engano uma bio-forma pouco funcional. A das vespas gigantes. Big mistake. Têm o fim que merecem.

PAVANA (PAVANE, 1969) na colecção LIMITES da Editora Clássica, estranhamente ausente da Feira do livro de FC de Cascais — Pavana é um romance em “mosaicos” (que inspirou a concepção do TERRARIUM) sobre um presente alternativo. Depois da Rainha Isabel I ter sido assassinada, a Armada Invencível entrou por Inglaterra como por vinhavindimada. A Santa Inquisição vigora ainda nos anos 60 do século passado. Toda a tecnologia é reprimida. A Inglaterra tornou-se num país tão pobre, que nem ferro tem para fazer carris. As locomotivas andam pelas estradas. Os carros funcionam à vela. E no meio dos bosques, os ferdadeiros defensores da ciência/magia, comportam-se como duendes e elfos. — Caso não sejam viajantes temporais de um futuro alternativo.

THE INNER WHEEL (1970) são contos em mosaico sobre o nascimento dos primeiros super-homens, um pouco na esteira dos MAIS QUE HUMANOS do Sturgeon. Cabe a vocês decidir qual dos livros gostam mais.

THE CHALK GIANTS (1974) é um livro pós holocausto onde a humanidade foi perdendo progressivamente o acesso à tecnologia até estabelecer numa sociedade pré renascentista, frente às ordas bárbaras. Ou talvez tudo isto não passe de um sonho de escape do protagonista que guia um carro rumo ao sul de Inglaterra para evitar as núvens radioactivas de uma Londres atomizada.

MOLLY ZERO (1980) — É o romance da ditadura tacheriana por excelência.. Todos os autores de FC britânica escreveram um. Este é o do Roberts.

KITELAND (1985) — É genial. Novo romance em mosaicos conta a história de uma sociedade pós renascentista a custo a erguer-se de um holocausto que deu cabo do mundo. Existem poucos “enclaves” de gente normal. Uma ditadura religiosa cobre o mundo civilizado com purgas e queimas de hereges. E os soldados inventaram um destacamento de papagaios gigantes, pilotados por vigias, para ver se os mutantes das terras queimadas se atravessam a invadir as zonas humanas. Claro que nada disto é tão simples como parece. Afinal os “mutantes” somos nós. Os

monstros somos nós. Do outro lado das terras queimadas vigora a utopia. E os “raptos” de crianças não estão a fazer mais do que salvar as mais talentosa de uma vida miserável sob o fundamentalismo religioso.

Keith Roberts publicou mais uma novela que foi publicada em partes na nova revista SPECTRUM. Até agora só tinha sido traduzida para o alemão e estava mais que esquecida no país de origem do Keith. Razões de sobra para ele odiar o mundo editorial inglês. De qualquer modo esta pequena novela faz uma parte importante do ciclo do KITWORLD. Chama-se DREK YARMAN, e é a não perder.

E depois temos o ciclo da bruxinha ANITA com magnificas ilustrações do Stephen Fabian. Impagável, o conto onde a Anita dá vida a um espantalho que depois se apaixonou por ela. Espantalho tão chato e doloroso que a Anita vai ter de desfazer em pedaços para lhe calar os gemidos de amor.

Sem esquecer o ciclo de Kaeti — KAETI & COMPANY(1986) e KAETI ON TOUR(1992), um ciclo de novelas fantásticas sobre uma jornalista feminista e a sua relação com as sombras dos mortos.

Agora as antologias de contos:

THE GRAIN KINGS (1976)
THE PASSING OF DRAGONS (1977)
THE LORDLY ONES (1986)
WINTERWORLD AND OTHER HAUNTINGS (1989)

Existem dois contos do Keith Roberts que eu considero absolutamente inesquecíveis:

WEILNACHTABEND (1972) — Um conto de história alternativa sobre a nazificação da Europa. Véspera de Natal. O que fazem os putos nazis na propriedade do Goering. Quem sacrificam à meia noite. Qual o aspecto do Pai Natal Nazi. Arrepiante. Cruel. Sem o mais pequeno escape.

THE MINISTRY OF CHILDREN (1975) — Sobre a violencia nas escolas públicas. Os liceus nas mãos dos gangs. Keith não brinca em serviço. Eu que sou prof fiquei gelado dado algumas semelhanças do conto com a realidade que tenho de enfrentar todos os dias. Keith foi atacado por todos o lados por causa deste conto. Foi atacado pelos paizinhos indignados. Pelo Ministério de Educação. Pelos bem pensantes. Pelos politicamente correctos. Ah, mas o conto saiu, foi imprimido sem cortes.

Pela revista NEW WORLDS.

Que mais tarde haveria de ser suspensa pelo governo conservador inglês sob a acusação de obscenidade. Imaginem *storm troopers* da moral vigente a entrarem nas livrarias de FC armados dos respectivos lança-chamas. Toda a edição dos NEW WORLDS recolhida. Processo judicial em cima do editor Michael Moorcock. Que se marimbou supinamente.

A tal acusação recaía sobre o genial BUG JACK BARRON.

Enfim...tristezas existem em todo o lado.

Portanto, todos de caneca erguida em memória de um dos “grandes” que já não está entre nós.

HIP, HIP, HURRRAAAAAH !!!

so long, kids
João Barreiros



Trabalho apresentado durante os 5º Encontros de Ficção Científica e Fantástico "Na Periferia do Império", realizados em Cascais / Portugal, de 28/9 a 8/10/2000.

Os Encontros ocorrem anualmente e desta vez tiveram como tema "A Viagem".

1. O Espaço, a Fronteira Final . . .

Quem dos presentes ainda não ouviu esta frase, acompanhada ao fundo pelos acordes de abertura da trilha sonora de Star Trek?

Sem correr muito risco, eu apostaria que todos aqui a conhecemos e até muito bem, pois melhor do que qualquer outra, é ela quem melhor resume todo o fascínio desta série seminal da FC.

Este fascínio nada mais é do que a versão "hi-tech" do impulso que moveu os nossos ancestrais a deixar as estepes da África Central, picados por uma curiosidade irresistível de saber o que havia além das montanhas que pairavam azuladas no horizonte distante.

Desde então, sonhos, ilusões e a esperança de encontrar além da curva do rio as respostas para as questões da Vida e da Morte, continuaram nos empurrando cada vez mais longe, até chegarmos aos limites da Terra esférica e nos defrontarmos hoje com o Grande Vazio, a Fronteira Final.

Iremos um dia transpor esta última barreira? Ou será que os descrentes têm razão ao afirmar que já chegamos aos nossos limites?

Felizmente ainda não temos nenhuma resposta conclusiva para esta questão e nos cabe certamente examinar a Realidade, tal como a conhecemos atualmente, para daí tirarmos as nossas próprias conclusões.

Iniciaremos o nosso exame por uma avaliação do terreno, se é que se pode aplicar tal termo a algo tão claramente extraterreno!

2. A Escala do Universo

Em que pesem os versos do Poeta, quase todos nós temos hoje a noção de que o Universo é grande, tanto é que já se tornou um lugar-comum dos mais batidos aplicar o epíteto "astronômico" a tudo o que nos parece ser gigantesco, enorme ou longe demais : falamos por exemplo das "distancias astronômicas" quando queremos nos referir a algo que se encontra realmente para lá de onde o Judas perdeu as meias, ou seja, bem para lá de onde ele já havia perdido as botas!

*Da minha aldeia vejo quanto da terra
Se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande
Como em outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura..."*

Fernando Pessoa

Entretanto, pouquíssimas pessoas, incluindo aquelas com razoável formação científica, se dão conta de quão "astronômicas" são realmente as tais distancias astronômicas, fato que é particularmente evidente no nosso mundinho da FC, onde monstros, heróis e bandidos, nas suas respectivas espaçonaves, disparam a saltar despreocupadamente de uma galáxia para outra assim como quem vai de Lisboa a Cascais. E ainda chegando rapidinho em Andromeda, pois não precisam enfrentar os engarrafamentos nas pontes.

Para nos colocar no devido lugar, procurei sumarizar alguns dados reais na tabela a seguir, incluindo na última coluna uma analogia para ajudar a visualização das distâncias astronômicas. Nela imaginamos o Sol reduzido às dimensões de uma bolinha de ping-pong, com um diâmetro de aprox. 38mm. Nesta escala, a Terra não passa de uma cabecinha de alfinete de 0,35 mm a uns 4 metros de distância e Plutão, normalmente o planeta mais distante do Sol, seria um outro pontinho a cerca de 155 metros mais além.

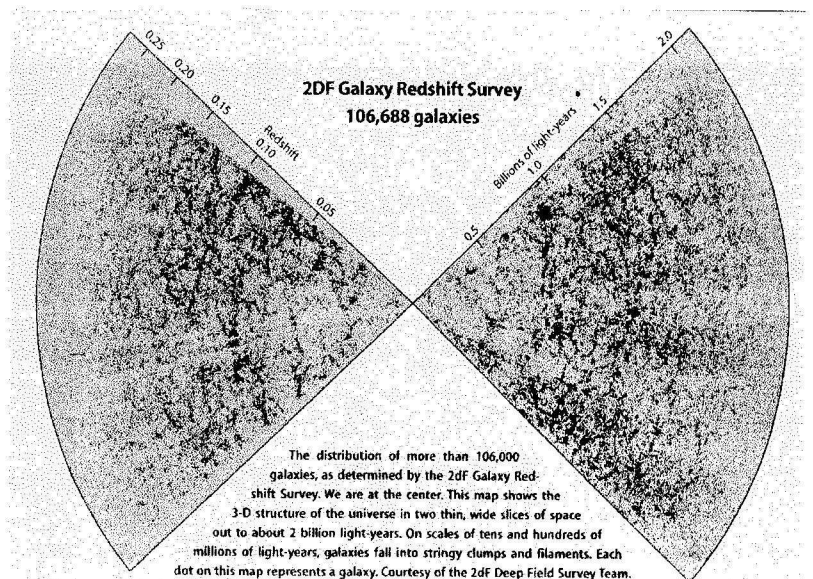
	DIAMETRO km x 10 ³	DISTANCIA MÉDIA DO SOL			
		U.A.	km x 10 ³	Sist. Solares	metros
Sol	1.392.000	0	0		0
Mercúrio	4.818	0,39	57.900		1,58
Vênus	12.104	0,72	108.200		2,95
Terra	12.735	1	149.600		4,08
Lua	3.476	~1	~149.600		
Marte	6.766	1,52	227.900		6,22
Júpiter	138.207	5,20	778.300		21,25
Saturno	113.935	9,54	1.427.000		38,96
Urano	50.563	19,18	2.869.600		78,34
Netuno	48.862	30,06	4.496.600		122,75
Plutão	2.345	39,44	5.899.900	1	161,06
α Centauro C		272.000	40.681.440.000	6.895	1.110.557

Daqui para frente as distâncias se tornam novamente difíceis de visualizar. Num primeiro passo e na mesma escala da bolinha de ping-pong, o centro da “nossa” Via Láctea estaria a uns 3,3 milhões de quilômetros de distância, o que vem a ser algo como dez vezes a distância da Terra à Lua. Nada mau se conseguirmos imaginar isso!

Indo mais além, à medida que avançamos pelo Reino das Galáxias teríamos que reduzir a nossa escala “solar” a tamanhos infinitesimais, se quisermos continuar no campo dos números compreensíveis. A figura abaixo é uma plotagem de posições e distâncias (estimadas) de 106.688 galáxias visíveis em duas “fatias” do céu, fruto de uma sondagem telescópica, que atingiu a distância estapafúrdia de 2 bilhões de anos-luz: na escala da figura, o nosso Sistema Solar teria as dimensões de um próton!

*Se tivermos portanto que definir o Universo em poucas palavras, poderíamos dizer com confiança que ele é **grande e muito vazio** !*

E mesmo sabendo que o conceito de “longe” não só varia muito de pessoa para pessoa e também muda acompanhando a evolução dos meios de transporte, não há como não sentir a nossa insignificância física frente a estas distâncias acachapantes.



3. Os meios de transporte

O meio de transporte ideal seria aquele que nos transportasse tão rápida e confortavelmente como nas histórias de FC. Particularmente, se quisermos viajar até as estrelas vamos precisar de veículos realmente velozes para alcançá-las num tempo aceitável, como por exemplo algo da ordem de um período presidencial - uns 4 a 5 anos, no máximo.

Além da **velocidade**, a outra questão básica é a **energia**: todos nós sabemos intuitivamente que para chegar mais depressa a algum lugar é necessário gastar mais energia, energia esta que deve estar disponível na quantidade e na medida do requerido.

Finalmente, é sempre bom lembrar que as viagens espaciais de ida e volta podem requerer até quatro etapas distintas, duas de aceleração e duas de frenagem, cada uma delas consumindo energia e tempo adicional para acelerar / desacelerar. Ou seja, o propelente e a fonte de energia devem ser capazes de prover até quatro substanciais variações de velocidade, exceto nos casos particulares onde as velocidades terminais não são muito grandes e o astro de destino tem uma atmosfera que permita frear por atrito.

O "estado da arte" da astronáutica

Deixando por enquanto os sonhos de lado, no mundo real todos os sistemas de propulsão conhecidos se baseiam de uma forma ou de outra no princípio enunciado pela primeira vez, por Isaac Newton:

"a toda ação corresponde uma reação igual e contrária"

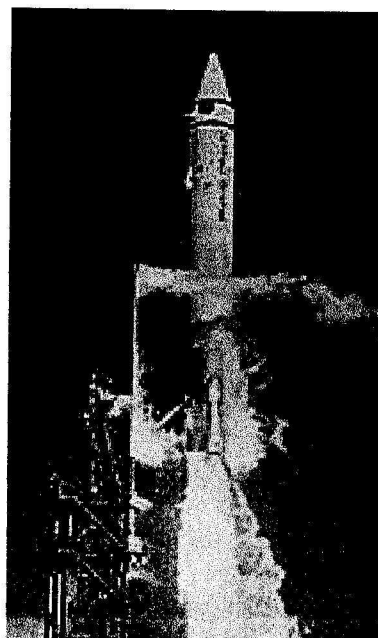
Em outras palavras, jogando algo para trás, andamos para a frente.

As diferenças entre os diversos equipamentos existentes ou ainda nas pranchetas ficam então por conta do **que** se joga para trás (o propelente) e **como** isso é feito (a fonte de energia), sendo portanto uma questão apenas de tecnologia e não de princípios.

A seguir, um breve resumo do meios que temos hoje e dos que se presume ser possível desenvolver dentro do quadro teórico atual:

Foguetes

Químicos: A fonte de energia são os próprios propelentes e é obtida por meio de reações químicas entre eles. A tecnologia é bem antiga, remonta ao Século V d.C., quando os chineses enchiam tubos de bambu com pólvora negra e os usavam como fogos de artifício. Desde então houve progresso considerável quanto à confiabilidade, eficiência e potência dos foguetes químicos, porém já chegamos hoje infelizmente ao seu limite máximo, que é determinado pelas reações químicas mais energéticas possíveis. As mais violentas, ou seja, as que liberam mais energia por quilo de reagentes, são as reações entre o hidrogénio e o flúor ou o oxigénio. Mesmo estas são apenas marginalmente suficientes para viagens balísticas pelo Sistema Solar, pois mesmo pequenas cargas úteis requerem a queima de centenas de toneladas de propelentes. Na verdade, o custo em si destes propelentes não é lá grande coisa comparado ao custo total da missão, porém os volumes acabam se tornando impraticáveis. O primeiro a perceber esta limitação e a formulá-la em bases matemáticas foi Konstantin Tsiolkovsky, que por esta e por outras razões é justamente reconhecido como sendo o "Pai da Astronáutica". Ele demonstrou que seria possível atingir qualquer velocidade desejada, com foguetes de múltiplos estágios, impulsionados por combustíveis químicos. Entretanto, ao mesmo tempo ele também demonstrou que para atingir velocidades significativamente maiores do que a suficiente para escapar do abraço da gravidade terrestre, seriam necessárias massas astronômicas e inexecutáveis de combustível.



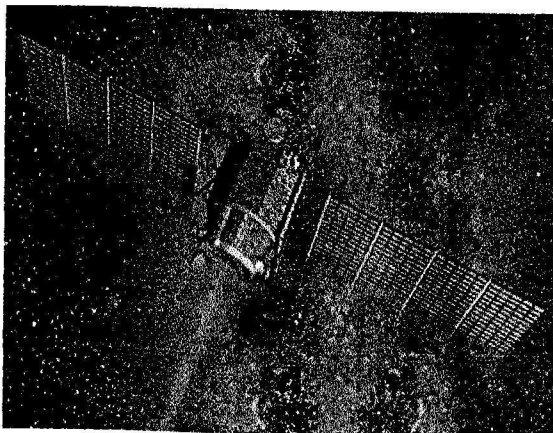
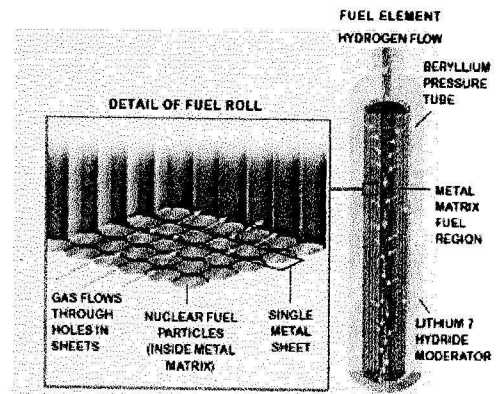
Atômicos : As reações nucleares podem produzir de 10^6 a 10^9 vezes mais energia específica do que as reações químicas, sendo portanto excelentes fontes compactas de energia propulsora. Por exemplo, com a tecnologia disponível dos **reatores de fissão** (urânio, plutônio etc...) seria possível levar uma nave da Terra a Marte em menos de 100 dias. Infelizmente estes reatores geram muitos resíduos perigosos e necessitam de blindagens maciças para poder conviver com os seres humanos. Já as **reações de fusão** de núcleos leves (hidrogênio e seus isótopos) são muito mais atraentes, pois tanto os seus "combustíveis" e resíduos não são radioativos, como também as radiações produzidas pela reação em si são facilmente retidas por blindagens leves.

A energia gerada pelas reações nucleares pode ser utilizada para impulsionar as naves de várias maneiras :

Explosões : logo após a detonação das primeiras bombas atômicas, chegou-se a estudar seriamente (Projeto Nerva) a possibilidade de usá-las para impulsionar diretamente uma espaçonave. A idéia de se lançar ao Espaço com centenas de bombas explodindo no rabo pode parecer algo absurda, porém com escudos e amortecedores de impacto apropriados a coisa seria perfeitamente factível. E seria até uma maneira interessante de se livrar dos milhares de artefatos bélicos que as grandes potências acumularam paranóticamente ao longo de 50 anos. Felizmente o estudo não foi adiante, pois sabemos hoje das graves conseqüências dos resíduos radioativos que seriam lançados na atmosfera. Entretanto, conceitualmente esta continua sendo ainda uma opção válida para propulsão no Espaço, desde que, é claro, se chegue a um consenso sobre como levar centenas de bombas para lá.

Gás quente : neste esquema, um reator atômico seria utilizado para gerar um fluxo de gases quentes, que impulsionariam a nave tal como num foguete químico, porém com velocidades de escape bem maiores. Entretanto, continuaria sendo necessário transportar uma grande massa de propelente, reduzindo a capacidade de carga útil, assim como substanciais massas de material moderador para manter a reação atômica sob controle e também de blindagem, no caso da nave ser tripulada. Análises de custo/benefício mostram que este meio de propulsão, ou algo parecido, torna-se mais vantajoso do que os propelentes químicos (e até mesmo inevitável) para as missões maiores e mais ambiciosas dentro do nosso Sistema Solar.

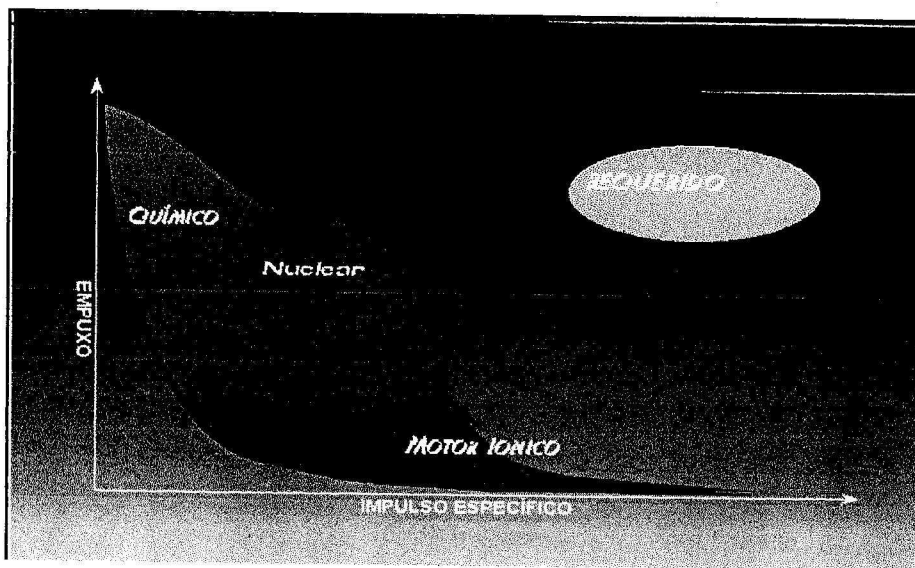
Fusão : quatro décadas de esforços e muito dinheiro gasto ainda não conseguiram viabilizar uma reação de fusão controlada - até agora, a energia de fusão só foi liberada de forma explosiva nas chamadas bombas de hidrogênio. Mesmo assim, fusão nuclear continua sendo uma grande esperança como meio de propulsão, pois os "combustíveis" são muito mais baratos e abundantes do que o urânio, plutônio e similares, além de poderem ser usados como a própria massa propelente. Uma variante interessante são os *ramjets*, utilizando como "combustível" nuclear o hidrogênio rarefeito existente no Espaço, algo como uns 50.000 átomos por metro cúbico. O problema maior, que hoje sequer temos idéia de como começar a resolver, consiste em construir um "funil" adequado para coletar este gás incrivelmente rarefeito para conduzi-lo ao reator de fusão - que hoje também só existe nas histórias de FC! Esta é aliás uma idéia relativamente recente e divulgada apenas em círculos científicos especializados, daí talvez que os *ramjets* em não comparecem muito na FC - apenas algumas histórias de Larry Niven, que eu saiba.



Motores iônicos : a energia elétrica é utilizada inicialmente para ionizar uma corrente de gás, de modo semelhante ao que acontece nas lâmpadas fluorescentes, com a diferença porém que os íons gerados são em seguida acelerados por um forte campo elétrico e descarregados em alta velocidade, gerando o empuxo que impulsiona a nave para frente. A fonte de energia elétrica pode ser atômica ou foto-voltaica, como no caso do motor da mini-espaçonave Deep Space 1, lançada em 1998. O seu pequeno engenho de pouco mais de 30cm de comprimento utilizou cerca de 80 kg de gás xenônio para levar um pacote de instrumentos científicos de uma órbita próxima à Terra até cruzar com o cometa Borrelly, em Setembro de 2000.

Como os ions podem ser acelerados até atingir grandes velocidades (110.000 km/h no caso do DS-1), limitadas apenas pela energia disponível, este sistema de propulsão tem grande eficiência em termos de aproveitamento do propelente, cerca de 10 vezes maior do que a dos foguetes químicos, desta forma reduzindo drasticamente a massa necessária para a missão. Os motores ionicos também podem fornecer empuxo contínuo por longos períodos, ao contrário dos motores químicos atuais, o que permite ajustes orbitais mais refinados. Na FC temos evidentemente os motores-reserva da Enterprise e na novela "Enemy Stars", na qual Poul Anderson imaginou uma nave propelida por vapor de mercúrio, incluindo uma descrição técnica particularmente convincente.

De qualquer forma porém, todos estes sistemas nos obrigam a transportar uma certa massa de propelente, que acaba sendo na prática o fator limitaste final, mesmo que eventualmente possamos um dia dispor de uma fonte "ilimitada" de energia. A figura esquemática abaixo ilustra a situação, mostrando a relação que existe entre o empuxo gerado e eficiência do uso do propelente para os diversos tipos de motores a reação que vimos :



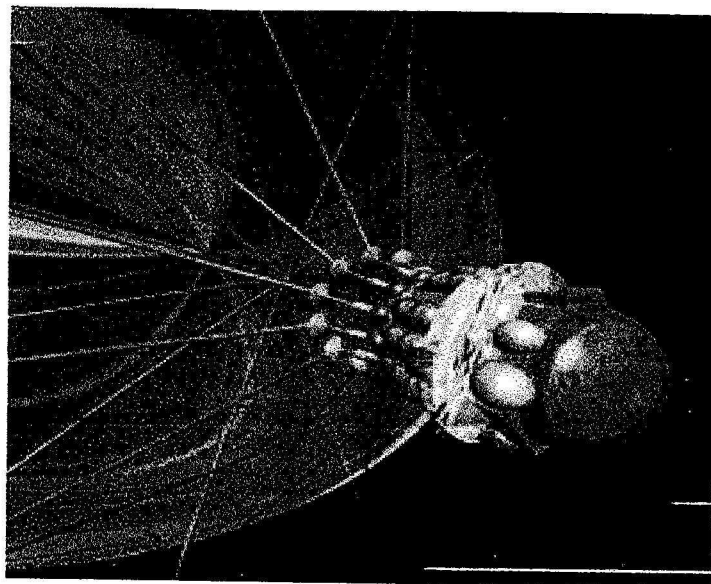
O desenho sugere que o desempenho requerido está muito longe de ser atendido por foguetes de qualquer tipo. Porém a verdadeira dimensão do problema pode ser melhor visualizada com os números da tabela seguinte, obtidos considerando o lançamento de uma carga útil do porte de um *Space Shuttle* até a Centauro C, numa viagem só de ida e durando uns 1.000 anos :

	TEMPO DE	MASSA DE PROPELENTE	
	FUNCIONAMENTO (segundos)	toneladas	"super petroleiros"
Foguete Químico	500	10^{137}	(*)
Foguete Atomico			
Fissão	5.000	10^{17}	um bilhão
Fusão / Ionico	10.000	10^{11}	mil
Antimatéria	50.000	10^5	um centésimo

(*) nem toda a massa do Universo daria conta do recado!

Este fator limitante pode ser eliminado por sistemas onde o propelente, é fornecido "de fora", por assim dizer, como nos exemplos seguintes :

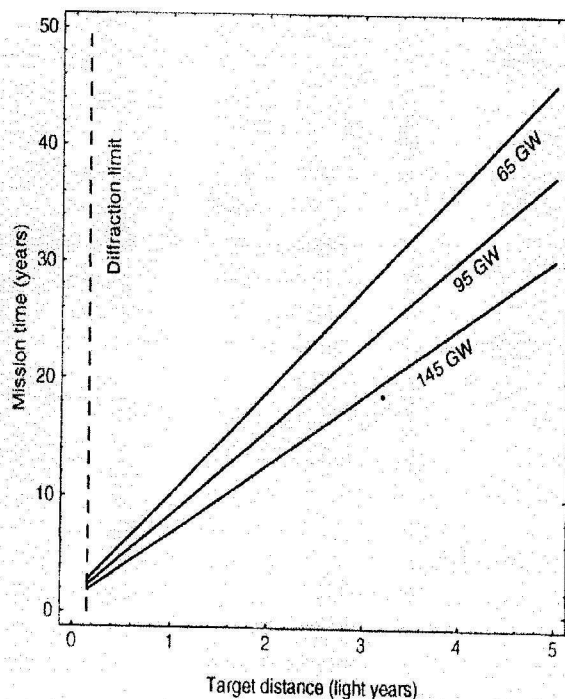
Velas solares : Navegar pelo Espaço em naves impulsionada pela luz do Sol, captada por gigantescas velas de finíssimo plástico aluminizado, é sem dúvida uma das idéias mais românticas que o leitor de FC pode encontrar. Curiosamente porém ela não foi fruto da imaginação de um escritor de FC. Ou melhor, Johannes Kepler não era escritor de FC em tempo integral e foi primeiro como cientista que ele notou que as caudas dos cometas sempre apontavam para o lado oposto do Sol. Ele presumiu corretamente que estavam sendo "sopradas" por uma espécie de "vento" solar e sugeriu, no seu conto de FC *Somnium*, que um dia este vento poderia ser utilizado para navegação pelo Espaço. A idéia foi retomada por Tsiolkovsky



por volta de 1920 e está sendo considerada hoje como um meio de propulsão particularmente atraente para certos tipos de missão que estão sendo projetadas no Marshall Space Flight Center / EUA, como por exemplo uma exploração de passagem por Plutão e a Sonda Interestelar. O primeiro protótipo desta última deverá ser lançado por volta de 2005 e espera-se atingir velocidade terminal de 90 km/s, cerca de 8 vezes mais rápida do que as Voyagers. Não é necessário lembrar aos fãs de FC qual foi o conto do A.C. Clarke que tem como motivo uma regata solar, na qual infelizmente não comparece nenhum competidor de Portugal, nem de nenhuma das outras nações responsáveis pelas grandes navegações que desbravaram o Mar sem Fim.

Velas laser/maser :

A limitação óbvia das velas solares é que a intensidade da luz do Sol diminui com o quadrado da distância, de modo que para todos os efeitos práticos o empuxo produzido por ela não é mais aproveitável além da órbita de Marte. Já os feixes artificiais de *laser* ou de *maser* não sofrem tanta dispersão e poderiam ser utilizados para impulsionar a vela a distâncias muito maiores. Até o presente só foram produzidos feixes de microondas suficientemente poderosos de curta duração, porém a construção de equipamentos para feixes contínuos, como todos os desenvolvimentos técnicos, é só questão de tempo e dinheiro. O gráfico ao lado mostra o resultado de cálculos teóricos, que indicam que para viajar até a Centauro C em cerca de vinte anos será necessário produzir um feixe com potência contínua de pelo menos 100 GW, que é bem mais do que toda a energia elétrica sendo consumida hoje na Terra : parece ser impossível, porém, novamente, não há nenhum impedimento físico conhecido, a questão é apenas de custo e de desenvolvimento tecnológico.



Em resumo, se os meios de transporte conhecidos tornam possível a exploração do nosso Sistema Solar, mesmo que um tanto devagar, atingir as estrelas num tempo razoável requer algo radicalmente diferente de tudo o que a física atual reconhece.

4. O que o Futuro nos reserva

Aqui já estamos num território familiar à FC, que considera justamente a especulação e a previsão dos eventos futuros como sendo suas especialidades. Não que ela tenha sido particularmente feliz nestas áreas, pois muitas das invenções que sacudiram o Século XX passaram pela FC em brancas nuvens, vide a Pílula e a Internet. Ou seja, é encorajador supor que a nossa imaginação poderá ser novamente surpreendida por avanços inesperados da ciência e da tecnologia.

De um modo geral, os estudos visam três objetivos básicos :

- 1) Descobrir novos meios de propulsão que dispensem totalmente os propelentes. Isto significa descobrir meios de manipular diretamente a gravidade e a inércia, ou qualquer outra interação (ainda desconhecida) entre a matéria e o espaço-tempo.
- 2) Descobrir como fazer para atingir velocidades próximas à da luz, ou até como contornar este limite teórico, atuando diretamente na estrutura do espaço-tempo.
- 3) Descobrir meios fundamentalmente novos de produzir energia a bordo, para alimentar os motores ou sistemas de propulsão. Pode-se até supor que este terceiro objetivo talvez já esteja contido nos dois anteriores, pois a física do espaço-tempo deve estar intimamente ligada à física das altas energias.

A ênfase aqui é sempre a necessidade de algo **revolucionário e fundamentalmente diferente**, de modo análogo, por exemplo, ao que aconteceu na evolução dos navios : as trirremes, barcos vikings e galeras eram apenas estágios de evolução diferentes da mesma tecnologia de propulsão a vela. Já o navio a vapor trazia uma tecnologia radicalmente diferente dos anteriores, que reduziu drasticamente os tempos de travessia dos oceanos.

Algumas das trilhas que estão sendo exploradas hoje vêm aparecendo regularmente na literatura especializada e, mesmo que ainda seja cedo para saber se alguma delas irá realmente nos levar a um meio de propulsão revolucionário, já existem sintomas de que algo interessante pode estar a caminho :

Táquions

Os táquions podem ser considerados os unicórnios modernos. Os leigos gostariam que eles existissem e muitos acadêmicos respeitáveis se dedicam a estudar a sério as suas propriedades hipotéticas, das quais a mais interessante (e a que os torna potencialmente úteis para as viagens espaciais) é a que só podem se mover a velocidades acima da velocidade da luz. Caso eles existam, é claro. E seja lá o que isso queira dizer, pois se a existência deles não contraria as leis físicas conhecidas, em contrapartida ela levanta questões filosóficas e ontológicas bastante espinhosas. Por exemplo, os táquions teriam "massa imaginária" e seria preciso gastar energia para fazê-los ir mais devagar, tomando difícil, senão impossível observá-los ou interagir com eles deste lado do Universo. Isto é, tal como as pernas da rainha da Espanha, pode-se até postular a sua existência, porém dificilmente seriam vistos. Como de fato não o foram até hoje, apesar de muitas experiências engenhosas e de alguns "papers" tentando ligá-los às questões da massa do neutrino e da "massa faltante" do Universo. Portanto, não se deve depositar grandes esperanças nestas partículas elusivas, que ao que tudo indica continuarão por um bom tempo ainda a existir apenas em companhia dos unicórnios e demais seres mitológicos, tais como o político honesto e o marido e a esposa 100% fiéis.

Dobras espaciais

O meio de propulsão interestelar favorito de 99 entre 100 escritores de FC é a dobra espacial, uma espécie de *deus ex machina* invocado sempre que o enredo exige o deslocamento instantâneo entre dois pontos afastados de alguns zilhões de anos-luz. Elas são também conhecidas de longa data pelos fãs da série *Star Trek*, que foi aliás quem popularizou o termo "dobra espacial". A idéia é simples : basta construir ou forçar a formação de um túnel no espaço-tempo de 4-D, de modo a conectar dois pontos distantes no Espaço 3-D e assim permitindo a passagem praticamente instantânea entre eles. Na prática porém é difícil imaginar como realizar o truque, pois ele envolveria a concentração e manipulação de massas planetárias até a densidade das estrelas de neutrons ou de buracos negros. Alternativamente, pode-se pensar em aproveitar algum buraco negro já disponível como foco de ruptura no tecido espaço-temporal e mergulhar para dentro dele. Infelizmente também, além de não haver nenhum indício de buracos negros próximos de nós - o que vem a ser uma sorte, por outros motivos, tampouco podemos calcular com certeza qual seria a probabilidade de um corpo material sobreviver intacto a tal ato tresloucado, apenas bons indícios que as chances seriam mínimas!

Canceladores de inércia

O escritor Larry Niven descreve num dos seus contos uma raça alienígena que havia dominado a "propulsão inercial", um meio de anular efetivamente a inércia dos corpos materiais, de modo que bastavam impulsos minúsculos para fazê-los atingir qualquer velocidade desejada, limitada apenas pela velocidade da luz. Uma idéia intrigante, que toca nos conceitos gêmeos de massa e inércia e foco de uma das questões mais enigmáticas da Física, formulada pelo cientista alemão E. Mach por volta de 1890. Todos nós sabemos intuitivamente o que é a inércia, mormente se algum dia tivemos a infelicidade de ter que empurrar um automóvel que parou por falta de combustível! Entretanto, até hoje é um mistério para a Física o porque das coisas materiais resistirem a sair do lugar, e tanto mais quanto mais massa tiverem. Apesar de se invocar campos gravitacionais, os bosons de Higgs e a curvatura do espaço-tempo, a *ding an sich* continua ainda transcendental.

Energia do vácuo

Outra idéia aparentemente maluca, pois vácuo é..., bem, vácuo! Isto é, por definição, seria a ausência de tudo. Entretanto a Física Quântica aparentemente tem outras idéias e o que chamamos de vácuo não está a rigor vazio. Pelo contrário até, segundo ela o "vácuo" é literalmente um mar fervilhante de partículas "virtuais", um palco rasgado por violentas flutuações de energia. Entretanto, como não poderia deixar de ser, estes fenomenos microscópicos são absurdamente fugazes, de modo que no nosso nível macroscópico apenas os experimentos mais sutis são capazes de comprovar o turbilhão que ocorre, por assim dizer, debaixo dos nossos narizes. Novamente a idéia em si é muito simples, trata-se de descobrir um meio de tirar proveito das tremendas energias destas flutuações do vácuo para impulsionar as naves. Se algum dia isto puder ser posto em prática, seria realmente a solução definitiva para o problema da falta de energia - qualquer pedacinho de "vácuo" iria dar e sobrar para nos levar até o outro lado da Galáxia, com folga para umas paradinhas para apreciar a paisagem pelo caminho.

5. Conclusão

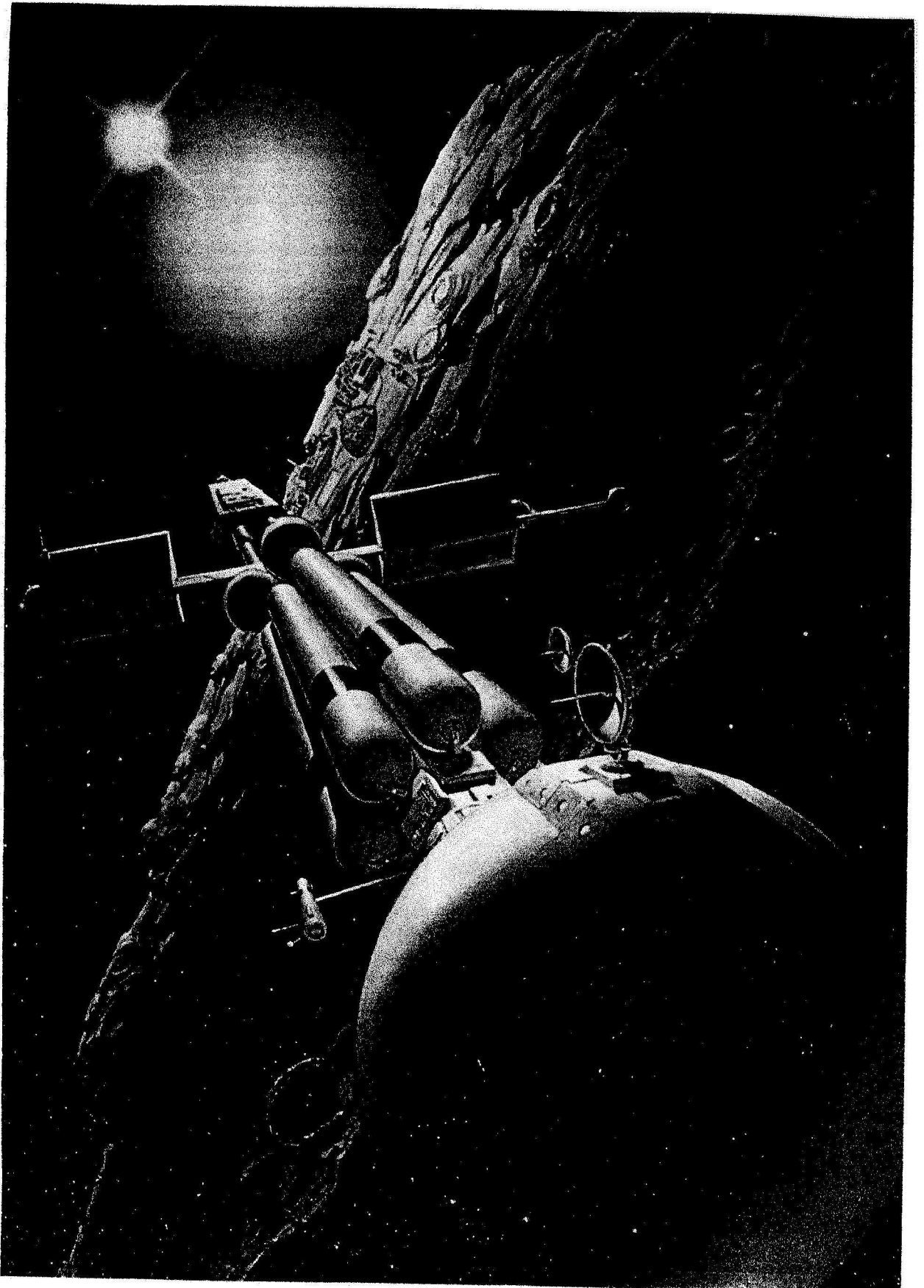
Sendo um sonhador, eu acredito que estamos hoje no limiar de uma nova Era de Descobrimentos, movidos em direção às estrelas pelos mesmos três impulsos básicos dos nossos ancestrais, a Curiosidade, a Cobiça e o Medo da Morte. O que resultará disso porém dependerá em boa parte de qual deles irá prevalecer.

Sendo otimista, eu gosto de pensar que não estamos sendo movidos pela cobiça de especiarias, pedras e metais preciosos, nem de terras, nem de almas para conquistar : desta vez somos levados pela curiosidade e pela esperança, em busca de conhecimentos e talvez de sabedoria.

Como vimos porém, na Realidade os meios e as técnicas que conhecemos estão ordens de grandeza aquém do que é necessário para esta empreitada. Se as dimensões da Terra podem ser abarcadas no decurso de poucos meses ou anos e até sem recurso tecnológico nenhum, o Abismo das Estrelas mede forças com os deuses. E assim sendo, pensam os Descrentes, ele só poderá ser transposto por uma ciência que só existe nos romances de FC.

Entretanto, nada nos impede de sonhar que já esteja vivo entre nós um miúdo genial, talvez agora mesmo ponderando distraidamente sobre o pedaço de giz que a professora deixou cair e se perguntando porque diabos aquilo cai ao invés de subir.

A resposta pode ser mais simples do que supomos.



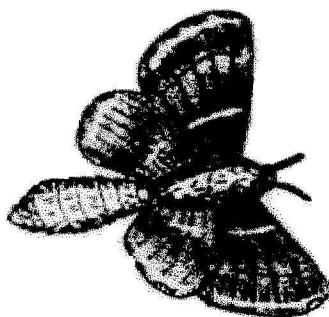
"Outbound" / Michael Whelan

O "ancien terrible" da FCB não nega fogo e sempre nos surpreende com algo inusitado, fruto da sua imaginação esfuziante e do comando irrepreensível do vernáculo. E essa capacidade titilante não é pouca coisa, considerando que o Ivan é um dos Antigos Sócios Fundadores do CLFC, muitos dos quais já penduraram as canetas ou deixaram as cibertraças roer as suas preciosas coleções.

Quando eu era pequeno, minha mãe sempre se me apresentava de véu, eu cria que ela tinha o rosto desfigurado; meu pai também, este nunca se mostrava inteiro. Mais tarde, a primeira vez que tomei mescal, pude vê-los de corpo completo: ele era um manduruvá coberto numa cama de folhas entregue à própria sorte; ela, a saúva que tinha a capacidade de levar a sua cabeça aonde quer que desejasse. Ela havia tecido aquela estranha cama de folhas onde ele se imobilizara. Na noite dos iguanas pude ver porque eu era o filho dos insetos. A fonte cristalina das águas onde eu brotara estava agora tingida de sangue, cuja cor eu mesmo buscara em sonhos. A nação americana pelo qual ansiara pude então ver claramente que nada mais era que uma utopia, uma coisa que se persegue mas que com o passar dos anos constata-se sua impossibilidade física. Os ventos, as flechas, os lamentos dos sons que eu outrora presenciara agora se mostravam suspensos no ar, simples redes, que ao passar das tormentas respondiam com seus gritos guturais imobilizados no tempo, revoltos no passado, retidos pela impossibilidade de seu futuro.

O fato de ver a face da minha mãe inseta e do meu pai parasita provocaram inicialmente náuseas mas depois pude vê-los na sua insetívora complexidade, das tramas, dos sentimentos, dos atos insensatos e compreende-los um pouco mais: não se pode esperar nada mais daqueles que nada mais podem dar. Assim é a possibilidade cósmica do existir: os astros alternam seus deslocamentos orbitais,

somam e anulam suas influências enquanto nos movemos e aqui na terra sonhamos ser reis quando na verdade muito mal cumprimos nossa missão como homem. Tao é a lei do universo: viver para não cumprir sua vocação, ver sem chegar, sentir sem realizar, imaginar aquilo que pode ser.



imaginado mas não o que pode ser realizado, discernir sobre a mentira humana e o quanto usamos de nós mesmos para nos enganarmos, nos iludirmos a respeito das construções arquitetônicas do espírito que por onde passamos construímos, edifícios de esqueletos brancos onde batemos à porta lugubrememente e esta não se abre, não se abrirá jamais pois falta óleo em seus gonzoos, é uma porta para além dos nossos conhecimentos e permaneceremos com nosso tambor, nosso carnaval, nossa alegria esperando no átrio do homem, esta entrada gigantesca para o firmamento que nos é vedada eternamente.

No olhar de inseto que a tudo reveste pude ver recentemente nosso ilustre governador, sua excelência nosso embaixador, nosso ente amado nosso presidente e toda a criatura mais querida que ocupa nossa diletta prefeitura: lesmas e vermes, centopéias disformes de caráter pude eu claramente identificar contra o cinescópio do poder.

Em 667 d.C. o homem foi suprimido da face da terra: o papa então reinante que nada mais era do que uma abelha mutante em conluio com os sádicos habitantes de Aldebarã IV substituiu a humanidade por insetos pensantes, simulacros de toda a humanidade que até aquele instante existia, falsas memórias implantadas levam-nos a crer que possuímos este passado dourado e glorioso de realizações de nossa humanidade, somos porém minhocas que jazem no substrato da cultura lavrando o etérico a fim de perfurar riquezas inesgotáveis para uma nova raça alienígena que aqui virá povoar-nos, reflexos de um povo no espelho, distância percorrida de um original, exoesqueletos crônicos de um ser que se anseia imortal mas que simplesmente está no limbo e ali permanecerá.

Na escuridão primeva dos tempos, no jazigo insepulto das realidades multiformes, na folha de um jardim que cai oscilando no tempo de seu outono, na cor que ora vemos, no som dos movimentos celestiais, no tato das peles infernais, ao encanto dos instrumentos que reluzem ao sol e que temblam nas noites sepulcrais onde se arrasta esta humanidade degenerada e meus ouvidos ouvem ainda o som das danças macabras das

humanidades substituídas , deste nefasto homo sapiens que busca seu destino . É mister gritar alto , gritar forte , gritar para ser ouvido que nada mais existe , que a humanidade foi perdida ; dançai por entre as cabeças cortadas que restaram do que aquilo que um dia se julgou superior ; batei o pé ritmicamente na terra árida por sobre o deserto onde cactos sem folhas guardam o segredo do amanhã ; destilai a aguardente de frutos maduros da terra para que possamos esquecer a nossa identidade perdida . Quem aqui trabalha com o que deixamos de ser , assim trabalha com a pele humana que nada mais é do homem do que aquilo que poderia ter sido mas não foi .; faz-se urgente conduzir de novo o homem para as estrelas e a esperança refletir nos corações exangues as lascas pontudas de obsidiana .
Despertar sensações inatas , estremecer alicerce , expor defeitos , um novo homem poderá nascer que venha subjugar este mundo de insetos , vindo de um ovo que na verdade são dois ovos , um vermelho que a semente do mal lambeu a casca pondo seu hálito do caos para a sua construção , o outro ovo sendo amarelo imaculado foi beijado pelo bem , pois sintamos nesta cosmogonia irrefletida a síntese do novo homem , gênese de uma nova humanidade que respirará metano , que suportará pressões de milhares de bares , que voará célere pelas estrelas perscrutando hidrogênio e rompendo relatividades , um homem que buscará simplesmente um coração ausente e que estará cada mais só no éter inconsútil , atado atavicamente à sua muralha de pedra onde desenhou o bisão e agora é tarde mas sonhando no polido e refletido casco desta nova nave astronômica que deglutirá parsecs .

Nós homens que escondemos o planeta terra por debaixo de nossas axilas e nos cremos senhores do universo e que vemo-nos agora como vermes repelentes que somos , como criaturas bidimensionais presas na lama e que nunca alçarão vôo . Nesta dicotomia irrepreensível de estar circunscrito ao terroso elemento que nos abriga mas de ter o cérebro voltado

para o poente do espaço infinito : neste intervalo habito , ali cremos . Somos este vácuo , queremos esta matéria impossível , somos uma lagarta repelente envolta por uma esfera de pele de galinha que alguém jogou dentro de um tonel de crosta de urso e que tudo foi queimado num acelerador atômico e o pó de alfa beta e gama aspergido sobre papel branco à busca das palavras , do texto que resumisse a miséria da condição humana . Quebramos o encanto da pena ao nos sentirmos espécie , ao crermos que possuímos um anima coletivo quando na verdade estamos presos a uma individualidade irritante , a uma imobilidade que permanecerá para todos os séculos pois assim é nosso cordão umbilical .

O agricultor que traga seu centeio , o pescador que exponha seus peixes , o padeiro que aqueça seus pães e você que venha com seu texto . Traga a sua história , a sua trama , a sua teia . Venha com seu enredo , vista-se com sua farsa , lustre-se com sua máscara , esconda-se por trás de sua tatuagem , renove-se e apresente-se em suas ilusões . Nada mais somos que cascas porque o interior é recôndito e a cada um pertence ; a comunicação é só da forma : a taturana procura seus caminhos , as abelhas informam dançando seus parceiros , as formigas tocam seus lares , as anêmonas agitam seus braços nos mares bravios e nós melodicamente , metodicamente , sistematicamente ondulamos nossas línguas e pronunciamos sons . Queremos com eles modificarmos o estado letárgico das coisas , despertar as almas viventes e os objetos que não são mas que estão placidamente repousando uns sobre os outros , coisas que são e que um dia ainda serão e que vemos com esta parcela obtusa que julgamos mente e que vê somente ínfima parte do existir .

Ah , nem todos se deixam enganar : os gatos sábios que são conhecem plenamente a realidade insetívora de que os homens são feitos e por isto nos olham desafiadores , ronronam suas cabeças duvidando de nos-

sa preponderância , pois são animais espertos , escorregadios , que compreendem o valor real das coisas ; não são como os cachorros repletos de parvoíce , papalvos , que alguns tem admiração ; os elefantes então nos vêem com sua terceira visão e conseguem perfeitamente compreender a pequenez do homem mas aí já estão submetidos uma vez que somos sempre escravos das coisas pequenas e senhores do que abandonamos .

Gritam macacos na selva sabendo que seus primos foram substituídos , lamentam-nos em sua noite profunda como assim fazem todos os seres viventes na escuridão e como morcegos sentem medo deste simulacro que se julga homem . Nas nossas fábricas abandonadas , nós , seres míticos , estamos sós , imobilizados no nosso bloco de gelo consciente , isolados porque nos cremos homens e acreditamos em nossos valores e falamos ainda palavras organizadas como cultura , cidade , sem perceber que estamos relegados a uma realidade plana e que nos arrastamos continuamente para a desordem universal cuja entropia irá nos dissolver numa espiral de aconteceres .

Somos o anátema da criação , o paradigma que não deveria ter sido feito . Escutai ar , ouvi animais , por sobre a possibilidade branca do amanhã deixamos de ocupar o nicho que nos foi reservado e estamos agora simplesmente semeando realidades que se fazem necessárias para criar um mundo impossível .

E , na face escura do ferrão de minha mãe e no leito de morte de meu pai , senti medo pelo que sou e pelo que somos . Vim ao papel e gritei , pois ainda é tempo de conhecimento . Enquanto nos restarem antenas , gritaremos os que souberem .

Finalmente constato que o manduruvá não é simplesmente meu pai em seu leito de morte ; é o deus inseto que construiu todo este universo em desencanto .

Tecido folha por folha meu destino se ata e se confina , minha vida se corta e se abrevia .

Nas palavras do próprio Martinho, este conto a seguir é uma espécie de sequência distante do seu conto "Questão de Sobrevivência", publicado no fanzine Megalon nº 59.

Na verdade, a ligação maior fica mesmo por conta da habilidade com que o autor consegue criar climas envolventes partindo de intróitos enxutos, que imediatamente capturam a atenção dos leitores para a narrativa, que segue crescendo num ritmo fluente, até o final inevitável.

A sombra do cirurgião

“Não há vilão pior que médico que se volta para o mal: ele reúne, logo de partida, conhecimento especializado e sangue-frio.”

(Sherlock Holmes)

A advogada parou junto ao círculo de mesinhas espalhadas pela área de alimentação e olhou de relance ao redor. Depois, incapaz de se decidir, pegou o identicard de dentro da bolsa e fez uma sondagem. Nesse instante imaginei se ela seria burra ou o quê – afinal, a mulher tinha me chamado para uma consulta confidencial (tão confidencial que havia escolhido um lugar público, pra não ser vista entrando no meu escritório). E ela esperava o quê? Que eu estivesse irradiando meu cartão de visitas – “I.M.M. el-Ghazi, segurança industrial e investigações sigilosas” – pra todo mundo ao redor?

Logo em seguida, no entanto, ela se pôs a caminhar decididamente em direção à minha mesa, onde eu tomava um *saada*, ou café servido ao estilo turco, sem coar, mas também sem açúcar. Percebi, num instante, qual tinha sido a jogada: de todas as pessoas na praça de alimentação, eu era, provavelmente, a única com o transmissor de cartão em modo “pause”. O sinal peculiar devia ser como o Dedo de Deus apontando pra mim.

Garota esperta, pensei, ao mesmo tempo em que fazia uma anotação na agenda para não esquecer de, na próxima vez, usar algum dos cartões falsos da minha coleção. Antigamente – isto é, até seis meses atrás – “pause” era uma forma polida de pedir privacidade. Pelo jeito, a netiqueta tinha mudado e eu tinha estado muito ocupado pra perceber.

Merda, não dá pra saber tudo o tempo todo, certo?

Enquanto ela se aproximava chequei meu identicard e vi que a advogada estava irradiando suas credenciais livremente: Luísa Alcoforado Martineli e Associados, advocacia civil, tributária e criminalista – e não é tudo a mesma coisa, hoje em dia?

Não que eu precisasse do identicard para reconhecê-la. Ao longe, as linhas do nariz Narciso não eram muito claras, mas os olhos Sapphirevision eram inconfundíveis. Segundo os tablóides da rede, eles podiam ser programados para faiscar numa frequência especialmente calculada pra deixar qualquer homem babando e de joelhos em segundos. Isso nos tablóides; no ramo de segurança, chamávamos o modelo de “Seqüestre-me”.

Ela chegou à minha mesa, sorriu – os dentes também eram de grife, mas não me lembro qual – e, sem esperar ser convidada, sentou-se. Uma vez sentada, cruzou as pernas lenta e deliberadamente, tendo cuidado para que eu visse tudo. Meu respeito pela advogada deu um salto exponencial: joelhos como aqueles não podiam estar no mercado.

Ainda.

Ela pediu uma vodca com suco de morango e passamos aos negócios. A advogada me fez um apanhado geral da situação: estava encarregada da defesa de uma amiga da família, uma mulher pega em circunstâncias muito, mas muito desabonadoras, que diziam respeito à morte recente de Dr. Narciso, o famoso cirurgião plástico. A mulher em questão, que aliás estava presa, era, de fato, a viúva do médico. A advogada queria que eu levantasse alguns fatos novos para ajudar na defesa.

– Nesse tipo de caso, costume cobrar adiantado – falei.

– Por quê?

– Você quer, deixando pra lá o papo furado, que eu prove que sua cliente é inocente. E se não houver provas disso? Eu posso fazer tudo que for humanamente possível e, ainda assim, ela ser culpada. Nesse caso, não quero ficar a ver navios.

Ela tamborilou as unhas – inquebráveis – no tampo da mesa e respondeu que tudo bem.

– Você conhece minha tabela? – perguntei.

Ela fez que sim.

– Tudo bem, mesmo?

Ela repetiu o gesto. Eu sorri e tirei o PDA do bolso do sobretudo. Abri-o, apertei umas duas teclas pra fazer o upload de meu contrato-padrão, pagamento à vista, e empurrei a máquina, por cima da mesa, na direção da advogada.

– Ponha seu polegar direito sobre o scanner, por favor.

Ela obedeceu. A máquina soltou um “bip” de satisfação – prefiro ruídos discretos – e a advogada devolveu o PDA para mim.

– Bem – falei, guardando o aparelho de volta no bolso –, já que você passou a ser de fato minha cliente, protegida pelas cláusulas de sigilo do contrato e aquela merda toda, será que dava pra me contar, com todos os detalhes sujos, exatamente o que aconteceu com o Doutor Narciso, e por quê a mulher dele foi presa?

E foi o que a advogada fez.

Francisco Soares dos Santos ou, como dizia a *trademark*, “Dr. Narciso”, é – era – um dos nomes mais quentes da medicina estética e cirurgia plástica da América do Sul; um membro daquela geração brilhante que representava tudo que Pitanguy tinha sido, no século XX, mas elevado à enésima potência: os Estilistas da Carne – este, aliás, era o nome da clínica fundada por Narciso e outros sócios tão ou mais requisitados, tão ou mais famosos. No caso de Narciso, sua criação mais característica, patenteada, era o “nariz

Narciso”: uma curvatura convexa do septo, um arco nunca antes imaginado, um desenho que não existia na Natureza. E, nas narinas – a linha que já havia sido comparada ao “contorno do dorso de uma pantera no instante anterior ao bote”. O “nariz Narciso”, um emblema de *status*. Mulheres matariam por ele: o símbolo inequívoco das princesas, das estrelas, das grandes profissionais.

Dr. Narciso tinha estado muito doente no último mês e, dois dias – na verdade, duas noites – antes de minha entrevista com advogada, havia morrido. Quando a equipe do Comitê Central de Medicina chegou pra realizar a autópsia, na manhã do dia seguinte, descobriu-se que a sombra do médico havia sido apagada horas antes.

– Agora – disse a advogada – imagino que, na sua linha de trabalho, você já tenha tido contato com esses aparelhos, as “sombas”, como o pessoal chama, dos médicos.

Fiz que sim com a cabeça, mas não dei muita ênfase ao gesto. Era óbvio que ela ia desenrolar uma aula sobre o assunto:

– Todo cirurgião – a advogada continuou – ao receber sua licença, tem uma “sombra” implantada na base do crânio. Esse aparelho registra todo o fluxo de impulsos nervoso do corpo do médico; isto é, toda a troca de informação entre o corpo e o cérebro. Ele não grava pensamentos, porque isso seria ilegal.

Assenti novamente. Ela continuou.

– As “sombas” são uma exigência do Comitê Central de Medicina. Assim, no caso de um médico ser acusado de erro durante um procedimento cirúrgico, os registros de cada movimento realizado durante a intervenção podem ser copiados e estudados, num simulador especial, por um grupo da Comissão de Ética. Mesmo no caso de cirurgias remotas, realizadas por robôs, as “sombas” gravam todos os movimentos feitos pelo médico-piloto. No simulador, é possível saber quais botões ele apertou e com que intensidade, por exemplo.

– Ela sorriu um sorriso cansado: a

despeito de tudo, havia pequenas rugas nos cantos dos olhos. – Afinal, nem todos os cirurgiões são artistas como o Dr. Narciso, que insistia em realizar cada operação com as próprias... No caso de operações realizadas diretamente por inteligências artificiais, a memória da IA é a própria “sombra”.

Fiz um gesto para o garçom, pedindo um novo *saada*, pois o meu tinha esfriado. A advogada prosseguiu:

– Quando um médico morre, sua sombra tem que ser removida por uma equipe credenciada do CCM e seu conteúdo, analisado e descarregado na grande central do Conselho. Assim, as perícias do médico morto são absorvidas pelo sistema de IAs da rede pública, onde se diluem em meio à massa de conhecimento já acumulada. Mesmo técnicas patenteadas caem automaticamente no domínio público. Apagar a sombra de um médico antes que o CCM possa fazer um *back-up* é, portanto, crime contra a saúde pública.

– E é por esse crime que sua cliente está presa?

– Prisão preventiva. Espero obter um habeas-corpus em breve. Mas preciso de evidências sólidas para basear a defesa, no julgamento. A situação... Você viu algo a respeito?

Respondi que sim. Por dever de ofício, tento acompanhar quase todos os *net-newscasts*, um pouco de televisão e, até, os impressos.

Pelo que tinha visto na mídia, o caso parecia, realmente, desesperado: laudos técnicos davam a entender que a sombra tinha sido apagada quatro horas antes da chegada da equipe do CCM. Pela manhã, a porta de comunicação com o corredor e a janela do quarto (que ficava no último andar) tinham sido encontradas trancadas por dentro. A única outra porta dava para o banheiro, que estava vazio.

Não havia nenhuma declaração da mulher presa: o que ela dizia ou deixava de dizer estava sendo tratado como segredo de Justiça e de Medicina.

As câmeras de segurança não mostravam ninguém no corredor do último andar, após o final do horário de visitas. A câmera de dentro do quarto tinha sido desligada a pedido da mulher do paciente, por questões de privacidade. A morte, de acordo com os monitores de condição vital, tinha ocorrido pouco depois da meia-noite.

Alertada pelo computador central do hospital, a equipe do CCM tinha chegado às seis da manhã (sem burocratas de plantão na madrugada, parece). A sombra havia sido apagada, portanto, às duas horas.

Com o corredor vazio. Porta trancada, janela idem. Só a mulher e o cadáver no quarto, a câmera desligada a pedido.

Mau, mau, mau.

– E você vai alegar inocência? – perguntei.

– Exatamente.

Tive que dar um ponto pra advogada. Era muito corajosa, ou muito estúpida. Ou ambos: às vezes, é difícil saber a diferença. Mesmo assim, resolvi pressionar mais um pouco:

– Você acredita que ela seja inocente? Aqui, só entre a gente.

– Sim.

– E por quê? Por favor, sem esse papo de “intuição feminina”.

– Você conhece os Paraísos Biomédicos? Ilhas Shotoku, Principado Neo-Indonésio, esses lugares? Onde qualquer um pode comprar operações que seriam ilegais até na Holanda, no Paraguai, na Suécia? Próteses penianas com lâminas retráteis, dentes de aço laminado, esse tipo de coisa? Imagine se, em vez de cair em domínio público, a técnica exata do nariz Narciso fosse vendida para um desses lugares. Quanto dinheiro isso não poderia valer? Pense nas Ilhas Shotoku...

– Sim? – tomei um gole do novo *saada*, e me senti um pouco melhor.

– É um país de ninjas, não é? E entrar num quarto de hospital, à noite, no último andar, sem ser visto... Não parece coisa de ninja? Um agente das

Ilhas esteve lá, e Andréia foi drogada sem perceber. O bandido poderia fazer um *back-up* da sombra, apagar a original e fugir. Não faz sentido?

Andréia, acho que é hora de dizer, era o nome da mulher presa.

A idéia de ninjas ladrões de sombras me pareceu um bocado extravagante, mas eu não ia dizer isso pra quem tinha acabado de assinar um contrato comigo, pagando adiantado. O cliente nem sempre tem razão, mas não é bom deixar que ele perceba isso. Ao menos, não logo no primeiro encontro.

– *Cui buona*, não é? – falei, rindo um pouco. Não um riso de escárnio: mais como um cumprimento. – Ah, a mente do advogado... Pode ter certeza de que vou dar a este aspecto da questão toda a atenção que ele merece.

– *Ou seja, muito pouca*, completei, mentalmente. – Quando posso falar com Andréia?

– Não pode.

– Não... ?

– Ela está muito abalada. Talvez, depois do habeas-corpus... Dei de ombros.

– Outra coisa – falei – que quero discutir com você é esse papo de “confidencialidade”... Tudo bem, concordo que sempre que alguém procura um sujeito na minha linha de trabalho a primeira coisa em que se pensa é sigilo, segredo. Uma espécie de reflexo condicionado: muitos filmes, muitos livros – sorri. – Mas não seria melhor se, neste caso, eu trabalhasse às claras, e pudesse me apresentar às pessoas como assessor da defesa? É provável que eu acabe tendo que entrevistar alguns amigos da sua cliente, e nesse caso...

Ela parou um pouco, olhou para o alto, semicerrou os olhos, mordeu de leve um dedo. Estava, obviamente, pensando.

– Realmente, acho que pode ser uma boa idéia – ela disse, por fim. – Sim, é isso. A partir deste momento, você tem minha autorização para se apresentar como meu agente.

– Tem certeza?

– Tenho. Os ninjas já devem estar sabendo, mesmo.

Ninjas, de novo! Qual o problema dessa mulher? Idéia fixa?

– Certo – enquanto falava, virei o que restava de meu segundo *saada* e comecei a me levantar. – Vou começar hoje mesmo, pelo hospital.

Ela terminou a vodca, trocamos um aperto de mão e um beijo cordial, e nos separamos.

E foi no hospital, logo de cara, que lancei mão de meu “privilegio” de assessor da defesa. Com o contrato registrado no PDA, não era difícil provar pra quem eu estava trabalhando – e foi graças a isso que consegui acesso ao quarto onde o Dr. Narciso tinha resolvido queimar o modem, a suposta “cena do crime”.

Como se tratava de uma ofensa contra a saúde pública, o caso provavelmente estava nas mãos dos “Special Ops” da Polícia Federal e do Serviço Reservado do CCM. E este é um povo de classe, do tipo que isola a cena do crime com fita adesiva, passa scanners até pra pêlo de guaxinim e, se vier a calhar, compra fotos de alta definição do IntelSat pra ver se não tinha ninguém andando no teto do prédio às tantas.

Nada a ver com os pés-rapados que a gente costuma encontrar nas ruas, achacando traficantes de neurobug.

Os meninos do CCM não estavam lá na hora em que cheguei, no entanto. Mas os caras tinham reprogramado a fechadura semi-inteligente da porta, pra evitar bisbilhoteiros. Mas, depois de ver o passe, que a recepção do hospital tinha me dado e de me ouvir citar um ou dois artigos da Constituição sobre o amplo direito de defesa, a trava fez “clique” e me deixou passar. Antes, ela me disse que não tinha sido aberta durante a noite em que o Dr. Narciso tinha morrido. Ninguém passou por mim, não senhor.

Claro que a fechadura ficaria de olho em mim e não me deixaria pegar nada, nem mexer em nada. E todos os resíduos que eu deixasse no local – pegadas, impressões digitais, partículas de pele – seriam descontados no registro final, por

critério de eliminação cronológica.

O dinheiro dos impostos trabalhando, sim senhor.

Enquanto dava uma boa olhada ao redor, tentei puxar um pouco mais de conversa com a fechadura; ela com certeza possuía um registro global do estado da sala até o instante anterior à minha entrada, e esse tipo de informação poderia me poupar um bocado de serviço. Mas a semi-IA não estava mais a fim de conversa, então caí de joelhos e comecei a examinar cada palmo da superfície total do apartamento. Hoje em dia ninguém mais é descuidado a ponto de deixar pegadas ou bitucas de cigarro por aí, mas eu jamais teria certeza se não olhasse direito, não é?

O piso emborrachado, verde, estava limpíssimo.

Se alguém tivesse entrado pela janela, ponderei, haveria marcas de algum tipo na moldura, na parede (por dentro ou por fora) ou, no mínimo, no parapeito do terraço, logo acima. Afinal, o que quer que tivesse sido usado – andaime, corda, escada – teria que se apoiar em alguma parte do próprio hospital, e na mesma face do edifício em que ficava a janela.

Não achei nada. Claro, havia a possibilidade de que os supostos “ninjas” tivessem usado um helicóptero silencioso, pairando paralelamente à janela, e se transferido para o prédio por meio de uma prancha, como nas velhas torres de assalto da Idade Média. Mas a idéia era tão idiota que não permiti que ela me atrapalhasse nem um pouco.

O fecho da janela era mecânico, não eletrônico, e parecia em perfeita ordem.

Depois fui ao banheiro. O cesto estava vazio (o conteúdo com certeza estaria passando por uma análise detalhada nos laboratórios do Serviço Reservado, e a advogada poderia me conseguir uma cópia do laudo, mais tarde). Que mais? A descarga era a vácuo, claro. Dei uma olhada no reservatório de desinfetante, a tal caixa acoplada, por via das dúvidas, mas não havia nada guardado lá, nem no sifão da pia ou no ralo do chuveiro.

Em seguida fui até a escada de emergência, no fim do corredor, e subi até o terraço. Fiz uma vistoria geral, tão boa quanto possível, e não vi nada de suspeito por lá, também.

Depois, na recepção do hospital, sorri para a mocinha que ficava atrás do balcão, irradiei meu identicard de investigador, apresentei-me como assessor de defesa da viúva presa e, como quem não tem nada melhor pra fazer, pedi cópias do histórico médico do Dr. Narciso e dos registros de segurança feitos no dia anterior e na noite da morte – leituras do detector de munições da porta, filmes digitais das câmeras de vigilância, coisas assim. Imaginei que minhas chances de conseguir algo seriam escassas mas, que diabo, sorrir não custava nada.

Para minha surpresa, a garota não só sorriu de volta como me entregou discos onde, ela me disse, estavam todos os dados que eu havia pedido. Fiquei tão agradavelmente surpreso que até me esqueci de fechar o ato com a proverbial chave de ouro, convidando-a para um chope depois do expediente.

Sempre me esqueço das coisas mais importantes.

Os discos deviam conter alguns terabytes de informação bruta, e era óbvio que nem meu PDA e nem o terminal do carro seriam capazes de fazer a leitura e decupagem dos dados sem começar a soltar fumacinha muito antes de o serviço ficar pronto. Portanto, aproveitei minha longa estada no Grande Congestionamento para baixar da rede pública alguns dados de fundo a respeito do caso.

Sombras, por exemplo. Requisitei detalhes. Técnicos, em sua maioria. Afinal, é nos detalhes que mora o *djinn*. Mas você já sabe disso.

A imagem holográfica que saltou do console do carro representava uma estrutura comprida e segmentada, com linhas de terminais arredondados ao longo de cada segmento – poderia ser uma espinha humana, mas era flexível demais: me fez pensar em um tipo de verme intestinal. Solitária?

Esqueci o nome. “Implante cervical CCM-P-29021”, dizia a legenda maior.

No texto que corria ao lado da figura encontrei alguns dados interessantes. Por exemplo: as maquiuetas realmente gravam toda a comunicação entre o cérebro e o corpo do cirurgião. Mesmo quando ele está trepando ou cagando. Percebe? O gravador não pára nunca.

Óbvio que tem um monte de leis e regras impostas ao pessoal do CCM que, em teoria, impede a leitura (ou, no mínimo, a divulgação) desses registros mais delicados, mas mesmo assim... Suponha que um doutor faça uma viagem, a boa e velha viagem de negócios, e trepe com uma piranha por lá.. A sombra vai registrar, inevitavelmente, que, no dia tal, à hora tal, o médico estava imerso nas carnes de uma senhorita qualquer. No dia tal, hora tal, a centenas de quilômetros da esposa querida, que no mesmo instante malhava ou fazia tricô em casa. Taí uma coisa que pode tirar muitos detetives do negócio, pensei.

Brincadeiras à parte, assim que entendi as implicações todas da coisa, tive um calafrio. O conceito me deixou levemente enojado: senti o gosto amargo de *saada* e bile na garganta.

Já pensei muito no assunto (não consigo evitar, realmente) e até hoje ainda não sei se seria capaz de suportar uma coisa dessas, enfiada no *meu* corpo. Mesmo com a garantia do código de sigilo, das normas de privacidade “que são as mais rígidas já criadas desde que o segredo de confissão foi instituído pela Igreja Católica”, como dizia o verbete; ou, talvez, por causa disso. A associação era óbvia: seria, exatamente, como ter um confessor grudado no próprio corpo, 24 horas ao dia – uma consciência que nunca esquece, e nem perdoa.

Sou um bom muçulmano, entenda bem, mas tenho imaginação suficiente para fazer uma idéia do que deve ser o ritual católico da confissão. E para detestar a idéia.

Outro dado curioso: as sombras são cem por cento recicláveis. Uma

vez formatadas, não há como reconstituir o conteúdo anterior. A coisa é feita assim para impedir que o novo “hospedeiro” adquira algum reflexo residual do último dono. A explicação não dizia qual o procedimento para se formatar uma sombra usada, mas dava a entender que era algo feito, normalmente, por técnicos sem muita especialização; um procedimento quase mecânico. Andréia, a cliente de minha cliente, ao que tudo indicava, poderia tê-lo executado sozinha, desde que soubesse quais botões apertar.

Para impedir que o novo “hospedeiro” adquira algum reflexo residual do último dono. E, assim, a técnica multimilionária do Dr. Narciso se perde para sempre. Ou não?

Minha cliente tinha falado algo sobre *back-ups*. Será...?

A luz verde no painel do carro começou a piscar, sinal de que o congestionamento já se havia dissolvido um ou dois quilômetros adiante, e que dentro de dez (nove, oito, sete...) segundos eu teria pista livre para prosseguir.

Desfiz a conexão com o informativo do CCM e me preparei para o caminho de volta pra casa. Eu não gostava muito de deixar a IA dirigir.

Cheguei ao prédio uma meia-hora depois, e subi até o andar de meu apartamento pelas escadas. Gosto de fazer isso, às vezes, à guisa de exercício.

Já estava junto à porta do apartamento quando o identicard no bolso do paletó começou a pular, dando seu alerta silencioso. Peguei-o olhei a tela: ele havia detectado um outro identicard – dentro do apartamento – irradiando em “pause”.

Tive que me conter pra não rir. Este é o erro mais comum dos babacas que se metem a fazer tocaia antes de sair do maternal: esquecer o identicard ligado. O idiota que me esperava sem ter sido convidado havia refinado um pouco a técnica, pondo o

aparelho em “pause”. A maioria das pessoas acha que “pause” e “desligado” são a mesma coisa.

Na maioria das vezes, até são.

Mas nem sempre.

Bom, eu sabia que o trouxa estava lá dentro ele provavelmente sabia que eu estava lá fora. Puxei a arma do coldre e, calculando direitinho as coordenadas do cretino a partir da origem do sinal de “pause”, destravei a tranca magnética, chutei a porta e dei dois tiros na direção apontada pelo identicard.

Os tiros fizeram um barulho do caralho. Uso um berro discreto, mas carregado com balas especiais; a propaganda diz que cada uma atinge o alvo com energia equivalente à de um elefante adulto caindo de órbita, desprezada a resistência do ar.

Deve ser um puta exagero. Mas o fato é que, se eu tenho de atirar em alguém, gosto de ter certeza de que, depois, o cara vai estar morto ou, pelo menos, ferido demais pra tentar fazer bobagem – cabeça ou perna, alguma coisa perde quem se mete comigo.

Naquele início de noite, no entanto, tudo que fiz foi abrir dois buracos enormes no revestimento da parede. A luz do apartamento estava apagada, mas no clarão dos tiros pude enxergar duas coisas: primeiro, a parede nua; segundo, o identicard deixado sozinho, de propósito, no chão.

E quem é o imbecil agora?, pensei, enquanto ouvia um passo atrás de mim e sentia a pressão do cano de uma arma em minha nuca. De repente, eu não queria mais rir.

A porta se fechou com um clique.

– *Hat el-fulus!* – disse a voz do dono da arma. E eu já estava puxando a carteira quando me toquei... Quantos bandidos iriam se dar ao trabalho de dizer “passa a grana” em árabe?

Foi aí que reconheci a voz. Resolvi brincar um pouco, e respondi dizendo que não tinha dinheiro comigo:

– *Ma andish fulus...*

– *Bismallah! Inta kidibt!*

– Escuta aqui, cara – falei, em

português, mal contendo o riso. – Primeiro, não se deve usar o nome de Deus em vão. Segundo, o último sujeito que me chamou de mentiroso voltou para o Cairo pelo correio... em vários pacotes.

– Ibrahim! – Ele gritou, me abraçando. – Filho de uma égua caolha!

Vinte minutos depois, com as luzes acesas e o café servido – ele tomava *ziyada*, ou seja, com açúcar extra: quase um xarope de tão grosso e doce –, conversamos.

Meu visitante era Raul Fuad Sardat, ou agente Sardat, outro filho de refugiado egípcio (como eu), e meu contato dentro da Polícia Federal. Ele era um “Special Ops”, concursado e muito competente, mas não estava acima de trocar informações com um velho amigo, principalmente um irmão de fé. E, como deve ter ficado claro, também não estava acima de pregar peças nos colegas. Protestei, sem muita convicção, contra o fato de ele ter forçado a entrada em meu apartamento.

– Mas eu achei a porta aberta – Raul respondeu, sorrindo. O espertalhão. E, antes que eu tivesse tempo de chamá-lo de mentiroso, ele disse, no tom de um professor que repreende o aluno relapso:

– Desatento, Ibrahim, desatento

– Raul balançou a cabeça. – Esse truque do identicard, digamos, *inadvertidamente* esquecido em “pause” já é velho, e mesmo assim...

– Eu nunca tinha encontrado isso antes – protestei. – Embora, pensando no assunto, esta me pareça uma manobra bem óbvia.

– Bom que não encontrou antes!

– Ele disse, esvaziando o copo em um só gole. – Senão, não estaria vivo! Assenti. Depois, falei:

– A que devo a visita?

– Você está no caso do cirurgião que teve a sombra apagada, não é?

– A PF já sabe?

– A PF, meu caro – ele falou, encostando o indicador na ponta do nariz – sabe *tudo*.

– Fui contratado para tentar

reunir provas inocentando a viúva – falei. Ele provavelmente já sabia disso *também*, de qualquer maneira. – Qual o interesse da PF no caso?

– Apagar a sombra de um médico é crime contra a saúde pública.

– Ora, vamos. Para isso há o Serviço Reservado do CCM. E daí?

– Shotoku.

– Shotoku?

– As Ilhas Shotoku. Um arquipélago do Pacífico, rocha pura e um pouco de capim. Isto é, até quinze anos atrás. Aí o lugar foi ocupado por milícias radicais japonesas, você sabe, a glória do império e coisa e tal. Eles queriam fundar um país novo, livre da “corrupção ocidental”. Acabaram criando um Paraíso Biomédico. Sem regras, leis ou patentes. Bisturis de aluguel. O corpo que você sempre quis ter, e pelo preço que puder pagar. Nas letrinhas miúdas: sem garantia.

– Então...?

– Então, acontece que... nos últimos dois anos, três grandes cirurgias plásticas brasileiros morreram: um de velhice, mesmo, o cara estava gagá, e um de acidente. Narciso foi o terceiro. Nos dois primeiros casos, mal se havia passado um mês da morte, os artistas de Shotoku já estavam oferecendo as técnicas brasileiras, supostamente exclusivas, para o mundo. Isto, pros moleques do Ministério da Fazenda, configura evasão de divisas. Afinal, quantos dos gringos que foram a Shotoku não teriam vindo se operar no Brasil, pagando todas as taxas e vistos? Merda, é uma grana filha da puta! E mais: violação de copyright nacional. Quebra de patrimônio. Violação das convenções de Viena, Montevidéu, Chicago. Até de Genebra, apostado. Quer mais?

Fiz que não com a cabeça. Falei:

– Acho que sei aonde você quer chegar. Mas eles não podem ter utilizado engenharia reversa? A partir de fotos, hologramas, arquivos de clientes operados?

– Nada feito. Qualidade de primeira, não o trabalho pirata usual. E, se fosse o caso, por que fazer isso só depois de o cirurgião morrer? Claro, há a questão legal... a lei

brasileira que transforma as técnicas dos médicos mortos em patrimônio público nacional não é reconhecida em uma penca de lugares... Mesmo assim, com a morte de Narciso, resolvemos ficar espertos. Os garotões a Fazenda têm costas quentes, você sabe.

– Nos casos anteriores houve também a formatação ilegal das sombras?

– Não.

– Curioso...

– Pois é.

Ele já estava se levantando pra ir embora quando se voltou e disse:

– Ah, sim: você foi contratado pela defesa da senhora presa, não é? Para provar a inocência dela?

– Exatamente.

Ele deu de ombros, fazendo uma careta.

– Que foi? – perguntei.

– Só achei estranho...

– O quê?

– Quer dizer que não sabe?

– Não, não sei. – eu disse, exasperado. – O quê?

– Bem... Você não teria como saber, mesmo. As informações que chegam ao público estão sendo censuradas, coisa e tal. Mas a advogada...

– Dá pra desembuchar?

– Ela confessou. A viúva, digo. Dois dias atrás. No instante exato em que foi presa.

Depois que Raul foi embora, tentei ligar para minha cliente e tirar umas coisinhas a limpo, mas tudo que consegui foi uma secretária semi-IA dizendo que “Doutora e doutor Martineli não podem atendê-lo no momento”. Uma mulher com aquelas pernas, casada? E usando o nome do marido? O mundo é um lugar cheio de surpresas, sem dúvida. Ou talvez nós egípcios sejamos um pouco machistas, mesmo na segunda geração. Quem sabe?

Só pra não ficar sem assunto, perguntei à semi-IA se o “doutor” Martineli era médico ou advogado, mas a secretária não parecia ter sido informada da diferença. Ela quis saber se eu gostaria de deixar algum recado e, depois de pensar um pouco, disse

que gostaria que a doutora me ligasse assim que possível. Desliguei em seguida.

Eu não ia ser capaz de dormir naquela noite, não depois do *saada* que tomei enquanto Raul lambia o xarope de café e açúcar de que gostava tanto. Então, aproveitei a noite pra dar uma olhada nos registros eu a mocinha do hospital tinha tido a bondade de me passar.

Foi uma noite e tanto, aquela, horas a fio com a bunda colada na cadeira, olhando para três telas ao mesmo tempo, duas planas e um monitor holográfico, e você sabe o que dizem sobre a radiação desses hologramas baratos; em menos de cento e vinte minutos eu já estava lacrimejando. O cara que disse que o “detetive de poltrona” é uma figura de ficção do século XIX nunca viu a gente trabalhar com computadores, isso sim.

Lamúrias, lamúrias. Ao trabalho, então:

Primeiro, chequei a *causa-mortis* do bom Doutor Narciso, nascido Francisco Soares dos Santos no ano cristão de 2025. Depois que o meu interpretador médico tirou todas as palavras gregas de praxe fiquei só com uma, e essa quase que me faz pular da cadeira: *Papadimitriou*.

Eu conhecia a síndrome: paralisia progressiva do sistema nervoso a partir das extremidades, culminando num grand-finale que, segundo um legista amigo meu me contou, deixa o cérebro parecendo repolho cozido. “O cheiro é igual”, ele me disse.

A doença já havia sido um problema grave de saúde pública, décadas atrás, e ainda hoje atacava um bocado de gente – mas quase só crianças pequenas, principalmente as mais pobres. Eram raros os casos envolvendo adultos. Ainda mais sanitárias a que o doutor devia estar acostumado.

Será que ele fazia trabalho voluntário em alguma clínica pediátrica de baixa renda? Não havia nada na biografia dizendo isso – e esse é o tipo de coisa que os caras costumam pôr em letras garrafais.

Resolvi guardar a questão para

mais tarde e me pus a estudar os registros de segurança. Trabalho tedioso – horas a fio de corredores vazios, elevadores vazios, mesas de recepção vazias. Uma pentelhação só, e nada de elucidativo.

Havia também câmeras externas, que cobriam os arredores do hospital. Dei uma olhada nos registros, ao mesmo tempo em que pedi ao software para buscar padrões não-aleatórios – qualquer coisa que fugisse ao que seria de se esperar das vizinhanças de um hospital de alto padrão.

E, com o diabo, o software achou. E o que ele encontrou foi isto: mendigos.

Numa esquina da onde dava – ou daria, se o prédio não fosse tão alto – pra ver a janela do quarto do doutor morto. Por quarenta e oito horas ininterruptas, sempre tinha alguém lá. Não sempre a mesma pessoa, mas sempre alguém vestido em farrapos, apoiando-se numa muleta ou com uma prótese obsoleta no lugar do braço, do nariz, do olho, da perna. Pareciam mendigos, mas em nenhuma das imagens registradas consegui vê-los pedindo esmolas.

Fossem quem fossem, tinham ficado lá.

Quando o computador chamou minha atenção para o fato, já eram quase oito horas da manhã, e eu começava a sentir o efeito dos *saadas* acumulados se desvanecer. Mais quarenta minutos e eu estaria indo para a cama, isto é, se fosse capaz de suportar meu próprio cheiro. Não sei se os cafés tinham fermentado ou o quê, mas meu hálito estava de doer. Eu sentia isso no fundo da garganta, enquanto respirava. Será que adiantaria usar o antisséptico?, lembro-me de ter pensado.

No final, a questão se tornou acadêmica: porque, veja, o telefone tocou antes.

Atendi achando que talvez a advogada tivesse recebido meu recado, mas não era ela.

– Ibrahim Mauro Meneses el-Ghazi?

– Sim – respondi. Era uma voz de mulher, muito escorreita, e usando

meu nome inteiro. Negócios, talvez?

– Aqui quem fala é Soraya Abdala – ela se identificou. – Eu trabalho... Trabalhava com o Dr Narciso, na clínica Estilistas da Carne.

– Ah, sim? – Minha cabeça estava meio dura de sono.

– Eu sou... – ela limpou a garganta. – Eu *assino* como Doutora Saphire.

– Saphirevision?

– Invenção minha.

– Parabéns, doutora.

– Obrigada. Escute...

– Estou ouvindo.

– Você trabalha na defesa da mulher do Narciso, não é?

Com todos os diabos, *djims* e o próprio Shaitan, pensei, será que alguém podia me explicar como *todo mundo* tinha ficado sabendo disso? Eu estava no caso há menos de 24 horas!

– É verdade – respondi, me sentindo um pouco triste e bastante amarrotado. – Como a doutora ficou sabendo?

– Oh, um amigo... que trabalha no CCM... comentou comigo. Parece que todo mundo lá já sabe.

– Ora, ora...

– Como?

– Nada. Este seu amigo...

Ela me cortou:

– Acontece que o boato é de que o Serviço Reservado tem um caso fechado contra a pobre Andréia – disse a médica. – E eu acredito que existem circunstâncias atenuantes. Por isso...

– OK! Como posso ajudar? – se a mulher tinha mesmo confessado, e eu não via por que Raul mentiria para mim, *circunstâncias atenuantes* passava a ser o nome do jogo, o primeiro prêmio, a medalha de ouro.

– Eu... gostaria que você viesse aqui. Na clínica. Esta manhã, se possível. É possível?

– É, sim. – Minha cabeça estava voltando a funcionar. Lentamente, mas estava. – Passo aí daqui a pouco. Até mais!

A clínica Estilistas da Carne ocupava (e ainda ocupa) boa parte da espiral de aço, concreto, vidro e polímero que serpenteia ao longo da escarpa do pico do Jaraguá. Alguns

caras chamam isso de “arquitetura organo-paisagística”, mas pra mim é mais como uma cobra de cristal enrolada no Caralho de Deus. Mas, e daí? A coisa foi feita pra impressionar e, neste ponto, cumpre perfeitamente sua função.

O consultório da Doutora Saphire era uma sala branca, cheia de curvas suaves e colunas delgadas. Já a doutora, em si, me decepcionou um pouco: eu esperava uma mulher com o melhor corpo que o dinheiro pudesse comprar – ao menos, para efeitos de marketing – e o que vi, embora não fosse de se jogar fora, com certeza estava a quilômetros do que a gente vê na capa das revistas.

Exceto pelos olhos, claro. Aqueles eram Saphirevisions de última geração: além de serem absolutamente estonteantes quanto à cor – eu poderia descrevê-los como “prateados” ou “verdes”, e não estaria mentindo em nenhum dos dois casos. Mas também não estaria dizendo toda a verdade – também possuíam um movimento interno da íris em direção à pupila, um fluir contínuo que me fez pensar em nuvens de pó de estrelas caindo num buraco negro.

Provavelmente, um mero efeito colateral do ajuste da escala de ampliação de imagem; uma coisa simpática sobre os Saphirevisions é que eles dispensam o uso de microscópios e binóculos.

Pensei um pouco no nome, Soraya Abdala. Seria de família egípcia? Concluí que não. Libanesa, mais provavelmente.

A doutora me apontou uma cadeira de formato engraçado e perguntou e eu aceitaria um café ou um chá. Por prudência, fiquei com o chá.

Depois, como toda pessoa que tem algo importante a dizer mas não sabe como entrar no assunto, fez um longo preâmbulo. No caso, descrevendo seu relacionamento com o casal Narciso e Andréia. Tinham dividido alojamentos no tempo da faculdade, sido padrinhos de casamento uns dos outros (a Doutora Saphire também era casada), visitavam-se frequentemente, esse

tipo de coisa.

– Andréia é minha melhor amiga – disse a doutora, sem demonstrar o menor embaraço. – Quero fazer tudo que puder para ajudar.

– A doutora disse algo sobre atenuantes...

– Sim. É isso – ela respirou fundo. – Acho que Andréia fez o que fez...

– A doutora não acredita na inocência dela, então?

– Acredito! Isto é... Acho que não há como negar que ela... fez... aquilo. Mas... ela não estava em seu juízo perfeito. Isto pode significar inocência, não é? Tecnicamente?

– O assunto é para os advogados decidirem – falei. – E um juiz. Mas, sim, em princípio... O que Andréia tinha?

– Ela... bem, eu não sou psiquiatra, mas... Mania religiosa talvez seja uma boa definição.

– De que tipo?

– Ela passou a creditar que as sombras roubavam almas.

Ora, ora, ora.

– Como assim?

– O senhor já deve ter lido... Sobre certos povos, “primitivos” é como costumavam ser chamados, que tinham medo de se deixar gravar, digo, fotografar?

– Sim. – “Sim” é uma de minhas palavras favoritas. Não compromete e, normalmente, mantém o interlocutor falando.

– Porque achavam que a fotografia aprisionaria o espírito? Que capturar a imagem equivaleria a capturar a alma da pessoa?

– Sim.

– Então... Andréia desenvolveu uma... noção? paranóia? ... semelhante. Mas em relação à sombra do marido. Portanto...

– Ela apagou a sombra para libertá-lo – completei.

A médica sorriu:

– Isso.

– Veja... Não me leve a mal: vou apenas argumentar como um promotor esperto faria: apagar sombras é um serviço técnico. Não muito difícil, pelo que pude descobrir, mas, mesmo assim, requer algum conhecimento especializado. Como

Andréia poderia fazer isso sozinha?

– Eu ensinei.

– Mesmo?

– Mesmo. Ela... veio me dizer que achava que a alma do marido estava em perigo. Sei que deve soar ridículo, agora, mas ela era, é, minha melhor amiga, e foi lá em casa falar comigo uma noite, chorando... isso foi logo depois que ele começou a mostrar sintomas da doença... dizendo que a alma de Narciso estava em perigo. Assim mesmo. Tentei acalma-la, ver se conseguia tirar algum sentido do que ela me dizia. Conversa vai, conversa vem, ela me perguntou como uma sombra poderia ser apagada.

– E a doutora respondeu? Não desconfiou...

A médica deu de ombros:

– O senhor se referiu à coisa como uma perícia especializada e reconheço que, para um leigo, deve parecer assim. Mas, no nosso meio, é conhecimento simples, comum. Qualquer segundanista sabe como funciona. Quanto a desconfiar: não. Minha impressão era, apenas, de que Andréia queria ter certeza de que a sombra seria apagada, inevitavelmente. O que viria a acontecer, sem dúvida, nos laboratórios do CCM, na reciclagem. Expliquei o procedimento apenas para tranquilizá-la. Como faço com pacientes antes da cirurgia.

– Então, deixe-me ver se entendi: a doutora crê que Andréia é culpada pelo ato de apagar, ilegalmente, a sombra do marido. Mas crê, também, que o ato foi precipitado por um tipo de insanidade, uma paranóia religiosa, e que, por esse motivo, a acusada deve ser considerada inimputável?

– É isso. Posso testemunhar a respeito. E talvez a defesa queira indicar um psiquiatra...

– É provável – falei, sorrindo. – É só?

– Bom... na verdade...

Ela parecia incerta quanto a prosseguir. Resolvi dar um empurrão:

– Qualquer novo dado poderá ser de grande ajuda – falei.

– Oh, está bem. Talvez o senhor possa me ajudar.

– Com o quê?

– Na noite em que estive em casa, Andréia deixou uma caixa... e um endereço. Pediu que, caso alguma coisa de errado viesse a acontecer, eu providenciasse a entrega. Então...

– Posso ver o material?

Ela assentiu:

– Eu trouxe tudo para o consultório.

Num instante, uma gaveta se abriu e, de lá, saíram a caixa – do tamanho de uma daquelas pastas de executivo que a gente vê nos filmes antigos, com alça e tudo – e uma folha de papel com um endereço rabiscado. Primeiro, olhei o endereço.

– Não é uma boa vizinhança, é? – a médica perguntou.

Fiz que não com a cabeça:

– É perto da antiga Catedral da Sé. Não se trata de um bom lugar para se andar desarmado; até os blindados evitam a área. Aliás... É, isto mesmo. Este é o endereço do ponto de encontro do Sindicato. A sede, pelo que sei, é secreta.

– Qual sindicato?

– O dos mendigos.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. Desde a Revolução que os mendigos tinham se organizado como um verdadeiro Estado dentro do Estado – como os traficantes do Rio, no final do século XX, ou os sem-teto, na primeira metade deste – e as acusações contra eles iam de venda de proteção e extorsão a seqüestro de bebês e assassinato. Ninguém nunca tinha conseguido provar nada, lógico. Supunha-se que ninguém *queria* provar o que quer que fosse.

Eu tinha tido, anteriormente, a oportunidade de trabalhar com eles (bem como *contra* eles) em alguns casos; da última vez, eu e Maldonado, o Presidente do Sindicato, tínhamos nos separado em termos até que amigáveis.

– Mas o quê... – a médica começou a balbuciar.

– Melhor ver o que tem na caixa – sugeri. – Ou a doutora já sabe?

– Nunca abri.

– Então...

Minha gazua trabalhou com facilidade na fechadura, mecânica, da pasta. Lá dentro, algo que eu não via há muito tempo:

Dinheiro.

Não fichas de crédito; nada de cartões chipados ou memocubos do BC. Dinheiro de polímero flexível: notas e mais notas. Os rostos de velhos generais e poetas mortos olhando para nós.

Junto com a grana, um bilhete:
Por favor, perdoem-nos por tudo!

No caminho para a Sé liguei, do carro, pro PDA de Raul. Tive de esperar um pouco, mas no final ele atendeu.

- Que foi? – disse.
- Ontem à noite, lá em casa...
- Que é que tem?
- Você disse que tinha achado a porta aberta. Foi brincadeira, certo?
- Não. Não foi, não.
- Certeza?
- Certeza.
- Jura?
- Mas que coisa, Ibrahim! Estava aberta, porra!
- Tá, tá. Obrigado. Até lo...
- Ei! Espere!
- O quê?
- Alguma novidade no caso?
- Mais ou menos. – Soltei um grunhido. – E aí?
- Tá, cara. Entendi. *Quid pro quo*, é assim? A gente se fala depois.

Cheguei à região da Sé com a cabeça fervendo. A fechadura do meu apartamento era apenas magnética, sem inteligência – essas semi-IAs custam os olhos da cara – mas eu tinha certeza de ter trancado tudo antes de sair. Mas, juntando as imagens de mendigos feitas pelas câmeras externas do hospital à mala de dinheiro no banco ao meu lado, não era difícil imaginar quem teria se esgueirado pelo apartamento antes de Raul chegar. O fato de terem deixado a porta aberta provavelmente significava que quase tinham sido pegos em flagrante pelo homem da PF.

Eu realmente estava muito putó. “Vendo vermelho”, como dizem os livros antigos. Minha idéia de felicidade teria sido chegar atirando e arrancar uma meia-dúzia de cabeças, antes de chamar Maldonado pro pau – com facas, provavelmente.

Mas, claro, eu não ia fazer nada disso. O Sindicato dos Mendigos administra a lei e a justiça em seus territórios, e é uma administração bem eficiente, essa. Eu provavelmente só conseguiria mutilar uns dois ou três filhos-da-puta antes de acordar no Pinheiros ou Tietê, amarradinho pra presente, em um ninho de jacarés.

Oh, não obrigado. Como dizia meu avô (ou, como meu pai dizia que ele dizia), “Se não pode morder, lamba”. E a mala de dinheiro era uma tremenda lambida, eu tinha certeza.

Estacionei o carro bem entre as pernas da estátua de Pedro Minanhanga – o Grande Herói Índio, com arco às costas, aljava na cintura, rifle nas mãos, a bandeira da Revolução amarrada na testa, olhos fitando o infinito, títica de pombo no resto – e desci. A partir daquele ponto, era melhor seguir a pé.

- Vê se não mija – falei para a estátua, enquanto me afastava. – A pintura é nova.

Andar em território do Sindicato sempre me faz pensar que entrei num daqueles filmes bem, mas bem antigos, sobre como seria o mundo depois da III Guerra Mundial. Nunca vi o Charlton Heston passar por ali gritando “Soylent Green is people!”, ou atirando em vampiros albinos. Também nunca me deparei com nenhum gorila a cavalo, ou com o braço amputado da Estátua da Liberdade; ou Burgess Meredith chorando por causa dos óculos quebrados. Mas era como se qualquer uma dessas imagens pudesse saltar, a qualquer instante, por detrás da próxima esquina. Ali, todas elas seriam perfeitamente verossímeis.

E o engraçado é que o Sindicato *tinha* dinheiro. A rede de extorsão (desculpe, “taxas sociais de redistribuição de renda”, TSRRd) envolvia boa parte do comércio da cidade, legítimo ou clandestino, sem falar nas áreas de estacionamento das principais casas de espetáculo. Mas, não: ruína e miséria eram opções estéticas. Como eu viria a descobrir em breve.

Há meios de se aproximar das lideranças do Sindicato. Senhas secretas, feitas não de palavras mas

de gestos e passadas. Estacione debaixo da estátua do Índio Herói. Depois, dez passos ao norte. Desça as escadas, puxe o lóbulo da orelha esquerda e...

De repente, como que surgindo do próprio ar, um garoto apareceu diante de mim. Era um moleque franzino, a camisa rasgada mostrando as costelas, os cotovelos tão salientes que pareciam do tamanho dos punhos. Tinha córneas amareladas – um sintoma claro da Síndrome de Papadimitriou – e dentes podres. Havia mais alguma coisa errada nele, algo que não consegui precisar de imediato mas que, quando finalmente notei, me fez agarrar a alça da pasta com tanta força que senti os nós dos dedos ficando brancos: a articulação do cotovelo esquerdo não erguia o antebraço para frente, paralelamente ao tronco – dá pra entender? Como quando você quer coçar o ombro – mas, sim, a noventa graus.

- Me ajuda, moço – ele disse, choramingando. Tinha ensaiado bem.

- Corta essa – falei.

Automaticamente, o garoto assumiu um tom profissional:

- O que você quer? – ele perguntou.

- Maldonado – respondi.

- Quer ver o presidente?

- É.

- E o que você quer com ele?

- Diz que é detetive-*effendi*.

O garoto deu de ombros e saiu correndo. Em seguida, um grupo de três adultos, portadores de deficiências que realmente não vêm ao caso, se aproximou. Um deles tinha um disruptor neuro-eleto-sensorial nas mãos. Quem nunca foi seqüestrado por profissionais provavelmente também nunca ouviu falar num desses: é um aparelho em forma de meia-lua, que se encaixa atrás da orelha da vítima. É parecido com os indutores de anestesia geral usados nos hospitais, mas vai além. Ele não só “desliga” todos os cinco sentidos do cliente, como também gera um campo que isola qualquer tentativa de comunicação remota – via identicard, PDA, microfone, celular, o diabo – dentro de um

raio de ação ajustável; quanto menor o raio melhor o efeito, claro.

– Por favor... – um dos recém chegados disse, apontando pra o meu chapéu.

– Claro – respondi, sorrindo, e removi meu tarbuche. – Vá com calma, certo?

– Perfeitamente.

Ouvi um clique, e o mundo se apagou.

– Deve ter ocorrido algum mal-entendido.

A frase chegou a meus ouvidos, ainda um pouco amortecidos após a remoção recente do disruptor, vinda do outro lado de uma escrivaninha que, a despeito do pó, da sujeira e dos cupins, parecia ainda de madeira maciça. Provavelmente, alguma coisa saqueada de um museu.

O lugar onde eu estava era iluminado por bicos de gás. Me lembrei de que, quando o padrão de transmissão de eletricidade mudou, por volta de 2060, ninguém tinha pensado em se dar ao trabalho de trocar a fiação do centro velho. A própria distribuição de gás encanado só havia sido retomada graças a uma das “taxas” do Sindicato. Imagino que Maldonado devia ter um gerador em algum lugar por ali, mas a parelho provavelmente estaria reservado para situações mais urgentes.

Por falar em Maldonado, era ele quem estava do outro lado da escrivaninha, debruçado sobre a maleta de dinheiro. A maleta estava aberta.

– Fale, *effendi* – ele disse, reparando que eu já voltava à realidade. – O que é isto?

– Achei que você poderia me dizer.

– Só sei que aqui tem mais ou menos o mesmo volume de dinheiro do que costumamos apurar em uma semana – ele fez uma careta que talvez tivesse pretensões a sorriso. – E o bilhete está em letra de mulher. Mas nada que me pareça fazer sentido.

– Você não mandou seus rapazes até minha casa, ontem, atrás disso?

– Ora, *effendi* – ele insistia em

usar o velho pronome turco, equivalente de “senhor” ou “doutor”. Provavelmente achava que estava agradando. – Nós nunca violamos o zoneamento. É proibido esmolar em áreas residenciais especiais, isentas, das Zonas Amarela e Verde. É para isso, afinal, que o *effendi* paga tantos impostos.

Isso era verdade: eu morava numa Zona Residencial Amarela, onde as esmolas já vinham incluídas no Imposto Predial. Me custava os olhos da cara, mas era melhor do que andar tropeçando em farrapos humanos como os que se empilhavam nas esquinas das Zonas Azuis e Vermelhas.

– Seus garotos não foram lá para esmolar, mas para revistar – afirmei. – Em busca dessa mala.

– O *effendi* está enganado, sim, está. Eu realmente não sei do que isto tudo se trata.

Vi que não adiantava discutir, e por isso resolvi dançar conforme a música:

– Minha cliente quis que o seu Sindicato recebesse o dinheiro e o bilhete – falei.

– Uma mulher caridosa, a sua cliente – Maldonado respondeu. – Posso perguntar que é ela?

Dei de ombros. Que diferença poderia fazer? Forneci, ao Presidente dos Mendigos, um rápido resumo de minha reunião com a Doutora Sapphire. Também contei quem era a autora do bilhete, Andréia, e que ela estava presa. Ao final da narrativa, Maldonado parecia sinceramente consternado.

– Madame Andréia entendeu as coisas errado – ele disse. – Muito, muito errado. Doutor Bosch grande amigo nosso. Nada por que pedir perdão.

– Bosch? O nome dele era Francisco Soares dos Santos, e ele assinada “Doutor Narciso”.

– Ah, não, não – desta vez não havia dúvida: Maldonado sorria. – Certa vez, ele me disse: “É terrível ter a alma de um Bosch e ser obrigado a pintar como um Michelangelo”. Desde então, para nós, tornou-se

Doutor Bosch. Ele trabalhava para nós, de graça, imagine, com as mãos nuas, imagine... não queria nem luvas, nem máscara, nem nada – Na Fábrica. Um grande homem. Acompanhamos seu sofrimento em vigília.

– Na esquina do hospital?

– Sim. Violação de zoneamento, talvez. Mas, na vigília, nunca pedimos um centavo a ninguém. Respeito. Sofrimento. – Ele baixou os olhos.

Enquanto Maldonado expressava seu pesar, minha cabeça girava. A Fábrica! Eu tinha ouvido boatos, é claro. Todo mundo que tem algum tipo de contato com a vida nas ruas da cidade conhecia a história. Mas era só uma história. Ou não?

– Fábrica do quê? – perguntei, com medo de ouvir a resposta.

– De mendigos! O *effendi* é amigo do Sindicato, não é? Sei que é. *Effendi* trabalha para a mulher do melhor amigo que o Sindicato já teve. O *effendi* não gostaria de visitar a Fábrica?

Eu fui. Em nome do Deus que é pura compaixão e misericórdia, eu fui. Mas não há motivo para manchar isto que escrevo com o relato completo do que vi. Digo apenas que estive no inferno, que assisti às torturas do inferno, que vi o demônio agindo, com faca e tridente, sobre a carne humana. Que a tudo vi, e voltei. Intocado.

Ou quase.

Durante o passeio, Maldonado me apontava uma ou outra operação e, às vezes, dava explicações:

– Uma tribo da América do Norte, sinto não me lembrar do nome, costumava punir suas adúlteras cortando-lhes o nariz ao meio, no sentido longitudinal – ele usou exatamente esta palavra: “longitudinal”. – A idéia era que, partido assim, o septo lembraria a imagem dos lábios vaginais e, entende, a mulher carregaria seu pecado, literalmente, “na cara”. O Dr. Bosch aperfeiçoou a técnica para nós. Um grande homem!

Muitas outras técnicas tinham sido “aperfeiçoadas” pelo Dr. Bosch. Maldonado me falou longamente

sobre o “delicado equilíbrio” entre repugnância e piedade, e sobre como era difícil encontrar sua tradução exata no corpo humano. Afinal, ele argumentou, se você vai cobrar uma taxa de um comerciante para não deixar uma criança desfigurada gemendo e tendo convulsões na porta do estabelecimento dele, é preciso ter bastante material de primeira. Material que não era fácil produzir nas quantidades necessárias.

– Exceto para o Dr. Bosch. Ele era um artista! Um gênio, *effendi!* Um gênio!

Lembrei-me do que havia sentido ao ver o garoto esquelético, com o braço que se dobrava para o lado. Perguntei se aquela havia sido uma criação do bom Doutor Bosch, e Maldonado assentiu.

– Um gênio – concordei, balançando a cabeça. – Sim, sem dúvida.

O Presidente dos Mendigos deve ter visto em meu rosto algo que eu estava tentando esconder, porque sua voz voltou a se carregar de consternação, como quando tinha falado sobre a mala de dinheiro:

– Oh, o *effendi* também não compreende! Mas, veja: aqui, ninguém é forçado. Entenda: todos são voluntários. Há disputas, *effendi*, brigas por uma vaga na Fábrica! Nós temos nossas próprias leis, *effendi*, nossa própria cultura. É uma cultura diferente da sua, talvez, mas não pior. Não julgue nossas tradições, *effendi*. Nós não julgamos as suas.

Olhei ao redor: para os catres, os caldeirões, as filas, os tachos. Nas filas as pessoas pareciam sorrir; nos outros lugares, havia grilhões e amarras – mas, talvez, apenas para conter as convulsões involuntárias?

Perguntei se o Dr. Bosch havia se adaptado bem às leis e à cultura do Sindicato. Maldonado respondeu, efusivamente, que sim.

– E ele fazia muitas das operações pessoalmente! O doutor nasceu para isto. Para ser um de nós. Ele enterrava as mãos no sangue, na carne, rasgava tripas com os próprios dentes! Um homem de êxtases, de epifanias!

Mas o paciente vivia, vivia sempre! E sempre na forma certa. Sempre. Foram anos, anos, anos... E...

Como Andréia tinha ficado sabendo? Será que havia seguido o marido? Ou ele teria falado, ao sentir os primeiros sintomas da doença, da Síndrome? Era óbvio que ela havia apagado a sombra para salvar não exatamente a alma, mas a memória do marido. Qual teria sido a reação do CCM quando cada “êxtase”, cada “epifania” gravada pelo dispositivo fosse trazida a tona? Será que as normas de sigilo do Comitê seriam fortes o suficiente?

Andréia, aparentemente, tinha concluído que não. Ou que não valeria a pena correr o risco.

E como condená-la?

De volta ao escritório, Maldonado me devolveu a maleta com dinheiro:

– Não podemos aceitar, *effendi*.

– Não?

– Seria como receber um favor e, depois, ser pago por isso. Não, não se faz. Leve o dinheiro de volta. Explique os fatos à senhora. Faça com que entenda o valor do marido. O valor de nossa cultura. Por favor, *effendi*.

Ao final da entrevista, Maldonado me pediu para, mais uma vez, retirar o *tarbousch* – e ele pronunciou a palavra assim, com sotaque afrancesado. Deus, de onde tinha vindo esse cara? – para receber a aplicação do disruptor.

Tive um pouco de medo. Durante anos, a existência da Fábrica tinha sido apenas um boato. Eu provavelmente era a única pessoa não envolvida diretamente nas operações a visitar o local. Eu não sabia onde ela ficava, exatamente, mas e daí? Eu tinha estado lá. Será que os mendigos não matariam para manter o segredo?

Bom, e daí? Se eles quisessem me usar pra fazer sabão ou alimentar os porcos, não haveria como impedi-los. Eu estava sozinho, em lugar desconhecido, cercado. As sombras do escritório com certeza estavam cheias de mãos hábeis, pés silenciosos, olhos e ouvidos atentos.

Se quisessem me matar, seria até melhor que o fizessem enquanto eu estivesse usando o disruptor. Pelo menos, desse jeito, eu não iria sentir nada.

Meu último pensamento, antes de apagar, foi de que não havia disruptores na Fábrica.

Não eram nem duas horas da tarde quando cheguei ao apartamento. Não tinha almoçado, e não sentia fome. A falta de cafeína começava a me incomodar e mais uma vez me senti muito sujo, e com muito sono. Ato contínuo, tomei uma ducha e cá na cama.

Acordei com o sol se pondo. Com fome, também. Fiz uma refeição rápida e resolvi ligar para a advogada. Eu não sabia, realmente, o que ela poderia fazer com as informações que eu tinha para oferecer. Não sabia e, cá entre nós, não me importava. Eu tinha recebido adiantado, certo?

E ainda estava com uma mala cheia de dinheiro.

De novo, quem atendeu ao telefone foi a semi-IA. Tentei o número do escritório, mas a ligação foi redirecionada para a mesma secretária. Mesma coisa com o PDA.

De repente, comecei a ficar preocupado. Pequenas coisas, pedaços de informação e situações um pouco exóticas, foram tomando forma em minha mente.

Primeiro, a conversa maluca da advogada, sobre ninjas; depois, o fato de ela não querer que eu entrevistasse Andréia (para não tomar conhecimento da confissão?). A visita de Raul era outro ponto, a suspeita sobre tráfico de sombras. A porta aberta do apartamento. Mais do que tudo, o fato da moça do hospital ter entregado os arquivos que pedi, sobre o Dr Narciso e a segurança, sem pestanejar. Merda, ela não faria isso. Minhas cantadas não eram tão boas assim.

Ela não faria isso. Não sem a ordem de um superior.

Era um palpito maluco, mas e daí? Eu na estava fazendo nada, mesmo.

Liguei para a Doutora Saphire e perguntei sobre a advogada, Luísa Martineli.

– Conheço, claro – disse a cirurgiã. – Por quê?

– O marido dela – eu disse. — ;E advogado, também?

– Não, não. É médico.

– Médico? Qual a especialidade?

– Cibernética: programação de IAs, análise de sombras, essas coisas.

– Ele trabalha, presta serviços, tem algum cliente especial?

– Ora... – a médica parecia espantada com a minha ignorância.

– Ele é um dos principais membros da Comissão de Cibernética do CCM. Por quê?

Não perdi tempo me explicando.

Agradei correndo e liguei para Raul:

– Me encontre na residência do Dr. Martineli, da Comissão de Cibernética, daqui a quinze minutos. Leve um mandado e alguma coisa para pôr a porta abaixo.

Era óbvio que a PF tinha estado de olho nos Martinelis há muito tempo. Fazer cópias ilegais das sombras dos nossos cirurgiões e a mandar esse material para o exterior tinha que ser um trabalho interno, envolvendo corrupção dentro do próprio CCM; qualquer tentativa de manipular uma sombra por fora dos canais ditos competentes acenderia um monte de luzes vermelhas em um monte de lugares – como o caso Andréia-Narciso tinha demonstrado.

Por isso o Serviço Reservado não era confiável. Por isso a PF tinha sido chamada.

O casal Martineli morava numa cobertura. A credencial irradiada pelo identicard de Raul não só manteve todos os porteiros e ascensoristas – de carne e osso ou IAs – quietos em seus cantos como, também, destrancou todas as portas. Confesso que, para mim, isso foi uma frustração: pelo menos uma vez na vida eu gostaria de pôr uma porta abaixo, com golpes do pé e do ombro.

Do jeito como acabou acontecendo, o identicard de Raul foi suficiente para desativar a tranca, uma

semi-IA. Desta vez, pensei, os caras tiveram tempo de entrar e sair sem nenhuma interrupção.

Na sala, achamos dois cadáveres.

Tudo que os Martinelis tinham possuído, tudo com algum valor biomédico, tinha sido retirado. O corpo de Luísa não tinha olhos, nem dentes, nem nariz. E nem pernas – as mesmas pernas que eu havia considerado perfeitamente naturais.

Pra ver como essas coisas enganam a gente.

Já o homem caído ao lado dela, identificado como o marido, tinha um buraco enorme no peito. Pelo jeito, ele usava TobaccoLungs, os pulmões artificiais criados especialmente para fumantes.

Pulmões com filtro. Não que ele precisasse deles para respirar – não depois da bala na testa.

Que mais há para dizer? Martineli e a mulher estavam vendendo segredos médicos para um grupo das Ilhas Shotoku. Eles tinham feito já duas entregas, as sombras de dois médicos mortos, e haviam prometido para breve a sombra do Dr. Narciso. Uma análise de extratos bancários revela que eles já haviam sido *pagos* por ela.

Deve ter sido um choque e tanto quando descobriram que a sombra tinha sido apagada antes de chegar aos laboratórios do CCM – que era o lugar onde Martineli fazia as cópias piratas.

O pessoal das Ilhas deve ter exigido o dinheiro de volta, e Martineli – ou ele, ou a mulher – deve ter achado que tudo era um golpe; que os shotokuanos tinham dado um jeito de fazer uma cópia da sombra ainda no hospital, enganando Andréia e os sistemas de segurança. Daí vinha a paranóia “ninja” da advogada. E por isso ela insistiu para que eu seguisse essa linha de investigação, procurando por vestígios da presença de espíões sobre-humanos nos registros do hospital: os Martinelis não queriam provar a inocência de Andréia; queriam, isto sim, recuperar o *back-up* ilegal da sombra que, estavam certos, havia sido feito.

Quanto à confissão de Andréia, parece claro que os Martinelis tinham confundido o estado emocional da mulher – abalada tanto pela morte do marido quanto pela revelação das atividades dele como Doutor Bosch – com loucura, pura e simples. Por isso a advogada tinha me impedido de conversar com a viúva: para evitar que eu seguisse uma trilha que deveria me parecer mais verossímil – a da simples culpa de Andréia – e me manter na pista dos “ninjas”.

Já os shotokuanos devem ter pensado o óbvio: que os Martinelis tinham embolsado o dinheiro e revendido os arquivos para algum concorrente. Nesse quadro, a invasão de meu apartamento era um passo perfeitamente lógico; eu era um agente particular, contratado pela mulher de Martineli. Era de se supor, portanto, que eu estivesse atuando como intermediário em algum tipo de negociação escusa.

Alguns dias depois, fui visitar Andréia na prisão. Era uma bela mulher, mesmo descontando-se o nariz Narciso (por algum motivo, eu passara a sentir uma certa repugnância pelo desenho). Tentei lhe devolver o dinheiro, mas ela não o aceitou. Então, usei os fundos para lhe contratar um novo advogado – depois da morte de Luíza, ela havia se decidido a usar a defensoria pública; então o advogado que chamei passou a atuar como assistente da defesa – e recomendei que levantassem a tese da mania religiosa. Também, que chamassem a Doutora Saphire como testemunha.

Andréia foi absolvida sob a alegação de insanidade, mas se enforcou no banheiro do sanatório, um mês depois. Mesmo sendo um muçulmano, fui à missa de sétimo dia. “Só o camelo sabe quanto lhe pesa a carga que carrega”, dizia meu avô, segundo meu pai.

Os espíões de Shotoku responsáveis pela morte dos Martinelis nunca foram descobertos, ou presos.

Raul e eu tomamos um porre.

Conto:

O telepata experiente no reino do impensável

por Jorge Candeias

Este conto agitou um bocado os fãs d' Além Mar, por ter ousado dar nomes aos bois abertamente, quando pelos padrões timoratos (sem trocadilho) vigentes teria sido preferível eufemizar os ruminantes. Na verdade, ele detonou lá um terremoto sócio-literário, cujas sequelas danosas ainda não foram totalmente absorvidas. Se é que o serão, infelizmente.

Fica então a critério dos leitores julgar a obra, desde já ficando claro que não foi intenção do autor generalizar comportamentos individuais para toda uma nação.

O telepata 243

percorreu o trajecto que o separava da Sala dos Telepatas num deslizar rápido. Estava contente. Bem alimentado. Rescendia em odores de felicidade.

O telepata 243 era um telepata de carreira longa e bem sucedida. Tinha 4 filhotes de outras tantas telepatas que haviam compartilhado consigo a telepatia. O filhote mais velho era já telepata, também. O telepata 243 havia dado à civilização o conhecimento detalhado de centenas de individualidades de quatro mundos diferentes. Quatro mundos, nem mais nem menos! O telepata 243 era muito considerado entre o seu povo.

Porque o povo do telepata 243 tinha um gosto especial em distrações telepáticas. E tinha em alta conta aqueles que lhe forneciam essas distrações.

O telepata 243 entrou na Sala dos Telepatas num deslizar confiante. Estava contente. Bem alimentado. Preparado para mais uma sessão telepática de absorção de conhecimento.

O telepata 243 ligou o aparelho. Luzes piscaram fugazmente no espaço à sua frente. O telepata 243 ditou com a mente algo que poderia traduzir-se por uma data e um número.

E ainda "telepata 243 em preparação para o contacto AT-286-NT. Sujeito: Terra." Ou o equivalente a isto na língua do telepata. Na língua psíquica do telepata.

O telepata 243 olhou em volta. Procurava absorver uma golfada de realidade antes de ligar-se à interface telepática. Massas bolbosas vomitavam suavemente por todo o lado. Telepatas. Outros telepatas. Cada um com o seu contacto, cada um ligado ao seu aparelho, cada um flutuando no seu lugar. Todos silenciosos e imóveis. Se não se contar com o som do seu suave vomitar, ou com um estremeamento aqui e ali.

O telepata 243 suspirou. Ou o equivalente a suspirar na sua fisiologia emocional. Aconchegou-se na sua ausência privada e começou a premir botões. Ou o equivalente a fazer isso. Com a mente. Estabeleceu contacto. Algo em si desapareceu. E o seu corpo começou a vomitar. Suavemente.

—oOo—

O indonésio saiu do seu lugar. A T-shirt preta reflectia ripas de sol que entravam pela janela. À sua volta, planeava-se o próximo incêndio. Não ligou. Iria para onde o general Amianto o mandasse. Faria o que o general Amianto quisesse que ele fizesse. O general estava de pé, ao telefone. Falava baixo, num tom de voz respeitoso. Devia ser um chefe, do outro lado. Mas o indonésio estava-

se nas tintas. O que o preocupava era aquela pulga que o mordida por baixo da T-shirt preta. Aquela pulga que o incomodava e que o indonésio procurava matar. Mas não era capaz de encontrá-la.

--- oOo ---

O telepata 243 suspendeu a ligação. Ditou ao aparelho o equivalente a "Sujeito indiferenciado". Mentalidade de bando. Não parece afectado por ambiente exterior de expectativa. Armazenar para posterior pesquisa referência a pulga. Provavelmente pequeno animal parasita". O telepata 243 sentiu-se contente com aquela dedução. Outro telepata menos experiente não a teria feito. Mas ele, o 243, havia pesquisado quatro mundos diferentes... por isso agora vomitava azul-claro.

Se alguém o tivesse visto naquele momento, repararia por certo na cor. Ou talvez nem fosse necessário. Porque o telepata 243 soltava moléculas azuis-claras que partiam em todas as direcções. E os detectores estavam atentos. E os telepatas controladores também. Os telepatas controladores sabiam que o 243 estava bem.

Os telepatas controladores tinham uma boa vida. Sossegada. Também, já eram bem velhos. Eram telepatas que haviam visitado mais de cinco mundos, todos eles. Agora já não visitavam outros mundos. Visitavam apenas as mentes daqueles

que visitavam os mundos. Podiam saltar duma para a seguinte à sua vontade, absorvendo os mundos através de um filtro. Do melhor filtro possível.

O telepata 243 estava quase lá. Faltavam-lhe poucas dezenas de sessões neste mundo antes de seguir para o próximo. E depois desse seria a sua vez de visitar todos os mundos que quisesse através de um filtro. Do melhor filtro possível.

O telepata 243 sorriu. Ou o equivalente a um sorriso na sua fisiologia emocional. De seguida reatou a ligação.

—oOo—

O indonésio estava de pé, à porta. Coçava-se. Com a outra mão, afagava a pistola-metralhadora que lhe fora distribuída para esse dia. Preferiria afagar outra coisa. Percorreu com os olhos os bíceps do Tipo. O indonésio andava fascinado com o Tipo. O Tipo era dos deles. Dos outros. Dos insignificantes magros e de grandes cabeleiras. Que falavam uma língua esquisita. Que não se percebia. Mas o Tipo falava bahasa indonésio quase tão bem como o indonésio e era grande. Muito grande. Com grandes bíceps que o indonésio sem querer queria afagar. Por isso afagava a pistola. Talvez por isso se coçasse.

O general pousou o telefone. O indonésio fez-se soldado e endireitou as espaldas. O general resmungou “Não, idiotas! Vocês hoje são dos outros, não se põem em sentido à minha frente!” O indonésio sentiu-se humilhado. Mas era bom ser humilhado pelo general Amianto. Ele faria o que o general Amianto quisesse. Todos eles o fariam. Talvez o Tipo não, no entanto. Ele era mesmo um dos outros. Não se podia confiar nos outros. Nem mesmo no Tipo.

O general distribuiu as listas do dia. Pelas mãos do indonésio desfilaram rostos e nomes. Um monte de outros insignificantes na lista

principal. As mulheres e familiares chegados desses outros nas listas de identificação. Absorveu referências na memória, depois devolveu as listas ao general. Não podiam andar com elas pela rua. Algum metediço podia reparar.

—oOo—

O telepata 243 desligou-se só em parte. Reparou que vomitava anil, o que era mau sinal. Tensão. Algo retesava as suas glândulas. Ditou “Tensão. Relacionamento intraespecífico confuso. Conflituoso. Reflexos de caça”. O telepata absorveu um neuro-repressor pelos Poros da Vida. Mas não se preocupou muito. Já havia encontrado situações daquelas antes. Situações em que predadores partiam em busca de presas. E também situações em que presas perdiam as suas vidas para predadores.

O telepata 243 não se preocupou por aí além. Tinha experiência. E acidentes eram raros. Precisavam de demasiada absorção ou de violência em demasia. E aquele planeta era calmo, comparado com outros. E o telepata 243 havia visitado quatro. Telepaticamente.

A parte de si que se mantinha ligada à máquina mostrava movimento lá em baixo. O telepata 243 restabeleceu uma ligação total.

—oOo—

O indonésio estava quase feliz. Debruçava-se sobre a cabina da camioneta esmagado entre um subindonésio e o Tipo. O subindonésio estragava tudo. Era outro quase insignificante. Que falava com sotaque. Vinha duma ilha qualquer a leste. Uma ilha cheia de macacos. Só com macacos. Como esta. Repelente. Mas estar ali, escarranchado de encontro ao Tipo compensava qualquer desconforto. Sentia os bíceps do Tipo latejar de encontro ao seu ombro. Sentia as coxas do Tipo em encontrões arrítmicos às suas ancas. Nas curvas

encostava-se mais. Mas continha-se. Porque se achava acusado por Alá. Sem razão, no entanto. Nunca tinha feito nada. Nunca tinha tentado alguma coisa. E não tinha culpa dos solavancos.

O indonésio ia mostrar a Alá que não havia motivo para acusá-lo. O indonésio amava Alá quase tanto como amava o general Amianto. E mais que o Tipo. Oh, muito mais! O indonésio ia mostrar que era assim. E era já.

A camioneta tinha parado e já os outros saltavam da caixa, lá atrás. Os outros como ele. Os que vestiam as T-shirts pretas. Gritava-se. O indonésio também gritou. Sacou da sua automática e lançou uma rajada. Nem viu para onde. E não interessava, porque os outros também tinham disparado. Os outros de preto. Porque os insignificantes fugiam, escondiam-se, gritavam.

O indonésio recordou-se das listas e pôs-se a olhar para os insignificantes. Os malditos eram todos iguais. Deviam fazer de propósito para não serem identificados. Mas não se podia cair nessa esparrela, por isso o indonésio olhava para eles com atenção. Viu um rosto conhecido. Disparou. Duas balas entraram na carne, mas foi só nas pernas. Disparou de novo. Agora sim. Tórax, tórax, abdómen, virilhas. Está feito. O indonésio sorria ao ver o outro a estrebuchar. Aproximou-se. Virou-o com o pé. Olhou-lhe a cara e resmungou:

“Merda. Enganei-me.”

Conhecia aquele, sim. Mas não das listas. Era o tipo que lhe vendia os legumes quando se fartava da comida de caserna.

“Que importa? É um deles na mesma.”

Outro dos outros passou por si a correr. Levava uma catana e brandia-a em todas as direcções. Mas não lhe acertou. Porque no pânico em

que vinha nem o viu. Corria perseguido por dez ou quinze T-shirts pretas. Que riam, gritavam, disparavam tiros que roçavam os pés do outro. Divertiam-se. O indonésio fez pontaria. Disparou. Atingiu o outro nas costas. A meio das costas. Um pouco ao lado da coluna vertebral. O outro caiu. Estatelou-se. Arqueou o dorso e ficou imóvel.

O indonésio correu a apanhar a catana. Viu o outro abrir os olhos. Olhou-o, enquanto lhe cortava a barriga nua. Olhou-o bem nos olhos até que eles se apagassem. Depois debruçou-se. Vagamente incomodado pelo cheiro que saía da barriga aberta. Debruçou-se sobre os olhos. Pegou na faca e retirou com cuidado um dos olhos do outro. Olhou-o com curiosidade cá fora. Cheirou-o. Fez pressão com os dedos e sentiu o olho a ceder um pouco. Pôs o olho na boca e fechou-a. Sabia a sangue.

O indonésio cuspiu o olho do outro e correu para a casa de onde o outro saíra. Vinha de lá um grande alarido. Encontrou as T-shirts pretas amontoadas num quarto. De facas na mão. No chão duas fêmeas dos outros gritavam altíssimo. Uma sangrava do pé. Onde não tinha três dedos. O Tipo estava lá também. Com uma faca na garganta da outra fêmea, sacudia as ancas ritmadamente sobre ela. Sangue empapava-lhe as pernas. Sangue da fêmea. Que devia ter uns dez anos. E o Tipo era grande. A fêmea sem dedos berrava.

O indonésio sentiu uma ponta de ciúme. Com um berro e dois encontrões, pôs-se à frente dos outros. Ergueu a catana sobre a fêmea com falta de dedos no pé. A que não se calava. Deixou a catana cair sobre ela. Sem fazer força. A catana estava um pouco romba, porque só se enterrou até ao osso. Foi num braço, nada de grave. A fêmea berrava mais alto e parecia que lhe falava naquela língua esquisita dos outros. Desta vez tinha de fazer força. Fez. A perna separou-se do corpo como se aquilo fosse uma boneca. Só que as bonecas não espirram sangue.



Nessa altura os outros homens de T-shirts pretas também quiseram entrar no divertimento, e lançaram as suas facas sobre a presa. O indonésio olhava para o Tipo. O Tipo estava quase a chegar lá. Os seus olhos encontraram-se. O indonésio fez-lhe um sinal. O Tipo acenou que sim, e afastou a faca do pescoço da fêmea nova. Os seus movimentos tornaram-se mais rápidos. O indonésio ergueu a catana. O Tipo obrigou a fêmea a baixar-se. Gritou “Agora!” E o indonésio baixou a catana com força. A cabeça da fêmea nova saltou e rolou pelo chão enquanto o Tipo se vinha. E se vinha. E se vinha.

O indonésio sentiu o seu próprio sexo em turgescência. Pegou na cabeça pelos cabelos e lambeu-lhe os olhos. Que tinham ficado bem abertos. E em que sangue se misturava com lágrimas e com terra vinda do chão...

—oO—

O telepata 243 sentiu um tremendo choque eléctrico. Caiu num vácuo escuro dentro de si. Ficou nele algum tempo.

O telepata 243 voltou ao mundo real, sentindo a presença de moléculas incomuns no seu ambiente. Quer interno, quer externo. Principalmente nos Poros da Vida. Controladores berravam-lhe no cérebro, descontrolados. O telepata 243 olhou em torno de si. Aos seus pés, ou o equivalente a pés na sua estrutura corporal, uma larga poça púrpura estendia-se num círculo rugoso. Fluidos vitais. Fluidos vitais de telepatas. O telepata 243 olhou com mais atenção. No chão, dois telepatas encontravam-se caídos. Já não vomitavam. Os seus corpos tornavam-se lentamente negros. Os fios dos seus interfaces pendiam cabisbaixos, como que sem vida. O telepata reconheceu o sabor que sentia nos Poros. O telepata expandiu-se, sem controlo quando reconheceu o horror.

Depois vomitou púrpura e abateu-se aos pés de si mesmo. Quando os limpadores chegaram, já estava bem negro.

Conto :

A 2ª Mão Esquerda de Deus

por António de Macedo

Aos que eventualmente questionarem a pertinência deste conto num fanzine de FC, lembro que é prudente que ele também contemple quantidades substanciais de F&H, para evitar a triste sina de cair num ghetto povoado por ET's, foguetes e batalhas espaciais.

É sempre um prazer poder ler o texto impecável do Macedo, que aliás acaba de acrescentar à sua já extensa coleção o Premio Caminho deste ano, patrocinado pela editora portuguesa de mesmo nome, pelo seu livro O Cipreste Apaixonado.

Ahmed Khair ed-Din nascera numa aldeia perto de Sohâg, no médio Egipto, em 1954, pouco mais ou menos nos dias conturbados em que o presidente Mohammed Neguib fora deposto pelo coronel Gamal Abd el-Nasser. O novo presidente só deixou o poder (ou foi deixado por ele?) dezasseis anos depois quando morreu dum ataque cardíaco, o que parece confirmar que em certos casos mal definidos as forças do poder actuam segundo a lei dos três «emes»: minam, moem e matam, por muito leonino que um coração seja. Um conhecido sufi, nessa época, disse-o doutro modo: o poder desobrigou-se de Nasser, não foi Nasser que se viu livre do peso do poder.

Aos 13 anos de idade Ahmed viveu uma experiência indecifrável. O pai fora gravemente ferido na Guerra dos Seis Dias e regressou a casa mutilado dum braço e cego. Sabendo que o não readmitiriam na fábrica de lanifícios onde trabalhava antes de ser recrutado, sentou-se à porta de casa, de olhos vazios fixos no céu queimado pelo calor baço e pelo vento tórrido do deserto, que fatigam mais do que o mais penoso trabalho, e disse à mulher:

— Boriha, prepara-nos um prato de mahallabeya como só tu sabes confeccionar.

— Já se me secaram os olhos de todas as lágrimas que esgotei, meu querido Ismail, e suposto que um milagre me conseguisse fazer chorar um tanto mais, e chorar água de rosas em quantidade, ainda faltariam o arroz, o leite e as frutas secas para satisfazer o teu desejo. A última piastra foi trocada ontem para comprar o último pão. Restam-nos dois limões e um pouco de farinha de sésamo. Far-te-ei um pires de tehina com que poderás barrar a última côdea que nos sobrou.

— Far-me-ás?!... Pedi de comer para nós três.

— Só chega para ti.

— Então ofereçamo-lo a Deus. Porque Deus não nos abandonou, Boriha, em que pese às aparências. Ele é o Misericordioso que nunca desvia de nós o seu olhar. Muitas vezes, senão mesmo sempre, ensina-nos por meio de sinais cujo inteligência não alcançamos, mas que se revelam, mais tarde, portadores dum significado infinito, e infalivelmente sábio.

— Até quando durará esta perseverança, e este jejum?

— Aos perseverantes e aos que jejuam Deus preparou um perdão e uma enorme recompensa.

— Deveremos permanecer em casa, neste sufoco, como as mulheres do Profeta?

— Que o anjo Lalyûsh não te oiça palavras tão ímpias, desgraçada! Será esta sem dúvida uma prova de alto preço, se soubermos trazer à luz a pérola da redobrada bênção que nela decerto se oculta. Falte-nos embora o sustento do corpo, restar-nos-á sempre a Palavra Eterna que alimenta a alma. Boriha, minha querida esposa: abre o Livro e pousa o dedo no primeiro versículo que se te deparar.

Meio escondido atrás da pobre chaminé de pedra fuliginosa, o jovem Ahmed escutava em silêncio o diálogo dos pais, do qual não entendeu nem metade apesar de habituado como estava aos reversos simbolismos em que se deleitavam, esforçando-se ao mesmo tempo por que lhe não ouvissem a mastigação da tal última côdea que a mãe se propusera barrar com tehina, e dumas azeitonas que encontrara esquecidas (já com algum mofo) dentro dum velho pote de barro cozido.

Boriha abriu o Alcorão e pousou o dedo.

Ismail disse à mulher:

— Lê.

Boriha leu:

— «Recorda-te do nosso servo Aiub quando clamou ao seu Senhor: “O demónio tocou-me com uma tribulação e um tormento.” Dissemos-lhe: “Bate com o teu pé! Isto é água fresca para matares a sede, e te lavares.” Devolvemos-lhe a família e mais outro tanto do que tinha, por nossa misericórdia, e como exemplo para os possuidores de entendimento...»

— O esforço de ler fez-lhe sobrevir um acesso de tosse de mau cariz, há muito tempo que trazia oculta aquela dor

maldosa na respiração, mas disfarçou, perdeu-se na página, reconcentrou-se e retomou tentando ver as linhas através da névoa que lhe desbotava os olhos:

— «... Apanha com a tua mão um punhado de erva, bate com ela e não sejas perjuro! Encontrámo-lo perseverante. Que excelente servidor! Suprimimos o mal que nele havia.»

Neste ponto Ismail interrompeu-a com um gesto, meditou por um momento e disse, acendendo-se-lhe na voz um ressurto de esperança:

— Louvado seja Deus na justeza da sua onisciência! «Devolvemos-lhe a família e mais outro tanto do que tinha... Suprimimos o mal que nele havia...» Eis a resposta, e não há senão que cumprir a vontade do Onnipotente. Ahmed, conduz-me até à amoreira velha cuja sombra, ao meio-dia, separa o almargeal do campo de trevo, para que possa arrancar com a minha mão um punhado da erva que rompe junto às suas raízes.

Com a precipitação o rapaz tentou cuspir os caroços das azeitonas que tinha na boca e engoliu vários, e correu a obedecer ao pai.

Quando percorriam a orla do campo de trevo ouviram passos próximos.

Ismail e Ahmed pararam e o cego observou:

— Reconheço o bater do bordão de Ibrahim Pazesh.

Um velho apoiado num bordão e envolto numa túnica puída, cor de cinza, tão velho e magro e com uma pele tão ressecada que dir-se-ia um esqueleto em pé forrado a casca de cebola cheia de manchas e prestes a romper-se, saudou-os, no que foi correspondido pelo cego mutilado e pelo rapaz. Depois disse:

— Vejo, Ismail, na neblina de cuidados que te enlaça a aura da cabeça, uma intenção divinamente inspirada. Ibrahim Pazesh era um cristão copta da pequena comunidade cristã de Sohâg, ignorava-se-lhe a idade, dizia-se que fora sacerdote numa época já esquecida, uns juravam que do tempo em que Pôncio Pilatos fora procurador da Samaria e da Judeia, e o que dele se sabia ao certo era a sua extraordinária visão psíquica, ou melhor, o seu talento para descortinar a cor, a forma e os movimentos das correntes vitais, das emoções, dos intentos e das fantasias de quem quer que ele olhasse.

Ismail considerava-o com uma certa reserva, aliás como os muçulmanos daquela região consideravam todos os cristãos coptas ainda que vizinhos de longa data, e respondeu:

— Que sabes tu da sabedoria divina, Ibrahim? Vanglorias-te duma dádiva do Clemente que te permite ver estranhos reflexos e sombras onde os outros não vislumbram nem a agitação duma brisa poeirenta; e que tens tu oferecido ao teu Deus em louvor e tributo dessa dádiva?

— O meu Deus é o teu, Ismail, pois não há senão Um, e digo-te que não precisas de arrancar a erva do chão e bater com ela para que Ele desfaça em aragem perfumada a pena que te amarga o coração. Não te basta a impalpável fé que conduziu o dedo da tua esposa Boriha? Não te bastam as palavras que ela leu com o espírito da Sua resposta? Não te basta a humildade de aceitares sem perguntas a infalível inspiração da Sua promessa?

— Oh Ibrahim!... Deverei acreditar que me nascerão novos olhos e o braço decepado me voltará a crescer?

— Não, decerto; não tens tanta fé como isso.

Ismail deixou pender a cabeça, abatido; a vergonha e o desânimo apoderaram-se dele e confessou:

— Nem tanto eu ousaria pedir!... Apenas suplico uma migalha de pão para a minha mulher e para o meu filho.

— Alguma fé te resta, mesmo assim — retorquiu o velho Pazesh, examinando atentamente os espíritos de Ismail e de Ahmed. — Se dum minúsculo pinhão nasce um cedro gigantesco, talvez da tua pequenina centelha de fé possam nascer, tanto mais facilmente, olhos e braços.

Ismail mal se movia por entre a sua própria respiração quase suspensa, escutando o velho sacerdote, e somente as narinas palpitantes lhe traíam a ansiedade. Aves de grandes asas voavam no céu, em lentas curvas silenciosas, gaios grasnavam ao longe, mais longe ainda um barqueiro salmodiava o seu canto monótono, insectos zumbiam atraídos pela podridão dum charco próximo. Em breve a voz do muezzin entoaria o chamamento para a oração da tarde. O velho continuou:

— ... Terás porém de colaborar, oferecendo um sacrifício.

Eram estranhas palavras, as de Ibrahim Pazesh, e Ismail ergueu a cabeça sentindo o peito alvoroçar-se-lhe:

— Um sacrifício? — perguntou. — Que sacrifício?

O velho respondeu:

— Ahmed.

Ismail não entendeu de imediato, mas um imperceptível estremecimento que perpassou na Natureza encheu-lhe o coração de frio e de pânico, o longínquo barqueiro calou-se e os gaios grasnaram com força, num desconcerto atemorizado. Uma súbita visão de sangue avermelhou-se-lhe no negrume dos olhos que por um momento viram sem ver:

— Nunca — exclamou o cego. — Queres tentar-me como Deus tentou Abraão, mas tu não és Deus! Não daria a vida do meu filho pelo duvidoso benefício de recuperar um braço cheio de bolhas de pelagra e um par de olhos que já

contemplaram, enquanto abertos, uma demasia de horrores.

Ibrahim riu-se e disse:

— Tranquiliza-te, Ismail; Deus reclama Ahmed mas não da forma como nesciamente imaginas. Basta que o leve comigo, digamos, por uma temporada.

Ismail voltou-se para o misterioso sacerdote e apontou para ele um rosto bravio, como se pudesse vê-lo:

— Intentas, porventura, convertê-lo às crenças da tua seita cristã, de adoradores de ídolos e com três deuses assentados no mesmo trono onde deveria apenas reinar Um?

— Intento, tão só, proporcionar-lhe luz. Não podes sabê-lo, mas é o mesmo espírito de Ahmed que o pede. O sacrifício é o duma separação por três anos, nem mais.

— Nem mais um dia?

— Nem mais o tempo de se pronunciar, sequer, a letra 'ain.

— Três anos é muito tempo, Ibrahim Pazesh! Que vai ser de mim e de Boriha sem a indispensável ajuda do rapaz?

— Escuta, Ismail, e pensa. Mostras pouca ambição e pouco juízo se estás a contar com ele para tarefas tão rasteiras como ir com um velho nataleh de couro ao Nilo, buscar a água com que a tua mulher Boriha pretende regar as cebolas e as favas que... — foi interrompido por Ismail que gritou, sobressaltado:

— Que sabes tu de cebolas e favas? Não és porventura todo dado ao espírito e ao jejum? Não te alimentas apenas do ar transparente onde flutuam, por mercê do Compassivo, os misteriosos astros do céu?

Ibrahim continuou como se o não ouvisse:

— ... as cebolas e as favas que tu e ela semearam às escondidas num terreno que não é vosso e cujo dono está ausente.

— A terra infecundada é uma abominação como uma mulher estéril, e ao dono ausente e ao seu desleixo de nada servirá a intercessão dos anjos nos Céus, no Último Dia. Não pequei e nada fiz de mal.

— Não estou a acusar-te, digo-te que poderás regá-las melhor com *ambos* os teus braços e *vendo* o que trabalhas e o chão que pisas em vez de ocupares inutilmente o rapaz, que alcançou a idade de entrar numa escola profissional e escolher uma carreira.

— Pensas que temos enterrado no quintal um cofre cheio de velhos dinares de ouro, para esses gastos?

— Se Ahmed fica contigo — prosseguiu Pazesh sem se desviar do seu raciocínio —, inutilizado como estás e com o país revirado pela guerra com os judeus, só lhe restará tornar-se um fellah ignorante a esgaravatar com a grade, no desalento dos seus dias, a terra lamacenta do vale, ou empregar-se por algumas piastras numa fiação algodoeira ou numa olaria a fabricar fornilhos de cachimbo de terra-cota. Pensa, e responde sem pressas.

Ismail sorriu com azedume:

— Não entendo qual é o teu interesse.

— Não o meu, mas o d'Aquele de quem todos somos emissários, e a Quem haveremos de prestar contas pelo pouco ou muito que *não* fizemos, mais do que por tudo quanto ignaramente errámos. Pensa, Ismail: dentro de três anos poderás ver Ahmed a caminho duma posição distinta, e entretanto desfrutarás duma existência de merecimento e proveito com os teus parentes e amigos, pois depressa encontrarás um trabalho honesto e compensador e recuperarás a ascensão da tua alma, rejuvenescida com a bênção que a Lei Sagrada promete aos amados de Deus.

Ahmed sentia-se arrastar numa vertigem de espirais desencontradas de luzes muito violentas e brancas (o sol ardente, robustecido pelo sobaá poeiroso que soprava do deserto líbio, cozia-o no caldo do próprio suor e embotava-lhe o entendimento), e desistiu de seguir o extravagante diálogo entre o velho do bordão e o pai. Apenas julgou perceber que o pai se curaria dalgum modo inatural, se baixamente mágico ou altamente miraculoso não o saberia dizer, nem a discussão que os dois adultos entretiveram em seguida contribuiu para o elucidar, e muito menos para o alijar da espessa falta de argúcia que lhe tomara conta do cérebro, deixando-o semi-adormecido como uma faluca a meio do rio, à mingua de vento.

Alongou a vista pelo vale e o seu olhar foi visitado por uma miragem. Mesmo à sua frente, ou melhor, como se estivesse lá dentro, viu uma pequena cidade à borda do Nilo cheia de cores e de animação, com ruas brancas de sol e comerciantes e almocreves atijando burros e cavalicoques, e até pastores, e mulheres esbeltas de pés descalços transportando cântaros com água.

De princípio não percebeu o que lhe estava a acontecer, não era muito atreito a estas visões, tivera sem dúvida alguns sonhos vívidos, brilhantes e muito reais, mas sempre à noite, quando acordava sabia que eram sonhos tal como sabia que estivera a dormir, ao passo que agora, com o coração a buliçar de excitação e curiosidade mais do que de susto, encontrava-se bem desperto, e o que via sobrepunha-se com toda a espessura da verdade à paisagem parada e morna onde o pai e o velho Ibrahim dialogavam.

Deu por si a hesitar no meio duma rua movimentada e chamou-lhe a atenção um casal de turistas estrangeiros que olhavam com interesse para a multidão ruidosa, para as lojas, para as carroças e para os animais. Com eles vinha a filha, uma menina de dez anos, bonita como uma ondina do norte de longas tranças louras luminosas. A menina viu-o, os vivos olhos azuis sorriram-se-lhe, largou os pais e correu para Ahmed. Os pais não a impediram, entretidos

como estavam a examinar os belos tapetes e esteiras e tecidos que se exibiam à entrada duma loja, e a encetar já uma longa ponderação de preços com o lojista que assomara à porta e os convidava a entrar.

A menina perguntou em inglês:

— Como te chamas?

Ahmed não compreendeu, ficou arrebatado a olhar para ela, nunca vira uma fadazinha tão branca e tão formosa e tão gentil. Falou-lhe em árabe:

— Como te chamas?

A menina estava encantada com Ahmed, ele era muito moreno e muito bonito, apesar dos farrapos e de magro devido à miséria e dos pés descalços e sujos. Talvez ela tivesse percebido, ou adivinhado, estavam a viver num reino onde os espíritos, para se encontrarem, não precisam de portas que se abram, o certo é que respondeu:

— Corinne.

O mesmo terá ocorrido com Ahmed, porque disse:

— Ahmed.

Ficaram a olhar-se, entre sorrisos. Descobriram que não precisavam de falar com desenhados sons pelos lábios, bastava-lhes a brisa que os olhos segredavam com seus alvoroços, e as palpitações dos seus pensamentos, e as claridades que fulgiam dos alados impulsos dos seus corações.

Nesse momento a multidão envolveu-os, homens vestidos de branco e mulheres vestidas de preto, e Corinne recuou e esbarrou contra uma velha carroça carregado de bilhas de argila cozida e ficou presa numa das rodas, cebolas e alhos espalharam-se pelo chão, e um dervixe que passava riu-se muito alto mostrando a podridão dos dentes, e, com a maior facilidade, sem pressas, apoderou-se de Corinne que gritou, e um rouxinol veio atraído pelo grito e logo voou para longe, oxalá fosse em busca de ajuda, pensou Ahmed, mas a esfinge do deserto transformou-se em grifo com asas e perseguiu o rouxinol num voo mais veloz que o de uma seta, e o dervixe tapou a cabeça de Corinne numa das dobras da negra túnica e perdeu-se com ela no meio da multidão indiferente, e as imagens e os ruídos confundiram-se...

... e já não era o rumor da cidade que se ouvia mas a voz do velho Ibrahim Pazesh a ressoar no deserto, e quando Ahmed quis responder a Corinne, ou correr atrás dela num ímpeto de «herói» salvador, a miragem da cidade começou a desagregar-se e as suas cores e os seus ruídos sumiram-se arredados pela voz que agora enchia o espaço, austera mas benevolente, autoritária mas cheia de sabedoria e compaixão:

— ... A Árvore dos Vivos e dos Mortos foi plantada nas margens dos rios do Paraíso pelo mesmo Deus que escreveu os Três Livros — dizia Ibrahim a Ismail, que o escutava absorto. — A luz que brilha no Santuário, a Glória de Shekhinah, que só se revela aos eleitos, cuidas tu que faz distinções? Não, decerto: pois quem são os eleitos senão os mesmos filhos de Deus? E quem são os filhos de Deus senão todas as criaturas, todas, benignas ou malignas, que Ele criou para o desafio da liberdade? O Alcorão é tão verdadeiro como o Talmude ou o Evangelho, e nele lê: «Os que habitam nos Céus e na Terra não conhecem o oculto, só Deus o conhece... Mas não há mistério, nem no Céu nem na Terra, que não esteja escrito num Livro Explícito». A Mão Direita de Deus é a da Misericórdia e da Bondade, e a sua Mão Esquerda é a da Justiça e do Rigor.

Ahmed emergiu finalmente da surpreendente narcose que o fizera ver uma miragem tão assombrosa como inesperada, e tão assustadora que lhe não saía da memória, e voltou a si ao ouvir o que o velho do bordão dizia:

— Mas Deus tem uma segunda Mão Esquerda, Ismail, os Livros Explícitos não são explícitos sobre esse segredo, e é essa segunda Mão Esquerda que mais devemos temer acima de tudo.

— Uma segunda Mão Esquerda?... De Deus?... — murmurou Ismail com um estremecimento de inquietação.

— Foi dela que estive a falar-te este tempo todo, e não o entendeste. Não importa. Ahmed o entenderá um dia, no momento oportuno.

O cego ficou muito tempo em silêncio depois de Ibrahim Pazesh se ter calado. Aspirou o ar quente e exalou-o como quem tem pena de se despedir dum suspiro que embalou com muito desvelo no coração, e virou o olhar vazio na direcção do rapaz. Ibrahim Pazesh disse:

— É melhor que não torne a ver a mãe.

Ahmed recebeu a bênção paterna e compreendeu que devia acompanhar o velho Ibrahim. Seguiu-o humildemente com o coração seco como um caroço de tâmara cuspidado e há muito esquecido ao sol do deserto. Afastaram-se para o norte deixando Ismail sozinho à sombra da amoreira. Ahmed voltou-se ainda, por duas ou três vezes, com a desculpável curiosidade de verificar se ao pai lhe cresceria o braço mutilado e se os seus olhos esburacados retomariam uma redondez saudável e a limpidez do antigo brilho. Deixou de o ver, por fim, quando ultrapassaram um pequeno bosque de sicómoros e de acácias de folhagem amarela.

A imagem de Corinne, porém, não o abandonava. Que mistério, aquele devaneio? Mas teria sido devaneio? Onde lhe viera aquela miragem tão indiscutível e tão viva? Uma raiva apoderou-se dele como o dervixe se apoderara da menina... não fora capaz de salvá-la... mas a menina, e o dervixe... em que espaço morariam? Quem seriam eles? Que mensagem? Uma repentina luz lampejou-lhe no pensamento por um segundo: — uma mensagem dum outro

tempo, quem sabe, um grito de socorro que lhe viera do futuro! Seria possível? Que queria isto dizer? Ahmed era um jovem inteligente mas muito ignorante, mal sabia ler, e via-se confrontado com ideias novas e estranhas que o ultrapassavam como se não fossem suas e lhe estivessem a ser instiladas de fora, ou talvez fossem dele, sim, mas de um ele-outro Ahmed, adulto e sabedor de saberes que nem se atrevia agora a imaginar, e a quem a bela Corinne haveria de recorrer um dia, talvez... para... para...?

A pouco e pouco o sol ardente foi-lhe esfumando a memória e os desconstruídos pensamentos que se dissolveram como uma vela de cera a derreter-se sob a chama. Deu uma ligeira corrida porque se atrasara de Pazesh que não se detinha, sem olhar para trás, o bordão desembaraçado a acanhar terra e torrões, e daí em diante não se descuidou de sempre se ir mantendo ao lado do velho.

Em menos de meia hora chegaram à beira dum braço do Nilo sombreado de tamareiras onde se encastrava um precário embarcadouro de tábuas pouco sólidas e lodacentas. Dois homens de turbante e nus da cintura para cima extraíam cansadamente, com o auxílio dum primitivo xadufê, água para irrigação.

Uma pequena faluca de mastro alto e vela esguia esperava-os, governada por um jovem núbio que trazia ao pescoço, pendente dum fio dourado, uma cruz de prata orlada de sete rubis talhados em forma de rosa.

— Yahiya — disse Ibrahim Pazesh entrando na faluca com imprevista agilidade —, Yahiya, conduz-nos aonde sabes.

Ahmed entrou também.

Yahiya soltou a amarra e a faluca partiu.

Três anos depois Ahmed regressou sozinho.

O pai tinha os dois braços e via perfeitamente de ambos os olhos, mas não o reconheceu. Cumprimentaram-se como dois estranhos. Ahmed, então com 16 anos, perguntou pela mãe. Ismail, próspero proprietário duma pequena fábrica de têxteis nos arredores de Sohâg, considerou com certa condescendência a insólita curiosidade daquele adolescente bem educado, de olhar místico e talvez um pouco lunático («tocado por Deus!»), convidou-o a entrar em casa e apresentou-o à jovem esposa que dividia os seus que-fazeres entre os cuidados com um filhinho de um ano e meio e os preparos duma refeição simples, de carne de borrego acompanhada de feijões verdes demolidos em vinagre e temperados com azeite, à maneira libanesa.

Ahmed, delicadamente, recusou o oferecimento de partilhar a sóbria refeição e apenas aceitou uma chávena de chá forte, aromatizado com hortelã-pimenta. Ismail explicou ao moço forasteiro, em resposta à sua pergunta, que teria de ser mais minucioso quanto aos sinais da pessoa a quem se referia, para que pudesse eventualmente identificá-la, e elucidá-lo.

— Chama-se Boriha — disse Ahmed — e há três anos morava aqui.

— Há coincidências singulares — ponderou Ismail. — A minha primeira mulher também se chamava Boriha, e levou para a sepultura o incomparável desgosto de nunca ter sido mãe. Felizmente Deus compensou-me com o afecto da minha amada Warda e o nascimento do nosso filhinho Ahmed. Sempre desejei ter um filho chamado Ahmed.

Ahmed curvou a cabeça, pensativo, e compreendeu que o seu discreto mas radical desaparecimento daquele universo nada tinha de surpreendente, apenas anunciava como um édito irrevogável que a enigmática decisão da Sabedoria Divina fora tomada, e decretara o início da nova vida para a qual, durante três trabalhosos anos, Ibrahim Pazesh e outros mestres o haviam preparado.

Ao deixar de existir ficou sem nome. Olhou para dentro de si e viu-se perante um inescrutável vazio, como se olhasse para um espelho e contemplasse a parede em fundo, atrás de si, e não visse o seu próprio reflexo.

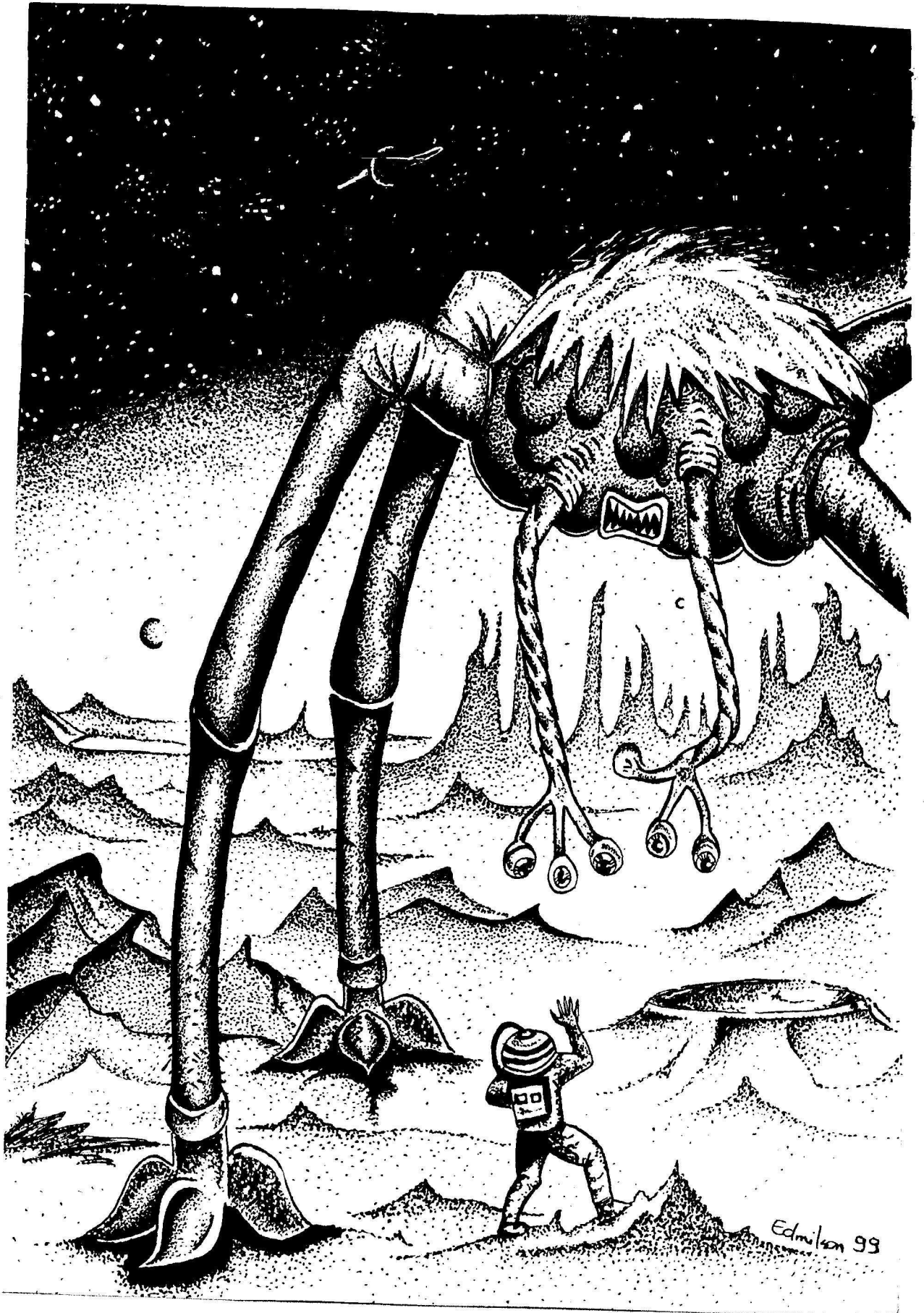
Nessa noite, depois duma cansativa viagem num decrepito autocarro que mal parecia despegar-se da estrada arenosa por onde se desconjuntava, apeou-se junto do velho mosteiro copta de Deir el-Abiad. A misteriosa construção, com quinze séculos de idade, difundia de si uma aura viva de cores indecisas, mas expectantes, como um ser no último degrau da sua evolução e pronto a atingir a transcendência. Para quem tivesse ouvidos de ouvir não passariam despercebidas as ténues vibrações que nas dobras do tempo modulavam os cânticos remotos de primitivos monges cristãos, agarrados ainda como vaporosas cortinas de som, água e fogo às paredes do coro, às oito ou nove colunas que resistiram ao desgaste dos séculos, às três majestosas cúpulas onde outrora foram pintados a fresco o Cristo triunfante, os Evangelistas, a Virgem Maria com uma estrela e Jesus com o Sol.

À luz indecisa das estrelas Ahmed parou a contemplar o que restava do edifício.

Só lhe faltava descobrir a porta. A porta certa que o transportaria ao universo adimensional onde encontraria Corinne; salvá-la-ia do dervixe e com ela viveria, feliz, para sempre.

Encontraram-no de manhã, uns cameleiros que passavam. Estranharam-lhe as roupagens que se não usavam há mais de cem anos. O esqueleto, dentro delas, roído pelas longas agrestias do deserto, misturava-se com a areia que quase o recobria.

— Deus seja louvado! — disse um deles. — Mais um que se atreveu a passar aqui a noite, e foi ferido pela segunda Mão Esquerda de Deus.



Cada novo conto da Simone é uma nova surpresa. Ela tem aquele dom de descrever situações estranhas com uma linguagem direta, coloquial, que nos aproxima dos seus personagens - pessoas aparentemente comuns, acentuando notavelmente o contraponto da ação, que se passa num universo muito parecido com o nosso, porém sutilmente diferenciado. O João é o João, fala gauchesco e, a Rua da Praia ainda está lá - ou ao menos parece estar, pois logo de cara já intuimos que o João não é exatamente ele e que aquela rua familiar tampouco fica nesta Terra. Ou será que fica?

—Existe! Eu sei que existe!

—Bem, suponhamos que exista. Defina-o para nós, explique como é.

—É infinito. É uma linha imaginária que se vê ao longe. Não se alcança, sempre está mais além. Mas é real.

—Como algo que é imaginário pode ser real? E se é real, porque não se alcança jamais?

—....

—O senhor não se dá conta de que é uma contradição em si mesma? Uma coisa que é real é tangível. Mas uma coisa que é imaginária por definição... como pode ser tangível? Como pode ser alcançado?

—Não sei...

—Não pode ser alcançado. E não pode ser alcançado porque, simplesmente, não existe. Compreende agora?

A caminhada começou uma noite, no *People's*.

—O que o senhor vai tomar?

Mário levantou os olhos para a garçoneira loura, de minissaia azul escura, cheia de estrelinhas piscantes. Sentiu uma sensação de desconforto.

—O que você recomenda?

A garçoneira levantou as sobrancelhas e sorriu contrafeita. Um cliente "daqueles", pensou.

—A *Bier Alles* é nossa campeã de vendas. Mas também temos *Lexi*.

—*Bora-bora?*

A moça olhou para ele e sorriu de novo. Será o homem era míope que não via o enorme rótulo de exclusividade dos refrigerantes *Flexi-Lexi*?

—Não, desculpe.

—Então traga um prato 35 e uma *Lexi*. Com molho de churrasco.

Ela apertou uma série de botões no aparelho que registrava os pedidos e indagou um "mais alguma coisa?" muito profissional. Ele negou, educado. A moça desapareceu ágil, esguia, cheia de graça. Quando o prato chegou, carregado por um carrinho pré-programado pintado de azul, vermelho e branco, ele se serviu e comeu sem entusiasmo. Deixou a metade da comida no prato e não bebeu todo o refrigerante. Pagou com o cartão do banco, apertou os números distraído e na saída do restaurante esbarrou com um casal que vinha entrando. Ela era loura, tonalidade ouro-mostarda, ele tinha lentes de contato azul.

A noite estava fresca. Olhou ao redor pensando onde poderia ir. Aonde vai um homem sozinho à essas horas da noite? Resolveu andar um pouco, ir à lugar algum, simplesmente andar.

Passou por vários bares cheios de gente. A música soava alto, altos eram os risos e as vozes. A música era a mesma em todos eles. Ouviu o começo de "*Don't playing again*" quatro vezes, em quatro lugares diferentes. Haveria algum lugar onde não se escutasse essa melodia? Algum lugar na cidade ou em todo o planeta?

Quando chegou em casa, pensou que havia voltado para o lar como todos os dias. Mas se enganava. A viagem havia começado e ele estava só no começo dela.

—Você já se deu conta como se

escuta as mesmas músicas em todos os lugares que a gente vai pela noite? Silva o observou com o canto dos olhos.

—Sempre estou ouvindo "*Don't playing again*".

—Ah, é a canção do verão. Daqui a pouco muda.

—Mas é chato. Será que não podem pôr alguma do ano passado?

Silva o encarou, depois começou a rir.

—Cara, você é um gozador.

—Não estou fazendo gozação!

—Claro que está! Imagina! Por alguma canção do ano passado! O mundo anda para frente, meu amigo, não para trás.

Mário torceu o nariz. Dedicou-se a abrir a correspondência eletrônica.

—Em todo o caso, tem um bar temático perto da minha casa. Só toca música antiga, —continuou Silva. — Se quiser, te dou o endereço.

—Música do ano passado não é "antiga"!

—Não, de fato. É velha. Um saco. Não suportaria aquele bar. Sabe que sou capaz de ir parar do outro lado da cidade só para me livrar dele?

—Droga!

—Foi alguma coisa que eu disse?

—Não, é o aviso de férias. Vou ter de tirar um mês de folga.

Silva deu de ombros:

—Ué, negocia.

—Não dá. Já negociei três períodos. Desta vez vou ter de encarar.

—Bom, também, não é o fim do mundo. Por que você não viaja? Um ponto marinho, um megacomplexo... Já te mostrei as minhas fotos de Paris?

—Três vezes.

—Você está insuportável hoje. Quando é que vai sair com alguém, arrumar uma namorada?

—Não consigo me interessar por ninguém.

O psicólogo suspirou baixinho.

—Por quê?

Mário deu de ombros. Observou uma loira que atravessava a rua com uma sensação de conhecê-la, mas quando ela se voltou para a vitrina logo abaixo do consultório se deu conta de que o que conhecia era só o tom ouro-mostarda do cabelo.

—Diga-me o senhor que é o psicólogo da firma.

O médico permaneceu em silêncio. Dois minutos. Três.

—Talvez eu seja um pouco desajustado, só isso.

Outro silêncio, mais comprido que o anterior. As consultas obrigatórias de Mário estavam repletas de incontáveis silêncios. Às vezes ele se perguntava em que pensaria o médico durante aqueles minutos longos à espreita de uma palavra. Na lista de compras, talvez? Na relação de pessoas para quem deveria ligar? A conta bancária? Uma amante? Um amante, talvez?

—Também, não entendo porque a firma se intromete na minha vida particular. Que lhe interessa ao dono da Corporação de Associados se tenho ou não uma garota?

—O senhor deveria sentir-se grato por uma indústria tão importante se preocupar com seus empregados de maneira tão pessoal.

Mário sorriu um pouco. Desde onde estava viu quando trocaram o anúncio virtual da ótica do outro lado da rua. "Lentes de contato verdes em promoção".

—A única preocupação deles é que eu produza. E eles sabem que um homem bem ajustado produz mais. Além do mais, não correm o risco de que eu entre no escritório um dia, descarregando uma M-912 de cano curto. Se eu tivesse uma esposa, uma garota, teria de me preocupar com o futuro de uma família.

—Lhe parece uma preocupação pouco saudável?

Mário não respondeu. Os edifícios da cidade se alinhavam majestosos ao largo da avenida reta que terminava na praça do senado, dois quilômetros mais adiante. Um consultório caro, ele pensou.

—Recebi uma correspondência informando que o senhor terá um período obrigatório de férias à partir de amanhã. Já decidi para onde irá?

—Tem alguma sugestão?

—Paris. Paris é uma festa, amigo, um lugar magnífico!

Mário olhou o panfleto eletrônico com desconfiança. Não parecia tão impressionante. Tirando a silhueta da Torre Eiffel magnificamente iluminada, lembrava muito a rua onde crescera.

—Eu pensava em algo diferente...

—Então eu tenho o que o senhor precisa: Nova York. Magnífica!

Nova York? A Estátua da Liberdade apareceu rodeada de restaurantes flutuantes. Um pouco além, o mar servia de avenida entre as ilhas artificiais cheias de hotéis cinco estrelas.

—Não, o senhor não entendeu... era algo mais exótico...

Olhou para as paredes da agência de turismo, onde as enormes telas virtuais exibiam postais dos destinos mais procurados: Miami, Tóquio, Estocolmo, Bruxelas, Londres, Nova York, Paris... edifícios e mais edifícios. Todos iguais, padronizados, bem iluminados e limpos.

—Ah, o seu negócio é o exotismo... que tal... Rio de Janeiro? É um destino nacional, mas nem por isso...

—O Rio de Janeiro? Exótico? —escandalizou-se Mário encarando o vendedor. Tinha olhos verdes. Lentes de contato pela metade do preço, lembrou. Quase riu.

—Exótico, sim senhor. Visita às favelas, com passagem no elevador panorâmico para subir o Vidigal. Noitadas em boates, restaurantes de primeira... —baixou a voz e olhou para os lados. Um péssimo ator,

pensou Mário. —Serviço de acompanhantes... digamos assim... há pouco cumpridos os dezoito.

Mário sentiu o sangue subir para a cara com a rapidez da ira e da vergonha. Sexo infantil. Turismo sexual.

—O senhor me dá náuseas, —murmurou levantando-se. —Vou denunciar o seu negócio.

—Meu caro, —disse o vendedor abrindo os braços e o sorriso, —sejamos adultos. Os homens que viajam sozinhos geralmente me pedem acompanhantes. Apenas lhe recomendei um serviço que prestamos tradicionalmente. Se não quer, não precisa se preocupar, não é obrigatório e não cobramos por serviços que não prestamos.

—Vou procurar outra agência.

—Como quiser. Elisa, acompanhe o cavalheiro até a porta.

A secretária de mini-saia levantou-se com um sorriso profissional. O tecido da saia era azul, com bolinhas piscantes.

—E então, o senhor me reconhece?

Silêncio. Depois um grunhido, uma risada.

—Considera-se que sou doído, não amnésico.

—Estou aqui para ajudá-lo.

—Deixe-me em paz.

Outro silêncio, um pouco maior do que o anterior.

—Não gostaria de trocar algumas idéias comigo?

—Trocar? Trocar idéias, gostaria, sim. Mas o senhor não vai querer trocar idéias com um lunático. Vai tentar tirar as idéias dele de cabeça dele e meter nela as suas. Bem, no fundo estará trocando de idéias. O que achou do trocadilho?

—Fale-me de sua busca, de sua caminhada.

—Para quê? Para seguir com a certeza de que sou maluco? Sou maluco. Vocês me convenceram. Lhe parece bem uma xícara de chá?

Entrou na sétima agência por espírito esportivo. Era um recanto

sujo, perto da esquina de seu prédio e parecia desprovida dos telões habituais onde as agências exibiam seus destinos. O atendeu uma senhora de óculos, que lixava as unhas distraída. Tinha uns olhos negros, profundos e um sorriso amarelado. Levou Mário à uma salinha ainda menor do que a recepção, mobiliada com uma mesa, dois armários antigos e várias cadeiras.

—O Chico... o seu Francisco chega em seguida. O senhor pode aguardar um pouco. Quer um chá?

A imagem do chá de frutas universalizado nas outras agências o abordou de imediato.

—Meu Deus, não! Estou farto de chá de frutas!

—Talvez prefira um chá preto, com limão e açúcar.

O rapaz titubeou. Céus, uma opção! Incrível!

—Obrigado, mas realmente não faz falta.

—Se mudar de idéia estou aqui ao lado.

Ela sorriu morena e fechou a porta.

Chico, Francisco, chegou dois minutos depois. Esbaforido, sério, tocando o mau humor.

—Em que lhe posso ser útil?

—Estou de férias. Quero viajar — Mário conseguiu dominar a hilariedade extravagante que lhe fazia cócegas na barriga, mas um sorriso tolo escapuliu de seus lábios.

—Muito bem, —o homem se sentou e cruzou as mãos sobre a mesa. Avaliou profissionalmente o jovem diante de si. —Viaja sozinho?

—Sim, —mastigou Mário tentando evitar o riso à qualquer custo.

—Há muitos destinos que um homem sozinho pode buscar: Paris, Nova York, Tóquio, Rio de Janeiro...

—Oh, não! —gargalhou o moço. Quando o acesso de riso passou, Francisco alcançou-lhe uma caixa de lenços de papel.

—Difícilmente alguém entra aqui para ir à Londres, —comentou, enquanto o rapaz secava os olhos. Já não sabia por que rira. Tinha vontade

de chorar. —Quem lhe indicou minha agência?

Mário o encarou deprimido.

—Ninguém. Estava voltando para casa e vi a placa por acaso.

O homem suspirou, fechou um olho, pesou o caso. Depois foi até a porta e a entreabriu.

—Coshi, ninguém deve entrar, entendeu?

—Sim.

O homem fechou a porta e retornou para atrás da mesa. Mário ouviu o zumbido da fechadura eletrônica e compreendeu que estava trancando no escritório. Empertigou-se, nervoso.

—Não se preocupe —sorriu o agente de viagens. —É para a sua segurança. E a minha também. Espero que compreenda: se eu descobrir que é um dos espiões da ordem urbana, não sairá daqui com vida.

Puxou uma M-912 da gaveta e a pôs sobre a mesa, o minúsculo cano negro apontando para o estômago do rapaz. Mário sentiu um puxão nas entranhas e pensou se conseguiria se apoiar nas próprias pernas, se tivesse de correr. Achou que não.

—De que se trata, afinal? —a voz lhe saiu num ganido.

—Da verdade, senhor. Não é isso o que busca?

—Não! Eu só quero ir para casa.

—Não é assim. Se fosse, já teria assinado os papéis que lhe dão direito a passar uma semana ou duas nos hotéis flutuantes da Honolulu moderna. Quilômetros e quilômetros de cidade sobre o mar, sobre os campos, sobre o que um dia foi floresta, sobre as montanhas mais altas. Quer saber a verdade sobre o nosso mundo?

Mário por pouco murmurou um “não”, mas se conteve.

—Tudo é uma coisa só. O senhor poderia caminhar daqui até o Japão por avenidas bem iluminadas e asfaltadas. Milhares de quilômetros de edifícios. Os de Tóquio feitos em vidro. Os de Nova York, de concreto armado. Os de Londres, de granito. Não haverá mais diferenças do que isto. Nem mesmo o idioma será

diferente, senhor Mário. Os anúncios venderão *Flexi-Lexi* e *Bora-Bora*, aqui e na China. Um mundo só em todos os sentidos.

Mário olhou para as paredes ao seu redor, acuado. E os telões oferecendo diferenças virtuais, onde estavam? Onde estavam as praças, as bailarinas havaianas realizando luhaus em praças de areia branca, dançando dança do ventre e *country* americano?

—É isso mesmo que está pensando, senhor Mário.

As palavras do homem o fizeram estremecer.

—E o senhor oferece algo melhor?

—Sim. Eu lhe ofereço um horizonte. O último do planeta.

—Um, o quê?

—Horizonte, senhor Mário. Palavra antiga, não? Completamente obsoleta. Lhe aconselho passar na biblioteca pública e pedir um dicionário do século XXI. Ainda consta ali. Verá o que é. Começa com “h”. Se gostar da definição, volte amanhã, sozinho. E cuidado para não ser seguido.

—Um dicionário de dois séculos atrás?

—E para quê o senhor vai querer isso?

Mário encarou o bibliotecário seco com ar de assombro. Sentia a palma das mãos suando.

—É... tenho que tirar uma dúvida, só isso. Que diferença faz?

—Pois não. Pegue um número e aguarde.

Mário pegou a ficha 12 e se dirigiu para uma mesa. Sentia os olhos desconfiados do bibliotecário presos em suas costas. Comentaria com sua colega o estranho visitante que queria um dicionário obsoleto e inútil. Talvez fosse uma espécie de código. Lembrou da M-912 de Francisco e da recomendação para que voltasse à agência sozinho, com o cuidado de não ser seguido. Talvez o bibliotecário estivesse chamando a polícia. Teve de fazer um esforço imenso para não virar-se de supetão.

Ao invés disso sentou-se com calma, de lado para o balcão de pedidos e aguardou. Dez minutos depois, quando já pensava em sair correndo, apareceu uma jovem empurrando um carrinho e distribuindo livros pedidos para as outras pessoas presentes. Quando parou ao lado de Mário, por pouco ele não lhe disse que mudara de idéia, por pouco não levantou-se de um salto e saiu apressado porta à fora em busca de um policial para dar parte da estranha agência que vendia horizontes. Por pouco. Mas então a moça se debruçou diante dele, o perfume adocicado da moda, os cabelos ouro-mostarda e os olhos com lentes verdes da última promoção e murmurou com um sorriso profissional:

—Seu livro, senhor.

Então soube que fizera a coisa certa.

*Horizonte. [do gr. Horizon, óntos, 'que limita' (subentende-se kyklos, 'círculo'), pelo lat. Horizonte.] S.m. 1. Linha circular que limita o campo da nossa observação e na qual o céu parece confundir-se com a terra ou o mar. 2. Fig. Extensão indefinida; espaço.**

As ruas, ordenadas e retas, teciam a cidade em largas quadras iluminadas. Mário não sabia onde estava. Súbito, deu-se conta de que passara a tarde inteira andando à esmo, subindo e descendo ladeiras, procurando um espaço amplo, aberto, onde pudesse ver o céu e a terra fundindo-se num abraço terno. O mais próximo que encontrou era o que via agora: o viaduto de Santa Tecla, desde onde se via o campo de futebol e suas torres de luz. Além dele, os edifícios recortavam o céu denteado outra vez. Não havia uma linha, havia um sorriso duro, objetivo e profissional.

Entrou num bar bem iluminado, cujo nome brilhava em vermelho e verde: *Itália Nostra*. O garçom que veio atendê-lo era um jovem com rasgos orientais.

—O que o senhor vai querer?

Mário o encarou firmemente.

—O que você me recomenda?

—Temos *Bier Alles*. Também servimos *Bora-bora*, se preferir um refrigerante.

—Quero uma *Flexi-lexi*.

O rapaz sorriu contrafeito. O homem teria escutado mal?

—Não, desculpe. Somos vendedores exclusivos de *Bora-bora*.

—Que diferença faz, não é mesmo? —replicou Mário, cínico. —As duas tem o mesmo gosto.

O sorriso do outro foi se apagando, confuso. Os dois homens ficaram se encarando numa situação pouco usual.

—Lhe ponho uma cerveja? —tuboeu o garçom.

—Não, basta com uma água.

O outro se animou, mas antes que expusesse as diferentes marcas que tinha, Mário o interrompeu.

—Me dá igual que marca seja. Me dê uma garrafa de água com gás e fim de papo.

O garçom fechou o sorriso de imediato e procurou a marca mais cara que tinha na casa. Cobrou de maus-modos e quando o cliente sumiu pela porta, fez uma chamada telefônica.

Coshi baixou o fone no gancho e olhou o rapaz diante de si.

—O senhor Francisco não está e a casa fechou. Sinto muito.

—Mas ele me disse que deveria vir hoje.

—Lamento, senhor. Ele não virá.

—E a minha viagem? Meu horizonte?

Coshi se encolheu sob os óculos e olhou medrosa para a porta.

—Senhor, não fale tão alto!

Mário fez uma careta incrédula.

—Não estou entendendo.

O que se passa aqui?

—O seu destino não existe, compreende? Simplesmente não existe.

Ele olhou sobre os ombros, confuso.

—Olha, moça, eu só quero....

Ela baixou a voz, irritada.

—Esse lugar que o Chico lhe ofereceu é proibido. Entendeu? Não se pode visitar. Na prática, não existe.

—Como assim?

—Olhe, as pessoas definem horizonte como uma linha imaginária. Se é imaginária, não existe. Se não existe, não se pode ver. Ponto final. E a agência está fechada.

—A página on-line da minha empresa também não existe e eu acesso à ela todos os dias no meu trabalho!

Coshi perdeu a paciência.

—O senhor ainda não entendeu? Foi por causa disso que levaram Francisco! O levaram hoje pela manhã. Tenho que fechar ou me levarão também! Saia daqui! O senhor é *gafe*, dá má sorte. Fora! Fora!

O empurrou aos prantos e bateu a porta com força. Mário ficou olhando para a placa de "fechado" com um ar estático, de quem não tem para onde ir.

—Reconhece estas pessoas?

Mário olhou as fotos com atenção. Como podiam tornar um rosto tão frio era uma pergunta que temia responder.

—Não.

—Quer olhar mais tempo? Mais de perto?

O homem atirou-as sobre a mesa, e as caras aturdidas deslizaram até as mãos de Mário. Sentiu que começava a suar frio de novo.

—Já disse que não os conheço.

—Eram parte de um movimento secreto, o Horizontes. Já ouviu falar?

—Não, e mesmo se tivesse ouvido falar não ia adiantar nada. O senhor não sabe? Eu sou louco.

—Gostaríamos que identificasse as fotos. Mera formalidade, sabe? Os dois já estão mortos mesmo...

As mãos de Mário estremeçeram. Teria ele notado? O homem da gravata, queria dizer. Achou que não.

—Nunca os vi em minha vida.

Tinha a remota esperança de que negar os rostos de Francisco e Coshi era salvar-lhes a vida. Tinha remota esperança de que em algum lugar ainda estavam vivos, que a morenice séria de Coshi sobrevivera. Ainda tinha esperanças. Muito poucas.

—Quer a sua vida de volta, Mário? Diga-nos quem são eles. Diga-nos onde vivem, como vivem.

Ah, esse era o "x" da questão. Como vivem? Como sobrevivem sem cartão de crédito, conta bancária, telefone, férias em Cancun, como se atrevem a sobreviver sem tingir os cabelos de ouro-mostarda ou usar lentes de contato coloridas, como é que conseguem passar despercebidos se são tão diferentes da multidão?

—Essa é fácil, —sussurrou, e o homem do terno e gravata se inclinou, interessado. —Eles vivem no labirinto, disfarçados de minotauro.

O outro inclinou-se para trás, aborrecido.

—Mas a verdade é que todos somos Ícaro.

Por volta do vigésimo dia, a rotina estabelecida era tão normal quanto levantar e ir ao trabalho. Despertava em um quarto barato, numa pensão de quinta categoria, ganhava a rua depois de assear-se e vestir-se, depois andava até um bar de nível médio que tivesse uma TV e um jornal local. Ajudava a saber que distância se deslocara de um dia para o outro. Por alguma razão que não sabia explicar muito bem, imaginava que o que buscava estava em algum lugar ao sul. Visitara apenas uma biblioteca em todo o período, buscando informações geográficas e semânticas, mas a bibliotecária não encontrara nenhum dicionário que não fosse atualizado e além do mais o vigiara descaradamente o tempo todo.

—O que o senhor vai tomar?

Mário ergueu os olhos do anúncio de lentes de contato lilás e mergulhou na mirada violeta de outra loira. Constatou surpreso que a cor do cabelo era natural.

—Não sei. Tem alguma sugestão?

—Temos *Flexi-lexi* e *Bora-bora*.

—Quero uma *Bier Alles*, —resmungou Mário. Só para ser do contra. A moça suspirou.

—Senhor, esta é uma casa politicamente correta. Só temos cerveja sem álcool. Não vendemos qualquer tipo de droga.

—Mas ketchup tem, não tem?

Ela fez um bico com os lábios, depois sorriu, contrariada:

—Muito bem, um ketchup. Com gelo e limão?

Mário sorriu. Deus meu, uma mulher com personalidade. Incrível! Talvez o mundo não estivesse perdido, afinal.

—Não, desculpe. Um copo de água, e uma torrada simples, por favor.

Enquanto a torrada não vinha, ficou olhando a TV. Tudo igual. Sempre as mesmas caras, o mesmos assuntos. Os programas mudavam, claro. Sobretudo de nome. Mas o resto... isso para não contar as notícias. Protestos em Sidney, assassinato em Vancouver, neve em Nova York e calor em Atenas. Ou então, protestos em Nova York, assassinato em Atenas, calor em Sidney e neve em Vancouver. Ou qualquer uma das opções possíveis. Deixou o rosto escorregar sobre a mesa e namorou o copo de água. Adorava-os. Ultimamente passava horas olhando a tênue linha horizontal da água e do vidro e imaginava como poderia ser a de verdade, a Linha do Horizonte. Infinita. À perder de vista.

—Sua torrada.

Ele levantou a cabeça e sentiu o rosto corar como um menino pego em falta.

—Desculpe, eu...

—Não tem problema. Eu também passei a noite em claro. Todo mundo por aqui, aliás.

Mário piscou, tentando lembrar-se o que vira na TV. Não conseguiu. Ela ajudou:

—As Olimpíadas...

—Ah... claro, pois é.

A garçonete sorriu. Era bonita, sem ser exagerada.

—Vai querer mais alguma coisa?

—Nã... não.

—Se continuar me olhando assim, termina levando um desconto. Posso cobrar?

Ele sentiu-se encabulado outra vez e alcançou o cartão de crédito. Essa mulher não falava como as outras. Não era igual. Ficou tentado a

perguntar-lhe o nome, mas não se atreveu. Quando ela voltou com o ticket, sorriu e tentou parecer simpático. A moça sorriu de volta, segurando o cartão e batendo-o de leve contra o polegar esquerdo.

—Tem andado bastante, não?

Mário saltou na cadeira. Não pôde evitar. Ela ignorou o susto dele e estendeu-lhe o cartão.

—Achei que deveria saber. Quando se faz a cobrança, surgem na tela os últimos sete saques, com os números dos respectivos estabelecimentos. Teoricamente, serve para a segurança do meu estabelecimento. Os três primeiros dígitos são referentes à zona em que foi feita a cobrança. Cada zona tem cerca de 100 km de diâmetro. Daí se conclui que entre andar à pé e em metrô o senhor tem avançado de oitenta à cem quilômetros ao dia. Talvez mais. Está bem longe de casa Mário, e se eu sei disso, muito mais gente sabe.

Ele agradeceu assustado e fez menção de levantar-se, mas ela o impediu.

—Termine sua torrada primeiro. Depois, finja que ficará por aqui durante alguns dias. Se estiver procurando por isso daqui —bateu de leve no copo— diria que está no caminho certo. Eu seguiria ainda mais ao sul.

Virou-se e desapareceu na porta da cozinha.

—Quer ganhar uma *Flexi-lexi*, grátis, todos os dias, pela próxima semana?

O garoto que espreitava a porta da escola deu um salto. Era terceira vez que cabulava aula aquele ano. Não esperava ser pego com a mão na massa outra vez!

Observou o jovem executivo que sacudia um cartão de crédito automático diante dele, com um sorriso beatífico nos lábios.

—Eu quero, —murmurou.

—Então, já são suas, —riu Mário atirando o cartão para o garoto.

—Oba!

—Só tem uma condição!

O menino torceu o nariz. "Já estou vendo", pensou.

—Você só pode fazer um saque por dia. Se não tirar mais do que vinte, de cada vez, dará para oito dias.

—Cento e sessenta créditos?! —o menino parecia hipnotizado pelo cartão.

—Para um garoto que mata aula, você sabe multiplicar direitinho.

O menino ficou vermelho como um pimentão e tentou escapar, mas Mário foi mais rápido e agarrou a orelha dele com força.

—Se retirar tudo de uma vez só, volto aqui e te arranco a pele, moleque — sussurrou entredentes.

—Sim senhor, sim senhor! Ai!

Mário soltou o menino, e as passadas do pequeno se afastaram rápidas pelos becos da cidade planetária, levando consigo o cartão delator.

—O que vai querer?

—O de sempre.

—Não devia ter voltado.

—Fiquei maravilhado por encontrar uma loira de verdade, pelo menos uma vez.

A garçonete o encarou e sorriu. Os milagres que a franqueza faz, ele pensou.

—Certo, dez por cento de desconto. Se meu marido descobrir, você é um homem morto. Como vai pagar?

—Em dinheiro.

Ela assentiu.

—Férias?

—Até o dia 04. Depois começarão a me procurar.

—Cinco dias. É tempo suficiente para cair fora daqui.

—É...

Uma troca de olhares. Ela sorriu de novo.

—Me espere nos fundos. Daqui a pouco eu vou.

Ele foi.

Era dia 06 de outubro. Há dois dias que vinha avançando aos poucos, preocupado. Deixara de lado o metrô. Os cobradores tinham uma série de rostos procurados em uma tela abaixo do visor e Mário tinha medo de ser reconhecido. Passara a dormir em pensões que abrigavam prostituição não regulamentada e vez por outra dormia nas praças. Mas era muito frio e quanto mais ao sul se deslocava, mais a temperatura caía.

Até o dia 04, à conselho de Marta, se deslocara o mais longe possível. Esperava chegar ao ponto final por volta da manhã seguinte, assim que naquela noite não se deu ao luxo de dormir. Descansava de vez em quando junto à marquises pouco iluminadas. Felizmente, ali quase tudo era mal iluminado. Os prédios mais altos não passavam dos cinco andares e a medida em que avançava, iam ficando mais baixos, menores e mais pobres.

Surpreendeu-se quando o dia clareou. Consultou o relógio, e verificou, estupefato, que eram quatro da manhã. Pensou que o aparelho pudesse estar com a bateria fraca, mas ao passar por um dos raros bares que ficavam abertos a noite inteira, viu que estava certo. O coração começou a saltar com força no peito. Algo muda, algo muda, é o sol que vem, que vem pelo céu, depois de vencer a linha do horizonte, pensou nervoso. Olhou sobre os ombros, pensou que talvez o seguissem, tentou ouvir o eco de passadas, mas tudo o que ouviu foi uma porta que bateu com força. Mesmo assim, apurou o passo. Duas horas depois, obrigou-se a tomar um café. Encarou-se na televisão, procurado em todos os estados. Marta não se enganara. Eles se importavam. Que apenas um o buscasse, era o bastante. Não podiam permitir! O caçariam, o capturariam. Não veria a linha mágica e imaginária. Nunca. Fora assim que ela perdera o pai.

Às oito e meia, chegou à última linha de casas. A cidade acabava ali. A rua terminava ali. Avançou titubeante pelo cascalho solto. Havia uma bruma forte, gélida, que empapava o abrigo que Marta lhe dera. Um cheiro forte e pungente o invadiu, dominante, instalou-se e logo passou para um segundo plano. Mário parou um pouco, cansado, olhou sobre os ombros, em busca de seus perseguidores e então viu e o que viu foi como um soco no peito.

Nenhuma das casas, coladas umas às outras e interrompidas aqui e acolá por ruas mal calçadas, nenhuma delas tinha janelas para aquele lado. Era como uma muralha, era como se a cidade inteira lhe desse as costas a ele, o curioso, o intronmetido, o diferente que não conseguia se envolver com mulheres normais e com uma vida normal.

Era terrível, uma sensação de indiferença, de abandono total. Um homem que ultrapassa o limite da civilização recebe somente aquilo que lhe cabe, o nada, o frio, a negativa absoluta do mais pobres dentre os miseráveis, os que se aninham em casas de madeira e se aquecem em torno à fogareiros minúsculos, alimentados com chamas e madeira. Mário baixou a cabeça e sentiu as lágrimas correndo. Entre elas viu um grupo de homens vestidos de negro que vinham em sua direção à marcha forçada.

E depois sentiu como um grito junto à orelha. Um sopro de vento, repentino, nascido do mar que se derramava azul diante da falésia em cujo topo se encontrava. Virou-se, pois, aturdido, cansado, e viu como a bruma se esgarçava, como o espaço se abria franco, absoluto e colorido, cheio de som e silêncio, cheio de luz e movimento, tudo ao mesmo tempo e ao mesmo tempo vazio, um vazio preñado de escolhas e possibilidades. Viu como tudo isso se reunia longe, muito longe, se mesclava num ricto e diante dele o horizonte se desenhava azul, uma linha suave na qual o céu pareceu fundir-se com o oceano. Antes que as mãos vestidas de negro o agarrassem pelos ombros, pôs-se a chorar de alegria por saber o que era ser Ícaro e voar com suas próprias asas, mesmo que fosse só para arder no sol e morrer no mar.

—*Suponhamos que exista. Defina-o para nós, explique como é.*

—É infinito. É uma linha imaginária que se vê ao longe. Não se alcança, sempre está mais além. Mas é real. Está ali. Se vê que está ali.

—*Como algo que é imaginário pode ser real? O senhor não se dá conta de que é uma contradição em si mesma? Que simplesmente não existe?*



Conto :

Se os olhos pudessem matar... Cronicas do pós-guerra

por Daniel Alvarez

Num contraponto interessante à Fantasia dos contos anteriores, um conto de FC do Daniel, um clone "hard" de um renomado autor que já fez história na FCB - aliás, ainda faz, deixando para o seu alter ego as obras de inspiração mais "técnica", por assim dizer.

Uma sacada interessante essa, que lhe permite explorar novos rumos alternativos, sem renegar o seu passado.

Observo o invulnerável da Federação riscar de prata o verde escuro do céu vespertino de Bollrz, o mais externo dos mundos oxigenados de Caril.

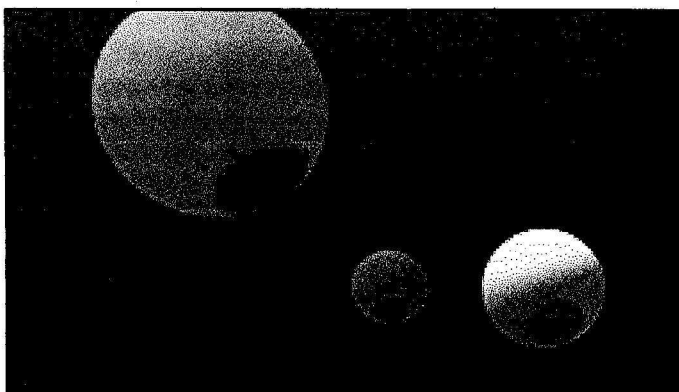
Os sistemas automáticos da belonave conduzem a manobra de aterragem no único astroporto planetário deste mundo árido desprovido de oceanos.

Tantas jovens membros promissoras do Partido da Aliança dispostas e ávidas pela honra de recepcionar os emissários humanos recém-chegados e logo eu, hierarca da oposição que encaro com pouca simpatia nossa amizade com esse povo, fui escolhida para a missão.

Como de hábito, usamos Bollrz mais uma vez como porta de entrada dos humanos em Caril. Nossos aliados consideram confortável a gravitação do planeta, 20% inferior a de Norgall. Além disso, apreciam a claridade suave dos céus esverdeados de Bollrz, tão pouco brilhantes quanto os céus azuis da Terra num dia ensolarado, lembrando sempre que o Sol visto da Terra parece consideravelmente mais pálido do que a Caril que fulgura nos céus bela nossa bela e amada Norgall.

Mesmo a dois quilômetros de altitude, o invulnerável humano revela-se visivelmente maior que nossos couraçados. *"A escala dos invulneráveis é 50% maior"*, informa meu implante de memória.

De qualquer modo, os dois tipos de nave compartilham o mesmo design elipsoidal básico — o que não



*"If looks could kill,
You'd be lying on the floor!"*
[Heart]

é nenhuma surpresa, visto que os humanos nos ensinaram a construir naves estelares, cujos projetos eles próprios apreenderam a partir dos destroços imperiais, bem nos primórdios da Guerra Ry'whax-Homeotérmica.

Quando comparado com um mercante estelar, o invulnerável não parece lá grande coisa com seus parcos 300 metros de diâmetro maior. Em termos de belonaves, contudo, trata-se de um colosso. Além disso, é auto-suficiente, dotado de poder-de-fogo quase indescritível e capaz de aterrar nas superfícies planetárias de relevo mais escarpado e irregular.

A belonave estelar desativa os jatos de frenagem e passa a flutuar inerte, com seu pólo inferior a poucos metros do piso de concreplástico do astroporto.

Por infeliz capricho da política carily, a Alta-Hierarquia da União ungiu-me com o dever de receber o Conselheiro Odysseus Magnus e sua

comitiva. Oficialmente a razão de minha escolha deve-se ao fato de eu ser a hierarca mais jovem disponível em Caril capaz de articular o latim sem o auxílio de implantes-tradutores. Imagino que o fato de eu ser uma xenóloga especializada em conduta e costumes humanos também tenha pesado na escolha.

Logo eu, que por direito ainda devia estar entocada, cuidando da nova ninhada e usufruindo dos prazeres do harém, após da ausência nos meses finais da gestação, e não recepcionando humanos... Tenho certeza que minhas primogênitas estão cuidando bem das irmãzinhas.

O que me preocupa é que deixei os machos de meu harém aos cuidados dúbios daquelas meninas lascivas... É melhor nem pensar nas coisas que não podemos mudar.

Devo receber o emissário plenipotenciário da Federação

Humana e acompanhá-lo em sua visita a Caril, que nossos aliados mais fiéis ainda insistem em chamar de "Sistema Duplo de Capella".

Segundo instruções recebidas, devo conduzir o conselheiro e seu grupo a qualquer parte de Caril que o humano julgue necessário para realizar aquilo que o Conselho Científico da Federação designou enigmáticamente como "pequena demonstração de caráter prático".

Surgiram, não sei bem de onde, alguns boatos e insinuações veladas de que a humanidade teria desenvolvido uma arma definitiva para estancar a Segunda Invasão. Embora não me julgue especialista em tecnologia bélica, considero de todo improvável que os humanos tenham aperfeiçoado uma nova arma ofensiva capaz de destruir os Peregrinos sem que nossa inteligência tenha ouvido falar algo a respeito.

Meu módulo de processamento informa que o invulnerável acaba de desativar os compensadores de inércia, sustentando-se agora apenas sobre os grossos pilares pneumáticos recém-emersos de seu casco de aparência fluida.

— Quantos humanos irão desembarcar? — Indago a meus módulos e implantes auxiliares.

Meu link interno conecta-se ao sistema de informação do astroporto e este comunica-se com o programamestre do invulnerável. Dois segundos mais tarde, obtenho a resposta: "*Três humanos.*"

Estranho... Isto quer dizer que a tripulação da nave não gozará sua licença tradicional de alguns dias nas instalações militares anexas ao astroporto.

Esfrego o focinho nas costas da pata esquerda, simulando indiferença. Ingresso no grande flutuador automático que me aguarda de porta aberta. Acomodo-me num dos dez assentos de estofamento macio, mais ao gosto dos humanos que ao nosso. A porta fecha com um chiado quase imperceptível e o flutuador acelera em direção à escotilha inferior do invulnerável.

O casco abaulado da belonave reflete em tons azulados o brilho amarelo esmaecido e distante de Caril, uma fração ínfima do fulgor ígneo com que nosso primário se exhibe radiante nos céus de Norgall.

Da janela de plástico do flutuador, não consigo enxergar as marcações das comportas dos canhões de transição. Contudo, não preciso que meus processadores implantados me digam onde elas se situam.

Do hemisfério norte do invulnerável projeta-se a reprodução gigantesca do Cordeiro — um vertebrado homeotérmico quadrúpede nativo da própria Terra — ícone holográfico há muito adotado por nossos aliados e que, hoje em dia, mesmo as espécies alienígenas recém-contatadas associam facilmente à presença da humanidade em seus domínios.

Ah, os humanos e suas emoções atávicas...

Não há registro de outra espécie em toda a Periferia que, deixando-se governar tanto pelos sentimentos e emoções quanto os humanos, tenha chegado tão longe.

Segundo consta a lenda, o comandante daquela primeira flotilha de avassalamento do Império Ry'whax a ingressar no Sistema Solar, com o intuito de se jactar com os conhecimentos recém-adquiridos junto aos futuros vassalos, teria afirmado que "*seria tão fácil para suas belonaves aniquilar a humanidade quanto para um lobo faminto devorar um cordeiro indefeso...*"

O comandante ry'whax teve motivos convincentes para pensar daquela forma. Afinal, sua flotilha dispunha de recursos bélicos e tecnologia inimagináveis para os humanos da época do primeiro contato com o Império.

E, no entanto, a humanidade destruiu aquela primeira flotilha de avassalamento e absorveu como uma esponja a matriz tecnológica do inimigo, encontrada nos escombros do couraçado e dos cruzadores sinistrados.

Depois desse primeiro engajamento da longa Guerra Ry'whax-Homeotérmica, batizado "Batalha Prima" pelos humanos, a Federação recém-estabelecida teria escolhido o cordeiro sobre um campo estrelado como símbolo máximo de sua espécie.

—oOo—

Ao contrário da maioria das carilybits, não morro de simpatia por nossos fiéis amigos humanos.

Eles foram aliados formidáveis durante a Guerra, não há dúvida. Também não me ressinto nem um pouco — ao arrepio da ortodoxia independente tão em voga entre os historiadores especializados em nossa fase pré-contato — com a maneira pela qual os humanos nos influenciaram por ocasião do primeiro contato. A atitude deles foi honesta e bem intencionada; o que é bem mais do que podemos afirmar em relação à política da nobreza indolente-comercial ry'whax. E, o mais importante, os humanos tinham de fato razão: não havia neutralidade possível para a cariléia entre as forças antagonicas da pequenina Federação Humana e do Eterno Império Ry'whax. Ou bem nos tornávamos vassalos privilegiados, ou nos uníamos à cruzada gloriosa, mas arriscadíssima, proposta pela humanidade. Creio piamente que nossos antepassados tomaram a decisão acertada ao optar pelo ingresso na Aliança de Exterminio. Meus motivos de ressentimento são outros. Motivos mais recentes e relacionados à política externa humana do Pós-Guerra.

Como filiada ao Partido Independente, até bem pouco tempo atrás defendi um afastamento maior da política expansionista da Federação. Assumi a postura oficial do partido, até por julgar que, com a Guerra finda há quase um milênio, já não havia mais justificativa para mantermos o vasto aparato militar de nossa Armada Conjunta em patrulhas constantes pelas regiões da Periferia habitadas por civilizações-membros da Associação Livre.

Com população e Armada bem maiores do que as nossas, mais sistemas estelares colonizados e, sobretudo, pelo fato de nos terem facultado a tecnologia cósmica ry'whax, os humanos sempre nos viram como uma espécie de irmãos caçulas, que eles se propõem conduzir e orientar, mesmo nos dias de hoje, tanto tempo após a ameaça ry'whax ter sido debelada.

Ora, antes do contato com a humanidade e o Império, já havíamos colonizado toda a vastidão que circunda Caril, um sistema duplo e muito maior do que o diminuto Sistema Sol. Além disso, já havíamos unificado a cariléia sob um único governo, bem ao contrário da humanidade, que precisou do *incentivo* ry'whax para se unir e que sequer explorava economicamente a nuvem cometária de seu sistema natal quando da chegada daquela malfadada flotilha de avassalamento...

Os humanos adoram jactar-se para as espécies recém-contatadas de como salvaram todos os povos da antiga Aliança com seus inventos maravilhosos, como o gerador de buracos negros e os canhões de transição. Não que esses sistemas de armas tão tenham sido muito importantes e, porque não dizer, revolucionários. Contudo, eles sempre se esquecem de mencionar que na hora mais negra da Aliança, quando todas as outras espécies já haviam perdido a esperança na humanidade e na cariléia, foi graças ao Defletor Gul, uma invenção carily, que a Armada Aliada não foi reduzida a partículas subatômicas em questão de décadas pelos canhões hipercósmicos, um invento arcano com que os n'ghartfs apresentaram os ry'whaxers nos tempos de Sglanthen o Grande.

Com o fim da Guerra, a Aliança de Extermínio foi dissolvida e a Federação Humana e a União Carily estabeleceram um tratado de paz com a Confederação N'ghartf. Desde então, a paz tem reinado neste braço da Periferia.

Como muitas outras jovens carilybits, eu acreditei que chegara a hora de pararmos de concordar cegamente com a política expansionista dos humanos.

Desde o término da Guerra, houve um acordo tácito entre os povos aliados — tanto nós e os humanos, quanto os ex-vassalos libertados do Império — pelo qual a humanidade e a cariléia atuariam como uma espécie de força policial da Associação Livre, com a responsabilidade de defender as espécies-membro contra qualquer eventual ameaça externa, bem como impedir que dois ou mais membros agredissem uns aos outros.

Contudo, isto foi há mais de nove séculos. De lá para cá, até quarenta anos atrás, nada no ambiente galáctico pacífico da Associação Livre parecia justificar a existência desse aparato militar tão poderoso.

Até que os *jkleii* voltaram...

—oOo—

A escotilha do elevador de desembarque do invulnerável fendeu-se em seu bojo inferior quando o flutuador ingressou sob a sombra da belonave.

Meu veículo pára a poucos metros do orifício.

Salto do flutuador e caminho até a escotilha do elevador com passos cautelosos, ainda não inteiramente acostumada à gravidade reduzida de Bollrz. O ar frio e ralo do final dessa tarde de verão assemelha-se mais ao do topo das cordilheiras de Norgall. A brisa gélida arrepiava meus pelos e a reação ativa o controle térmico de meu traje.

O cheiro seco e arenoso típico do Continente Austral desse mundo árido me invade as narinas, produzindo uma coceira suave e não de todo desagradável na extremidade do focinho.

Tento vasculhar o interior da câmara de desembarque do invulnerável. Mesmo com auxílio de meus dispositivos de ganho visual, não há muito o que ver. Ainda não há sinal dos humanos.

— Onde estão eles? — Murmuro a meus sistemas.

“Contato com o programa-mestre da *Belerofonte*. O Conselheiro Magnus envia saudações e pede para avisar que ele e os outros dois humanos em breve se reunirão consigo.

Sem nada a fazer, aguardo o aparecimento de nossos aliados.

—oOo—

Segundo os n'ghartfs, os *jkleii* já haviam predado nosso setor da Periferia há cerca de 150.000 anos, numa época em que tanto nós quanto os humanos sequer sonhávamos emergir de nossas pré-histórias monoplanetárias. Na ocasião, essa raça homeotérmica de predadores nômades realizou um ataque em massa aos sistemas habitados pelos n'ghartfs e demais espécies confederadas.

Já àquela época, os *jkleii* singravam a Periferia em seus *Peregrinos*, gigantescas naves estelares cilíndricas com as dimensões de pequenos planetas — as maiores possuíam até 2.000 Km de comprimento, 600 Km de diâmetro e população estimada em 200 milhões de habitantes.

A Primeira Invasão foi empreendida por uma frota de cerca de 300.000 *Peregrinos*... Trezentos mil mundos artificiais praticamente inexpugnáveis!

Os n'ghartfs e seus associados presenciaram impotentes quando os *jkleii* arrasaram sistemas estelares inteiros, não apenas à caça de conhecimentos e bens tecnológicos para nutrir sua cultura parasitária, mas também em busca de matérias-primas para construir mais *Peregrinos* e elementos leves para alimentar os conversores dos gigantes cilíndricos já existentes.

Ao longo das sete décadas da Invasão, os *jkleii* produziram danos terríveis no interior da superfície fronteira confederada. Foram responsáveis pela extinção de três das quatorze espécies que outrora integravam a Confederação N'ghartf e atrasaram em vários milênios o

desenvolvimento técnico-cultural das sobreviventes.

Contudo, não obstante a indole pacífica dos n'ghartfs e seus associados, eles lutaram como puderam. Após a destruição de centenas de mundos habitados em muitos sistemas estelares confederados, os invasores foram afinal expulsos dos domínios n'ghartfs, graças ao advento mais do que oportuno dos canhões de radiação hipercósmica.

Uma vez munidos dessas armas fantásticas, os pseudo-insetóides exerceram retaliação maciça contra o inimigo, destruindo milhares de Peregrinos, cujos campos defensivos, outrora impregnáveis, puderam ser rompidos como se fossem feitos de folhas de alumínio.

Meu módulo de memória traz de volta a recordação vívida e perfeita de um velho holo histórico n'ghartf que assisti quando era pouco mais que uma cria.

Unidades máximas n'ghartfs, dezenas de octaedros minúsculos, a revoar céleres como abelhas furiosas em torno de cada gigante inimigo. As rajadas coerentes de partículas aceleradas a velocidades muito próximas à da luz atingindo seguidamente os pontos fracos dos longos cascos cilíndricos dos Peregrinos, penetrando no âmago de seus conversores de matéria e os fazendo explodir feericamente, como miríades de novas singulares. Em seguida, a revoada dirigia-se ao próximo Peregrino, repetindo a mesma operação dezenas de vezes...

Apesar da vitória confederada, a Primeira Invasão produziu traumas profundos na cultura n'ghartf.

Esse trauma ajuda a explicar a simpatia imediata dos n'ghartfs pelos ry'whaxers.

Como os jkleii, e ao contrário dos povos confederados e dos ry'whaxers, nós e os humanos somos criaturas homeotérmicas. Daí, imagino que os pseudo-insetóides devam ter se sentido solidários com aquele vasto núcleo de civilização galáctica subitamente acossado por bárbaros

homeotérmicos agressivos... Não espanta terem presenteado os ry'whaxers da Grande República de Sglanhen com o projeto dos canhões hipercósmicos.

Agora, os jkleii estão de volta.

Onde estiveram nestes últimos 150 milênios, não sabemos.

No entanto, por onde quer que tenham vagado, devem ter aprendido a construir sua própria versão dos nossos defletores Gul com alguma espécie alienígena.

Ainda que empregássemos os canhões hipercósmicos oferecidos pelos n'ghartfs, não seríamos capazes de destruir os Peregrinos como os pseudo-insetóides o fizeram quando puseram fim à Primeira Invasão.

Pelo fato de seus feixes-graser viajarem pelo não-espaco, materializando-se no interior dos campos defensivos inimigos, os canhões de transição concebidos por Michael O'Bradley permanecem efetivos contra os jkleii. Contudo, como não possuem nem de longe o mesmo poder ofensivo dos artefatos n'ghartfs, as armas mais poderosas de nossos arsenais raramente conseguem alvejar mortalmente um Peregrino.

Contudo, apesar de terem se tornado praticamente indestrutíveis, nesta Segunda Invasão os colossos cilíndricos estão se comportando de maneira mais cautelosa desta vez.

Afinal, quatro décadas se passaram e, apesar das evacuações planetárias maciças e das inúmeras derrotas e bilhões de baixas, nenhuma espécie se extinguiu...

Não obstante o fato de agora a frota jkley possuir quase um milhão de unidades!

—oOo—

Nem preciso consultar meu implante mnemônico para lembrar cada palavra da declaração indignada da alta-hierarquia Riph-Fow, minha mentora política, naquela mesma reunião da Hierarquia de Governo em Norgall, onde fui escolhida para acompanhar Odysseus Magnus em sua presente visita a Caril.

"Todos os sistemas carilys e humanos, bem como os principais sistemas dos birnaxs e dos n'ghartfs estão resguardados da ação predatória dos Peregrinos, graças à presença das baterias geradoras de singularidades.

"O mesmo não se dá, no entanto, com os quase 30 mil sistemas estelares habitados pelas demais raças aliadas, membros antigos e recentes da Associação Livre...

"Nossos estrategistas estimam que seriam necessárias em média de treze a quinze baterias geradoras para defender cada um desses sistemas...

"Ora, estamos falando de 450 mil baterias geradoras de singularidades! Um número mais de 100 vezes maior do que a quantidade já instalada pela humanidade nos últimos 1.600 anos.

"Prezadas irmãs de clã e de credo, estamos diante de um impasse. Caso não consigamos uma solução satisfatória, é bem provável que dentro em breve nós, os humanos, os n'ghartfs e mais uma meia dúzia de outras espécies privilegiadas, tornemo-nos as únicas remanescentes da — diremos então — outrora pujante e florescente Associação."

Riph-Fow fez uma pausa de efeito, aproveitando para tomar fôlego.

Gham-Bedech, uma hierarca do Partido da Aliança, valeu-se da oportunidade para erguer-se da banquetta oblonga enfileirada na ala de seu partido e menear a cabeça recoberta de pelos fulvos, numa solicitação tácita para se manifestar. Riph-Fow assentiu com um ligeiro tremor das orelhas hirsutas, ao que a hierarca mais jovem questionou:

"Gostaria que nos informasse, ó honorável, o que existe de verdadeiro no boato que corre por toda Norgall de que um batalhão humano constituído por natibélicos e guerreiros biomechs teria conseguido tomar um Peregrino de assalto."

Do alto de sua tribuna, Riph-Fow fitou a opositora mais jovem em silêncio. Alisou os pelos negros e

lustrosos das faces com ambas as patas, mantendo o ar fleugmático habitual. Sem o menor sinal de pressa, piscou os olhos já vermelhos devido à idade avançada. Suspirou. Dentro em breve deverá decidir se deseja ou não habitar um corpo mais jovem. Ajeitou a toga branca de linhas sóbrias com gestos calmos e calculados. Sacudiu as orelhas recobertas de pelos negros, demonstrando enfim um assentimento algo relutante:

“De fato. Um comando composto por 10.000 natibélicos acompanhados por 50.000 bio-robôs conseguiu tomar uma dessas naves gigantescas, a despeito de lutar contra 200 milhões de jkleii sob uma gravitação reduzida de apenas 0,6 G. Uma empreitada heróica, mesmo quando levamos em conta todos os numerosos relatos de proezas improváveis efetuadas pelas forças de choque natibélicas dos tempos da Guerra.

“Tal façanha, porém, revelou-se de todo inútil. Tão logo se perceberam sem o domínio da nave-mundo, os comandantes jkleii ativaram um mecanismo de autodestruição, transformando o colosso cilíndrico numa nuvem de gás incandescente de dimensões planetárias...”

Riph-Fow fitou as companheiras de partido e também as adversárias do partido situacionista. Ante a gravidade da ameaça, já não havia espaço para situação ou oposição. Deviam irmanar-se todas numa mesma cruzada sem esperança.

Denotando enfim todo o desânimo e cansaço acumulado nesses últimos anos de perdas terríveis, a alta-hierarquia baixou as orelhas, sentou-se com ar derrotado e concluiu em tom rouco:

“Ninguém na União Carily se ilude em imaginar que nossa Armada Conjunta, com efetivos que não chegam a 8.000 invulneráveis e 90.000 couraçados, possa fazer frente a uma frota de um milhão de naves do tamanho de planetóides... Não quando se sabe que cada Peregrino dispõe de campos defensivos quase

inexpugnáveis e aparato ofensivo capaz de engajar e destruir uma esquadra inteira de couraçados em questão de segundos...”

“Os humanos dizem possuir uma nova arma que porá fim à Segunda Invasão...”

“Eu digo: a máquina de propaganda da Federação desandou feio desta vez!”

—oOo—

Ao fitar o Conselheiro Magnus junto à escotilha de desembarque do invulnerável, lembro visceralmente algo que muitos leigos talvez só intuam a partir dos holos históricos e noticiosos: como os humanos são parecidos com nossos glanderks!

Não surpreende que nos tenhamos dado tão bem com eles e confiado tanto em suas declarações incríveis desde o primeiro contato, há mais de mil anos.

Apesar dos humanos não possuírem a pelagem azulada característica dos glanderks, tampouco o mesmo aroma almiscarado pungente e serem, é claro, muito maiores que nossos animais de estimação prediletos, têm os olhos grandes e posicionados na frente de uma face achatada, à semelhança dos glanderks. É sabido que os humanos evoluíram a partir de animais homeotérmicos de visão binocular aguda, como os glanderks. Por isto, os humanos primitivos jamais precisaram domesticar um animal com olhos penetrantes para auxiliá-los em suas primeiras caçadas paleolíticas, como as carilybits precisaram dos glanderks.

Talvez como compensação por sua visão aguçada, os humanos possuem olfato e audição pouco desenvolvidos quando comparados com nossos sentidos. Por isso, o animal que elegeram como companheiro de caçadas foi a *cadela*, um quadrúpede homeotérmico carnívoro dotado de olfato e audição quase tão sensíveis quanto os de uma carilybit.

Alguns humanos ainda insistem em afirmar que as cadelas são

parecidíssimas conosco. A alegação é claramente absurda. Pois embora a pelagem corporal e a estrutura craniana básica das cadelas sejam de fato vagamente semelhantes às das carilybits, tais animais são quadrúpedes, e não bípedes como nós, os humanos e os glanderks.

Por outro lado, é bem provável que, ao nos julgar parecidos com seus animais de estimação favoritos, os humanos tenham sentido pelas carilybits a mesma confiança inicial que neles depositamos. Segundo eles, é como se houvessem viajado 40 anos-luz do Sol até Caril, apenas para reencontrar a “melhor amiga dos humanos” sob forma bípede e racional.

Tamanha coincidência cósmica, suposta obra de uma evolução convergente, foi o primeiro passo para aproximar a cariléia de nossos mais antigos e fiéis aliados.

Desde os primórdios da Guerra Ry’whax, aprendemos a confiar cegamente nos humanos, da mesma forma que nossas antepassadas pré-históricas confiaram o êxito das caçadas à visão acurada dos glanderks. Outros membros da antiga Aliança de Extermínio sempre julgaram difícil compreender nosso relacionamento quase simbiótico com os humanos. Não entendiam como era possível que carilybits e humanos colaborassem tão bem. Como nossos planejamentos político, científico e militar conseguiam se complementar de forma tão íntima, a ponto de quase não haver segredos ou reservas entre nossos dois povos, a ponto de tripularmos juntos as mesmas belonaves e colonizarmos juntos os mesmos planetas.

—oOo—

O conselheiro com fisionomia de glanderk pisca seus olhos grandes e brilhantes, separados apenas pelo mais vestigial dos focinhos, uma organela minúscula, em termos relativos ainda menor do que os de nossos animais de estimação.

Ele exala não o almiscar dos glanderks, mas um aroma curioso que

aprendi a associar a machos humanos que vivem em planetas de atmosfera oxigenada.

Num latim incisivo bem pronunciado, o conselheiro introduz a si próprio e a seus dois companheiros. Os três humanos vestem trajes inteiriços que ocultam seus corpos quase inteiramente, deixando de fora apenas a cabeça e o pescoço.

Odysseus Magnus possui a aparência física exterior que os humanos costumam definir como paleomórfica, no sentido de que sua morfologia não foi alterada quer pelas artes da manipulação genética, quer por implantes biônicos externos. Tem estatura elevada para um humano, sendo quase tão alto quanto eu. A compleição musculosa e seus batimentos cardíacos compassados indicam que Magnus foi concebido ou criado num planeta de gravitação um pouco mais elevada do que a Terra ou Norgall. Magnus veste o traje negro oficial comum aos membros de todos os conselhos da Federação.

Ah, o Conselheiro Magnus é um humano *macho*. Imagino que hoje em dia, mais de um milênio e meio após o Contato, pouca gente estranhe o fato de que entre os humanos, os machos da espécie sejam quase tão inteligentes quanto as fêmeas...

O conselheiro cultivava uma "barba" curta bem tratada (isto é, um trecho de pelagem facial presente sobre as mandíbulas de vários machos humanos). À medida que ele fala, percebo nuances em seu aroma corporal; um cheiro claramente artificial, aquele tipo de perfume ou loção que os humanos decerto julgam agradável, embora produza a sensação intensa de cócegas no interior de nossas narinas...

O segundo humano, Maria Morgan, é uma fêmea com longa pelagem craniana de coloração clara. Seus batimentos cardíacos reduzidos, as estruturas óssea e muscular reforçadas, seu cheiro inconfundível e a elasticidade de seus movimentos levam-me a concluir tratar-se de uma natibélica, uma humana cujos

antepassados foram geneticamente condicionados para enfrentar as agruras dos combates planetários durante a Guerra.

A farda de um verde discreto informa que Maria é uma oficial-cientista da Federação. Ela porta as insígnias de major, mas há um círculo de prata diminuto sobre a teta esquerda (Lembrando sempre que as humanas possuem apenas um par e não três). Não sei o que esse círculo significa, mas meu módulo de memória explica que se trata do símbolo do Serviço de Inteligência da Federação. Considero a presença de uma oficial da inteligência humana na comitiva do conselheiro no mínimo inusitada.

A oficial cheira a fêmea humana e também a essências e óleos naturais, uma mistura suave e delicada, bem distinta do odor agressivo da loção do conselheiro.

Embora Magnus pareça ostensivamente maior e mais forte que Maria Morgan, as fibras musculares concentradas da natibélica e seu metabolismo acelerado concedem-lhe a força de vários humanos normais. Considero diplomática a decisão de enviar um conselheiro normal acompanhado por uma oficial muitas vezes mais ágil e vigorosa do que ele. Imagino que o Conselho Supremo da Federação não tenha dado ouvidos ao Departamento de Xenologia Aplicada da Terra, ou alguém de lá lhe teria explicado que teria sido mais diplomático e sensato simplesmente enviar a Caril uma conselheira...

Sou obrigada a aceitar a palavra do conselheiro quando ele afirma que o terceiro humano é um jovem macho.

Se a natibélica já me pareceu neomórfica com a epiderme glabra, os glóbulos oculares espelhados e a musculatura saliente sob o uniforme justo, o que dizer dessa criatura que, pela idade informada, sequer saiu da adolescência, embora seja difícil julgar, visto que, como neomorfo radical, sequer pareça humano?

Não fossem as explicações do hierarca humano, eu juraria que o jovem introduzido como Cidadão

Mucius Cisalpinus é membro de uma nova espécie alienígena recém-contatada. Assumido como humano neomorfo, sua aparência passa de neutra a medonha: uma massa disforme e pulsante de carne avermelhada, plástico e metal, com tronco elipsóide, pernas e braços finos e rígidos como varetas e um crânio protuberante revestido por um capacete maciço enorme, repleto de controles e indicadores.

Seu cheiro sabe mais a alienígena do que a humano... Por um instante chego a cogitar que o jovem talvez seja um híbrido humano-alienígena, com um travo de biomecanismo adicionado à mistura.

Ele veste uma espécie de armadura que brilha num branco leitoso e não possui quaisquer indicativos de cargo ou patente.

Mal consigo distinguir as batidas do coração desse jovem anômalo ante à miríade de ruídos — alguns de natureza inequivocamente artificial — provindos de suas entranhas.

— Fale-nos sobre os planos da Federação para estancar a Invasão Jkley. — Artigo num latim ríspido, em flagrante quebra de protocolo, numa tentativa vã de afogar minha perturbação com a aparência do adolescente humano. — A mensagem que recebemos insinuava que a humanidade já dispõe dos meios para derrotar os invasores.

— Devo presumir que a hierarca está em contato com seus pares.

Concordo com a suposição do conselheiro com um leve abanar de orelhas e ele continua:

— De fato, nosso Conselho Supremo já considera a crise jkley praticamente superada. — Odysseus Magnus pisca seus olhos grandes de glanderk, contrariando minha expectativa, ele não recorre a rodeios, mas vai direto ao ponto. — Estamos de posse, aqui mesmo, da arma que nos conduzirá a Associação Livre à vitória definitiva.

— Aqui mesmo? — Não consigo esconder a incredulidade. — Então vocês obtiveram afinal a colaboração dos n'ghartfs para adaptar os fluxos

transicionais aos canhões hipercósmicos... Vosso invulnerável já recebeu os novos sistemas de armas?

— Ah, não exatamente. Acho que está havendo uma confusão. — Magnus franze a testa achatada antes de explicar. — Conforme os estudos conjuntos com os n'ghartfs indicaram, a fusão dos princípios dessas duas armas não é tarefa simples. Ao que tudo indica, não teremos tempo para uma empreitada deste tipo.

— Mas, então, qual é o teor dessa arma revolucionária?

— Viemos até Capella exatamente para demonstrá-la.

— Compreendo. Mas não seria possível pelo menos adiantar em que princípio se baseia essa arma?

A humana emite um som rouco inarticulado com a garganta. Aquilo que essa espécie denomina “pigarro”. O conselheiro olha para ela e balança a cabeça no típico gesto humano de concordância.

A oficial toma a palavra para explicar:

— Poderíamos falar sobre o funcionamento dessa... arma... ainda hesito em chamá-la assim. Mas é bem provável que vocês não acreditassem em nossas palavras. Pelo menos, não sem provas, e devido à natureza heterodoxa, por assim dizer, desse recurso, nós nem poderíamos culpá-los se não nos levassem a sério. Por isso, depois de pensar a respeito, o Conselho Supremo julgou que o método mais rápido de convencer nossos aliados seria através de uma demonstração prática.

Examino os semblantes do conselheiro e da oficial-cientista. Escuto suas frequências cardíacas. Ambos cheiram a sinceridade.

Agora compreendo a presença de um membro do serviço de inteligência da Federação.

— Que grau de sigilo deverá ser mantido ao longo dessa “demonstração prática”?

Maria e Odysseus trocam olhares. O conselheiro pisca os olhos brilhantes e responde:

— Esperamos contar com a

presença maciça dos meios de comunicação de toda a União Carily e dos correspondentes alienígenas residentes em Capella.

Coço o focinho, nervosa. Presença maciça dos meios de comunicação? Correspondentes alienígenas? Isto não vai ser fácil... Durante todo esse nosso agradável colóquio informal ao pé do elevador de desembarque do invulnerável, o jovem Mucius Cisalpinus permaneceu calado e absorto em fitar a linha do horizonte com ar ausente. Como se nada do que discutimos lhe dissesse respeito.

Nem o conselheiro, nem a major me explicam que papel o jovem neomorfo desempenha nesta visita diplomática sui generis.

Mais atordoada do que curiosa, abro mão das perguntas.

Ah, as idiossincrasias humanas...

Uma espécie tão brilhante e, ao mesmo tempo, tão imatura e tão repleta de fraquezas e contradições. Pobres humanos! Jamais serenos ou plenos. Sempre dominados por seus eternos torvelinhos de emoções...

Franzo o focinho, inquieta. Estou mais preocupada é com essa tal demonstração.

Convido os humanos a ingressar no flutuador automático que nos aguarda.

Durante o percurso curto até os prédios do controle do astroporto, Odysseus e Maria explicam o que vão precisar para a demonstração.

Cada vez mais preocupada, ainda do interior do veículo estabeleço contato com a hierarquia planetária e requisito uma espaçonave para nos conduzir até Norgall.

Espero que esses humanos saibam o que estão fazendo.

—oOo—

Após doze horas de uma viagem demorada e cansativa que qualquer nave estelar antiquada teria empreendido em questão de minutos, chegamos ao presídio especial para entidades alienígenas em a União mantém em Grawuff, o maior dos satélites naturais de nossa bela Norgall.

Nesse aspecto seguimos o exemplo dos humanos que, na época da Guerra, instalaram diversos presídios em Luna para prisioneiros ry'whaxers e n'ghartfs. Jamais tivemos tantos prisioneiros de guerra quanto a Federação mas, ainda assim, nosso presídio especial chegou a operar próximo da capacidade máxima durante os últimos séculos da Guerra. Com o término do conflito, as instalações estiveram para ser desativadas por duas ou três vezes. Contudo, graças ao boom turístico do pós-Guerra, o presídio acabou transformado em museu.

Com a Invasão Jkley, o velho presídio alienígena recuperou seu propósito original.

Mantemos por aqui pouco mais de uma centena de jkleii que os comandos de resgate de nossas belonaves conseguiram capturar com vida.

Fui obrigada me valer de toda a autoridade inerente a meu cargo para burlar os trâmites da burocracia de Grawuff. Não nego que o Conselheiro Magnus tenha ajudado bastante, intervindo de forma decisiva em duas ou três ocasiões mais espinhosas.

Caminhamos aos saltos no ambiente climatizado sob a cúpula do presídio. A baixa gravitação de Grawuff não parece incomodar minimamente os dois humanos adultos, embora o jovem Mucius não pare de emitir piados agudos intermitentes para exprimir seu desconforto.

Nossa excelsa líder de governo escolhe este exato instante para me contatar pessoalmente a partir de Norgall, distante uns meros dois segundos-luz deste satélite.

“O que você está pretendendo, Rarrff?” — Ela ribomba sem preâmbulos no meu endo comunicador, no seu melhor tom abrupto habitual.

— Precedente Taw-Bahrur, os humanos desejam demonstrar o poder ofensivo de sua arma revolucionária.

— Odysseus e Maria fitam-me sem entender o significado de minha fala, visto que articulo direto em carily. Ambos subvocalizam ordens

rispidas entre os dentes a seus trajes, provavelmente para solicitar traduções simultâneas a seus endoprocessadores. Suspiro e continuo:

— Eu e o Conselheiro concordamos quanto à conveniência de empregarmos cobaias jkleii.

A pausa se estende bem mais do que os poucos segundos que poderíamos atribuir à mera distância de Norgall. Quando a resposta enfim retorna, o tom preocupado da hierarquia ecoa em minha cabeça:

“Essa arma está aí em Grawuff com eles?”

Fito Magnus e ele me responde com o gesto humano de assentimento.

Confirmo laconicamente a presença da arma.

“E por que todo esse rebuliço da imprensa de Norgall, viajando às pressas para aí ou entupindo todos os canais de telepresença? Um absurdo!”

— Faz parte do plano que estabeleci com os humanos, Precedente. Recebi há pouco as aprovações de nossa Hierarquia Científica e do Alto-Comando da Armada Conjunta.

Este último argumento cala fundo no espírito de nossa líder suprema. Embora a atual comandante geral da Armada Conjunta seja uma carilybit, o Alto-Comando não representa somente os interesses da cariléia, mas também, e sobretudo, os da humanidade.

Com um resmungo mal-humorado, a líder encerra o assunto:

“De acordo, então. Assuma o controle da situação desse lado aí. Você tem autorização para prosseguir.”

Sim, claro! Como se eu não soubesse...

Apesar da terrível expectativa, confesso-me bastante gratificada por fazer essa velha política de carreira, que sempre apoiou as iniciativas da Federação Humana por mais estapafúrdias que fossem, engolir um pouco de seu próprio remédio.

—oOo—

Resignada, a diretora do presídio recolhe a cauda e esfrega o focinho ante meu suspiro de triunfo.

Quinze minutos mais tarde, estamos frente a frente com os prisioneiros jkleii.

Frente a frente é modo de dizer, pois há um escudo energético quase invisível nos separando dos invasores. Eu, a diretora do presídio e nossos três convidados humanos estamos próximos à muralha transparente do escudo. Há uma multidão de carilybits da imprensa afastadas de nós por um cordão de isolamento disposto doze metros a nossas costas. Vislumbro cerca de uma dúzia de repórteres humanos misturados às nossas holografistas, bem como uns cinco ou seis observadores alienígenas, dentre os quais dois pseudo-insetóides n'ghartfs e um centauroíde birnax.

Odysseus contempla os jkleii com seus olhos gigantescos.

As criaturas expostas atrás do escudo defletor são de fato impressionantes! Possuem dezenas de antenas no topo do crânio. Segundo ouvi dizer, algumas dessas antenas atuam como os olhos multifacetados dos n'ghartfs; outras agem como sensores auditivos ou olfativos.

Os jkleii direcionam as antenas em nossa direção. Talvez seja apenas imaginação minha, mas aposto que nos examinam com a arrogância gelada de quem se julga superior.

E por que não?

Afinal, esses cento e poucos indivíduos são representantes de uma espécie antiqüíssima, cujos antepassados já haviam destruído dezenas de civilizações mais poderosas do que a cariléia ou a humanidade numa época em que ainda cultuávamos os astros e as forças da natureza como deuses...

Seus corpos altaneiros e oblongos, recobertos por camadas esverdeadas de penas finíssimas, mantinham-se imóveis a um metro da superfície vertical do campo energético. Seus semblantes alienígenas, silenciosos e inescrutáveis.

As carilybits do presídio foram instruídas a explicar aos prisioneiros que eles assistiriam uma

demonstração da arma que os faria implorar pela paz. Alguns poucos jkleii emitiram seu equivalente de sonoras gargalhadas, mas a maioria manteve-se impassível.

“Como ousam esses humanos bravos mas insanos,” — pensei com um travo de amargura, — “imaginar-se capazes de enfrentar uma espécie mais antiga e mais sábia, cujos efetivos são mais de cem vezes superiores aos nossos e cuja Armada é centenas de vezes mais poderosa do que qualquer força que a Associação pode sonhar reunir?”

Notando meu estado de espírito, meu módulo processador intervém:

“Mas os humanos já fizeram isto antes! Não conheciam sequer a navegação pelo não-espaco e mal haviam explorado os recônditos de seu próprio sistema, mas se atreveram a desafiar um império que se estendia pelo espacotempo afora... o Império Ry'whax, erigido por um povo outrora senhor absoluto de toda uma larga fatia da periferia galáctica.”

O Conselheiro interrompe minhas divagações de forma abrupta, ao afirmar:

— Nossa arma é esse humano. — Ele aponta para Mucius Cisalpinus, que continua imerso numa armadura de indiferença. — mais frágil e singelo que uma bateria geradora de singularidades e, no entanto, muito mais complexo e mortífero.

Há um burburinho de espanto no grupo aglomerado às nossas costas. Lanço um olhar para trás e constato surpresa também nbs semblantes dos repórteres humanos.

Só pode ser brincadeira!

Odysseus Magnus faz pouco caso de minhas orelhas e cauda que se agitam indignadas, e continua jogando para a platéia:

— Esse é Mucius Cisalpinus. Pouco mais que uma criança, com 35 anos incompletos. Um rapaz humano aparentemente normal em todos os sentidos. — Noto a ênfase intencional no “aparentemente”. No que me diz respeito, “deformado” seria o termo apropriado. Odysseus continua descrevendo o adolescente:

— Mucius é o que as gerações mais novas costumam a chamar de “neomorfo”. Como vocês decerto não ignoram, há mais de meio milênio várias culturas humanas decidiram abandonar nossa morfologia primata tradicional. Contudo, o fato é que, antes de nascer, esse jovem sofreu algumas manipulações genéticas radicais que...

— Poupe-nos da preleção científica, Conselheiro. — Disparo, rosnando baixinho, em meu último laivo de autocontrole. — Todos conhecemos o velho e discutível hábito humano de introduzir modificações pré-natais no programa genético de sua prole. Ao que nos consta, os próprios natibélicos foram criados assim, não é? No entanto, não consigo compreender como um único humano, por maiores que sejam seus talentos físicos e mentais, possa representar qualquer diferença significativa entre a derrota e a vitória...

— Se não entende, minha amiga, é sinal que chegou a hora da demonstração. Mostre a elas, Mucius.

O jovem enfim exhibe uma reação ao mundo externo. Levanta o braço direito e aponta para os jkleii. As atenções se desviam para os prisioneiros.

Com um canto de olho, observo as feições do adolescente modificando-se pouco a pouco. O olhar torna-se duro e penetrante. Os olhos se abrem, tornando-se quase tão grandes quanto os do conselheiro. Sua fisionomia assume um aspecto decidido e, tanto quanto posso dizer, um ar cruel, à medida que seus maxilares cerram-se trincados um sobre o outro.

Mucius fita diretamente os prisioneiros jkleii. Mesmo observando-o de lado, sinto como se uma forte carga emocional jorrasse do neomorfo para os invasores. Só impressão minha, é claro. Mas é uma sensação intensa a ponto de repuxar minha cauda e arrepiar os pelos de minhas orelhas e nuca. Um olhar de ódio em estado puro, como as Antigas costumavam dizer...

Se o olhar pudesse matar, esses jkleii estariam caídos, a estrebuchar sobre o piso.

Então é justo isto que acontece!

Até há instantes impassíveis atrás do escudo transparente, os jkleii acabaram de tombar ao solo e agora se debatem, contorcendo patas, braços e antenas num ritmo frenético, vítimas aparentes de uma agonia atroz. Agora, alguns jazem inertes sobre o piso, com um fluido amarelo viscoso supurando em fluxos lentos de seus orifícios cranianos. A plumagem dos poucos prisioneiros ainda conscientes tremula em desalinho, expressando primeiro susto e dor, e pouco depois o medo mais abjeto.

Os uivos lancinantes dos moribundos filtram-se através do escudo defletor. A pelagem de meu dorso se eriça contra minha vontade. Por um segundo chego a pensar que os humanos trouxeram um refrator de campo energético oculto em seus trajes. Mas, não... Ao que eu saiba, um dispositivo desse tipo é grande demais para se escondido dessa forma.

— Pelo focinho da Grande Deusa!

— A diretora do presidio enxuga o focinho úmido de medo. — O quê está exterminando meus prisioneiros?

“É o adolescente humano!” — Informa meu módulo de processamento.

— Não pode ser! Como é possível? — Indago, incrédula.

Meu implante permanece mudo.

Alguns jkleii mais resistentes ainda gemem e urram em seu próprio idioma.

Os sensores automáticos do presidio emitem um sinal de alarme num tom agudo insuportável.

“Alguns jkleii pedem clemência...” — Meu implante vacila, como se não acreditasse no que me revela.

Os últimos invasores alienígenas começam a tombar.

Não consigo controlar o tremor que me acomete. Sinto os pelos da nuca se arrepiarem. Não há explicação para esta chacina macabra.

—oOo—

— Basta! — Magnus ordena, dirigindo-se ao jovem neomorfo. E voltando-se para mim, acrescenta no tom de quem pede desculpas a uma cria bem-nova. — Precisamos poupar alguns prisioneiros, se queremos que os sobreviventes contem o que vivenciaram hoje aos líderes da Frota Jkley.

Quase todos os jkleii estão caídos no piso de concreplástico. Alguns se contorcem fracamente em espasmos involuntários, mas a maioria jaz inerte.

“Vinte e três alienígenas não apresentam sinais vitais.” — O módulo sussurra num tom assustado que eu ainda não conhecia. — “Os sensores do sistema carcerário informam que foram vítimas de hemorragias cerebrais maciças e fulminantes. Não dispomos do conhecimento necessário sobre a biologia jkley para reconstituir os danos nos sistemas nervosos dos prisioneiros...”

Mais de vinte inimigos mortos, num piscar de olhos, sem qualquer razão aparente...

— O quê aconteceu? — Pergunto num latim trêmulo.

— Esta é a arma que queríamos mostrar. — O conselheiro explica com semblante jovial, como se falasse da coisa mais prosaica da periferia galáctica. — Uma pequena demonstração dos poderes empático-emissivos de Mucius.

— Fantástico... — Suspiro entre dentes. Observo que um filete solitário de suor escorre do interior do volumoso capacete do jovem. Os olhos dele brilham intensos. Perdeu por completo aquele ar indolente de uns meros dois minutos atrás. — Mas o que aconteceu exatamente?

Quem explica é a major-cientista:

— Sempre existiram uns poucos humanos com um talento raro para interpretar e expressar sensações, sentimentos e emoções tipicamente humanos numa linguagem alienígena. Alguns geneticistas se perguntaram há séculos se esta característica, este talento, poderia ser estimulado através de alterações no genoma humano. Outros, mais ousados, imaginaram se não seria possível empregar tal poder como arma.

Os humanos e seus sentimentos atávicos...

Não vislumbro onde Maria pretende chegar.

A humana continua a preleção:

— Houve dúvidas se a capacidade de transmitir emoções inteligíveis para outro cérebro poderia ser de fato utilizada como arma. Além disso, havia toda uma miríade de questões éticas envolvidas. Para não falar no medo de que, mesmo se as experiências tivessem êxito, esses novos indivíduos não pudessem ser treinados ou controlados. Com a chegada dos jkleii e a compreensão da ameaça que a Segunda Invasão representava, todos esses escrúpulos e muitos outros foram postos de lado. Debelada a ameaça jkley, voltaremos às questões éticas e morais.

Fito a humana de boca aberta e língua pendente de espanto.

Tremo em pensar no que a humanidade foi capaz de fazer, uma vez decidida pôr fim à invasão.

Somente os humanos teriam coragem de vasculhar as funções emocionais primitivas de seus próprios cérebros em busca de ferramentas para derrotar o inimigo. Somente eles conseguiriam transformar em armas indefensáveis justo os atavismos pelos quais são acusados por várias espécies alienígenas, aliadas e adversárias, de serem pouco mais evoluídos que animais espertos.

— Um dos projetos mais ousados dessa ordem foi desarquivado e tomou forma. — Maria Morgan me lança um olhar perscrutador para verificar se estou seguindo a explicação. — Centenas de milhares de embriões humanos foram submetidos a alterações em seu programa genético para produzir indivíduos como esse jovem que vocês têm diante de si.

— E o que nós temos diante de nós? — Disparo na primeira pausa que ela me concede. — Como foi exatamente que ele conseguiu atingir os jkleii?

— Eu pensei no ódio que sentimos por eles terem destruído tantos planetas habitados. — Então

Mucius Cisalpinus sabe falar! Mas os lábios pálidos engastados nessa boca vestigial permanecem cerrados. Sua voz emerge artificial de um aparelho preso sobre o pescoço fino e dobrado para trás em forma de “V”.

— No ódio por terem ceifado tantas e tantas vidas humanas e alienígenas sem que nada pudessemos fazer para detê-los. Sondei suas mentes com auxílio do capacete, analisando seus fluxos mentais e emocionais, para aprender como exprimir meu ódio de uma forma que eles pudessem compreender... e sentir. Fito o neomorfo com curiosidade. De repente, percebo que seu aspecto hediondo já não é aquilo que mais me assusta nele.

Como os humanos tiveram coragem de transformar seus próprios filhos em monstros?

Controlo o tremor das orelhas com dificuldade. Não resisto à vontade de perguntar:

— Você fez com que eles sentissem o ódio que você nutre por eles... É isto?

— Exato.

— E porque eles sofreram tanto com isto?

— Meu capacete sintonizou a emoção para que os cérebros deles pudessem interpretar e então provocou um efeito de ressonância, fazendo com que a amplitude do ódio se elevasse centenas de vezes.

— Mas de onde veio tanta energia? Quase nada atravessou o escudo energético...

— É verdade. O efeito de ressonância foi produzido com a energia dos organismos dos próprios jkleii. Apenas programei seus cérebros e sistemas nervosos para que eles produzissem a sobrecarga.

— Incrível! — Agora não tenho mais dúvidas. Os humanos criaram monstros. Não admira que mesmo ante à ameaça da Segunda Invasão, hesitassem tanto antes de fazê-lo. — Esta experiência... a morte dos jkleii... já havia sido efetuada antes?

— Cinco vezes. Mas nunca fora do âmbito da Federação. — Odysseus Magnus explica.

— Para mim, esta foi a primeira vez. — Mucius declara, orgulhoso.

Giro as orelhas num gesto de alegria forçada.

Não há por acaso um velho ditado humano que afirma que “a primeira vez é inesquecível”?

— Vocês já dispõem desse poder há mais de trinta anos. Por quê só decidiram nos contar agora?

— Mucius Cisalpinus faz parte da primeira leva de quinze mil humanos capazes de transmitir emoções. O treinamento deles e o desenvolvimento da aparelhagem abrigada no capacete-transceptor só foram concluídos há três meses. Disputávamos uma corrida contra o tempo. Não duvide que aceleramos o máximo possível o desenvolvimento dessas crianças e o treinamento delas. Não nutro dúvidas a respeito. Afinal, a cada ano que se passou, mesmo nessa fase que os jkleii afirmam ser uma espécie de compasso de espera, os invasores varreram dezenas de sistemas estelares. Muitos desses sistemas haviam sido habitados. E em vários deles, planetas e habitats orbitais não puderam ser evacuados a tempo...

“Precisaríamos de pelo menos 30 milhões de humanos irradiadores de emoções para destruir toda a frota invasora dos jkleii.” — Meu módulo de processamento afirma com rigor implacável. Não sei de onde ele tirou essa cifra estapafúrdia... — “Eles afirmam só possuir 15 mil...”

Coço o focinho, confusa.

— Qual é o raio de ação desse... poder?

— Vinte, talvez trinta quilômetros, dependendo do indivíduo. — Magnus responde lançando um olhar sério direto para mim, num tom tão baixo que os repórteres e holografistas não conseguem captar.

— Compreendo... — Resmungo, desanimada.

O conselheiro se volta para a multidão de repórteres que se acotovelam atrás do cordão de isolamento e declara, agora em voz alta:

— Este é o teor da nova arma. Humanos capazes de transmitir emoções mortíferas. Basta um desses novos guerreiros para aniquilar toda a população de um Peregrino!

— Mas isto é... — Os olhares de advertência dos três humanos me impedem de concluir a frase.

Um alarido imenso de júbilo se ergue do grupo de repórteres. Carilybits abraçam humanos e vice-versa.

Os observadores das espécies alienígenas aliadas agitam-se, entre o cepticismo inquieto dos n'ghartfs e a euforia relinchante do birnax.

Recomponho-me rápido e, decidida a compactuar com o ardil humano, dirijo-me aos repórteres:

— Muito bem, meninas! Espero que tenham registrado tudo. Esta guerra está ganha! A Invasão Jkley é fato pretérito.

— Amanhã mesmo o Alto-Comando da Armada Conjunta transmitirá nosso ultimato aos jkleii.

— Odysseus acrescenta para a imprensa. — É claro que isto já poderia ter sido feito há uma ou duas semanas. Contudo, a Federação queria dar uma satisfação à cariléia, nossa aliada mais fiel.

— De qualquer modo, — comento em tom baixo, — os jkleii devem fazer pouco caso desse ultimato.

— Contamos que o façam. — Maria Morgan declara, abrindo em seus lábios estreitos de glanderk um sorriso frio e assustador que eu jamais julguei possível num humano. — Estamos preparados para esta contingência.

Pela postura ávida da oficial, eu diria que os natibélicos anseiam que os jkleii rejeitem o ultimato.

—oOo—

A imprensa carilybit e estrangeira cumpriu sua missão. O grande público da União Carily pôde enfim respirar tranqüilo.

A boa nova espalhou-se igualmente pelos sistemas estelares da Federação e acabou se difundindo entre os povos alienígenas que

compunham a Associação Livre através de suas respectivas embaixadas em Norgall.

Em muitas comunidades alienígenas de várias espécies distintas levantou-se a hipótese de que o ultimato humano aos jkleii não passava de um blefe. Em Caril e na Exterioridade, todas nós, que conhecemos tão bem o espírito belicista da humanidade há mais de um milênio, sabemos que nossos aliados jamais fazem ameaças que não se julgam capazes de cumprir.

Os prisioneiros jkleii sobreviventes das várias experiências e demonstrações desencadeadas pelos jovens neomorfos humanos foram libertados e encaminhamos de volta à frota invasora.

Imagino que tenham falado sobre o horror que sentiram dentro de seus espíritos.

É claro que uma coisa é sentir essa experiência horrível na própria carne ou presenciá-la in loco. Outra, muito diferente, é ouvir sobre um horror decorrido a centenas de anos-luz de distância.

Ouvi dizer que o ultimato da Federação Humana foi recebido nos Peregrinos com o correspondente jkleii a um sonoro uivo de escárnio.

Como aqueles bípedes minúsculos e primitivos ousam emitir ultimatoss? Precisam receber uma lição.

A frota gigantesca mobilizou-se para invadir o espaço que a humanidade ocupa na Periferia.

Dois meses mais tarde, 287 Peregrinos vagam à deriva pelo espaço interestelar a meras vinte horas-luz de Victoria, o principal planeta humano do Sistema Triplo de Alpha-Centauri, sem nenhum jkleii vivo abordo. Outras 313 naves-mundo explodiram quando os últimos jkleii conscientes conseguiram ativar mecanismos de autodestruição existentes a bordo antes de sucumbir ao poder empático-emissivo dos neomorfos humanos.

Mais de 12.000 desses humanos especiais pereceram no ataque da Armada Conjunta à frota de Peregrinos.

Nossos aliados alienígenas não estavam tão equivocados assim.

Parte da estratégia humana consistiu num blefe, afinal.

A Federação consumiu quatro quintos dos efetivos de sua arma mais poderosa para abater menos de um milésimo da frota inimiga... Isto sem falar nos milhões de natibélicos e carilybits que morreram nas ações de abordagem e ocupação dos Peregrinos, tentando garantir a segurança dos adolescentes geneticamente alterados.

Talvez os jkleii tenham acreditado, quando os humanos ameaçaram destruir não apenas 600 Peregrinos, mas 60 mil, num segundo ataque devastador. É possível que ignorem que a Federação só disporá de novos efetivos de humanos emissivos para um ataques desses daqui a uma ou duas décadas.

Mas eu duvido.

Os jkleii estão longe de serem idiotas. Eu diria que os xenologistas deles são quase tão bons quanto os nossos...

Julgo pouco provável que não tenham descoberto que os humanos ainda não possuem efetivos necessários para cumprir a ameaça.

Pouco importa que acreditem ou não.

Pois agora que os jkleii descobriram com quem estão lidando, parecem ter perdido toda a empáfia. Estão ávidos para se sentar à mesa de negociações para acordar uma retirada honrosa das regiões reclamadas pelas espécies componentes da Associação Livre. Há fortes indícios que estão dispostos a aceitar todas as exigências da humanidade e da cariléia.

Pelo que conheço da psicologia jkley, nossos inimigos devem ter se perguntado como poderiam enfrentar uma espécie capaz de transformar seus próprios filhos em monstros horrendos, mentalmente disformes e com capacidades medonhas para em seguida enviá-los para a morte certa nas mãos do inimigo...

Um povo capaz de cometer um tal ato de barbárie com seus próprios rebentos deve ser capaz de

absolutamente tudo. O inimigo mais cruel jamais conseguirá dobrar ou derrotar um povo assim. É bem provável que só a aniquilação completa, até o último indivíduo, assegurasse a vitória...

Mas como aniquilar um inimigo aquartelado no interior de sistemas quase inexpugnáveis?

Os jkleii sabem que o tempo agora corre a favor dos humanos e de seus aliados.

Por isso, solicitaram o armistício e nós o concedemos. Em nossos termos. Agora, somos nós que ditamos as regras do jogo.

Os jkleii deverão se retirar da nossa região da Periferia. E deverão abandonar de vez a atividade predatória. Caso necessário, nós os ensinaremos como extrair energia e matéria de universos desabitados. Por todas as áreas da galáxia por onde vagar, a frota de Peregrinos será escoltada por flotilhas da Armada Conjunta, para garantir o fiel cumprimento dos termos de nosso tratado.

Ainda estranho ao ver os jkleii, outrora tão orgulhosos e seguros de si, com as cristas córneas baixadas em sinal de submissão. Agora dizem-se dispostos a seguir todas as condições que lhes estamos impondo.

Depois de mais de 300 mil anos vivendo como predadores, imagino que a mudança seja terrivelmente traumática para os jkleii.

Contudo, a médio e longo prazo, que escolha teriam? Enfrentar inimigos tão terríveis, cujas simples emoções são capazes de matar milhares de indivíduos a quilômetros de distância? Criaturas racionais impiedosas a ponto de sacrificar a própria prole num mero blefe?

Impossível...

E a cariléia, tendo os humanos por aliados, como fica?

Em toda a União, o povo e as hierarquias estão exultantes com a vitória e o desbaratamento da Invasão Jkley. Todos louvam a sabedoria de nossas ancestrais que na época do primeiro contato decidiram em favor de uma aliança duradoura com a humanidade.

Eu cá comigo, tenho minhas dúvidas.

Se já as tinha antes da chegada dos jkleii, hoje em dia elas se transformaram em pesadelos insuportáveis.

Não raro desperto de meus períodos de repouso com um mesmo pesadelo recorrente. Aqueles olhos imensos como os de um glanderk fitam-me insistentes. Deles, contudo, não recebo o olhar meigo e devotado dos nossos animais de estimação, mas a mirada fria e cruel de um olhar capaz de fazer meus piores medos, meus temores mais secretos, aflorar em realidade com força avassaladora, a ponto de destruir meu espírito...

Minhas amigas e colegas de hierarquia afirmam de tais pesadelos não passam de tolices de minha parte. Mas fui eu e não elas quem presenciou a facilidade com que o jovem humano aniquilou os prisioneiros jkleii daquela forma horrível.

Por mais que eu tente relaxar e superar o assunto, meu implante está sempre repetindo um questionamento cada vez mais doloroso: "Com os novos poderes dos humanos, que espécie ousará lhes fazer frente? É só uma questão de tempo até que tenham toda a Via Láctea na palma da mão... Que tipo de papel subordinado você julga que restará à cariléia neste novo equilíbrio de forças?"

Não tenho respostas para essas perguntas tão graves e insistentes.

Acaso possuíam os glanderks respostas para perguntas deste gênero quando iniciaram seu relacionamento simbiótico com aquelas primeiras caçadoras neolíticas?



Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros de FCF&H!

Astaroth

Editor : Renato Rosatti. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações (4 págs./A5)
R. Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo / SP CEP 04772-070.

Hiperespaço

Editores : Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica:
contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação (20 págs. / A5).
Cx. Postal 375, Santo André / SP CEP 09001-970

Hipertexto

Editores : Carlos André Mores e Roger Trimer. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela UFSCar.
Contos, artigos e poesias (50 págs. / mag). R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

Informativo Perry Rhodan

Editor: Daniel dos Santos. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades,
artigos e contos. (12~16 págs./A5). Rua André Marques, 209/09 Santa Maria / RS CEP 97010-041.

Intrepid

Editor : Fábio Barreto. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas* (20 págs. / A4, capa em cores)
R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo / SP CEP 08290-000.

Juvenatrix

Editor: Renato Rosatti. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos (20 págs. / ofício / 3~4 ed. por ano)
R. Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo / SP CEP 04772-070.

Megalon

Editor: Marcello Simão Branco. O mais premiado fanzine brasileiro de FC&F : contos, artigos, notícias, cinema
e quadrinhos. (30~40 págs. / ofício / 5 ed. por ano) Av. Clara Mantelli, 110 São Paulo / SP CEP 04771-180

Notícias... do Fim do Nada

Editor : Ruby Felisbino Medeiros. Contos, artigos, desenhos de FC&F (arte), catalogografia, memória de FC e listas de livros
(34 págs. / A4 / trimestral) R. Comendador Azevedo, 506 Porto Alegre / RS CEP 90220-150

Brief News

Editor : Alexys B. Lemos. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. (10 págs. / A4 / trimestral)
Cx. Postal 129, João Pessoa / PB CEP 58001-970.

Suplemento de Ficção Científica

Editor : Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*, resenhas de livros
estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

Fábrica de Fanzines

Editados por Roberto de Sousa Causo

R. André Dreifus, 109/163 Bloco 2 São Paulo / SP CEP 01252-901 e-mail : berserker@dks.com.br

Biblioteca Essencial da FCB : série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios
e monografias sobre a FC no Brasil.

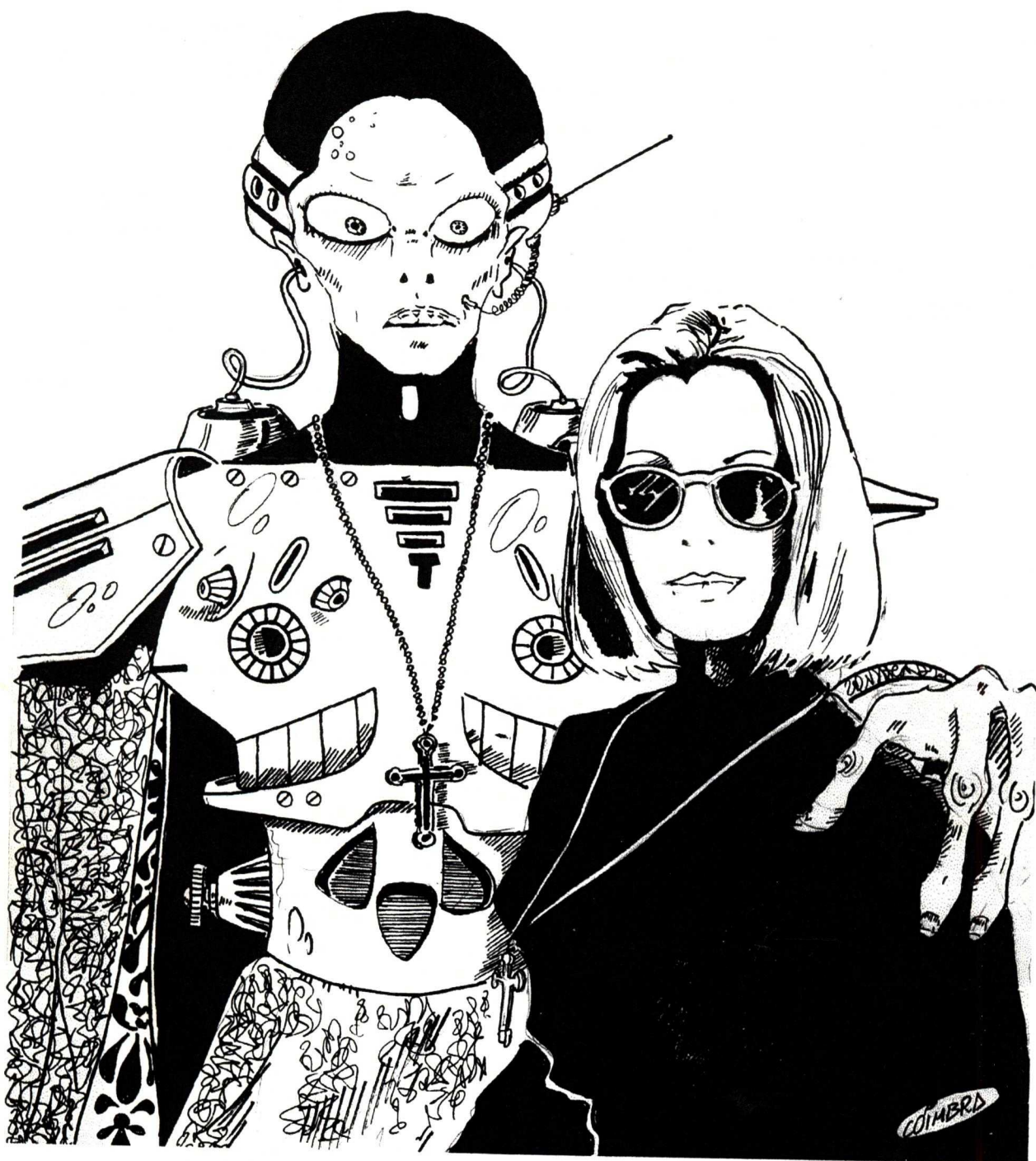
Borduna & Feitiçaria : O único fanzine dedicado à fantasia heróica, arturiana e medieval, traz em seu nº 10
ilustração de Edgard Guimarães, conto inédito de Roberto S. Causo, artigo inédito de Bráulio Tavares, resenhas
por Finísia Fideli e Caio Bezarras e a coluna "Cinema Fantástico", falando do filme *O 13º Guerreiro* (16 págs. /
A4). Apenas R\$ 3,00

Brazuca Review : Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos (22 págs. / A4).

Diário do Fandom : Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também
resenhas sobre lançamentos na área de FC&F (8 págs./ A4 / trimestral).

Papêra Uirandê Especial : Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior (36 págs. / A4).

O Rhodaniano : Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan* (12 págs. / A4)

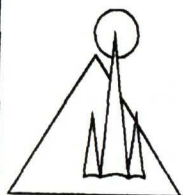


CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais em São Paulo / SP, todos os últimos sábados de cada mês, exceto dezembro (quando ocorre o tradicional almoço de confraterização) :

Das 15h às 18h : Clube dos Engenheiros da RFFSA / R. José Paulino, 7 (Estação da Luz)

Das 19h até o último sair (ou ser expulso) : Presto Pizza / R. Esmeralda, 39
(próx. ao Parque da Aclimação)



C.L.F.C.